

**CENTRO DE
ESTUDOS BUDISTAS**



COMPILAÇÃO DOS ENSINAMENTOS SOBRE

O S D O Z E E L O S

DA ORIGINAÇÃO INTERDEPENDENTE

ministrados por

Lama Padma Samten

TEXTOS COMPILADOS

Texto 1

Os Doze Elos da Originação Interdependente – Construção
Fundação Peirópolis – 2000

Texto 2

Os Doze Elos – Dissolução a nível causal
Fundação Peirópolis – 2000

Texto 3

Psicologia Budista
Recife – 2004

Texto 4

As Seis Formas de Avidya
Viamão – 2002

C O N T E Ú D O

INTRODUÇÃO	Texto 1	05
	Texto 2	10
	Texto 3	12
1º ELO	Texto 1	16
Avydia Ignorância	Texto 2	24
	Texto 4	25
2º ELO	Texto 1	41
Samskaras Marcas Mentais	Texto 2	43
	Texto 3	44
3º ELO	Texto 1	50
Vijnana Consciência	Texto 2	54
4º ELO	Texto 1	55
Nama-Rupa Aspiração	Texto 2	57
	Texto 3	57
5º ELO	Texto 1	60
Shadayatana Esfera dos Sentidos	Texto 2	61
	Texto 3	62
6º ELO	Texto 1	66
Spasha Contato	Texto 2	66
	Texto 3	67
7º ELO	Texto 1	69
Vedana Sensação	Texto 2	70
	Texto 3	72
8º ELO	Texto 1	77
Trishna Desejo	Texto 2	77
	Texto 3	78
9º ELO	Texto 1	79
Upadana Apego	Texto 2	79
	Texto 3	80
10º ELO	Texto 1	81
Bhava Existência	Texto 2	83
	Texto 3	83
11º ELO	Texto 1	85
Jeti Nascimento	Texto 2	85
	Texto 3	90
12º ELO	Texto 1	94
Jana-marana Envelhecimento e morte	Texto 2	96
	Texto 3	98
Dissolução pelo Método da Luminosidade	Texto 2	99
Breve Giro pelos 12 Elos	Texto 3	107
Focando a Natureza Última pela Guru Yoga	Texto 3	113
Reinstalando a Liberdade	Texto 3	115
Processo de Purificação – Quadro 240 Itens	Texto 3	118
Processo de Construção – Quadro 200 Itens	Texto 3	120

TEXTO 1

INTRODUÇÃO

Após o Buda ter atingido a liberação completa, ele passou a manhã seguinte inteira analisando como os seres que manifestam a natureza de buda ficaram presos em um processo como esse, em uma Roda da Vida. Ele examinou como o processo se dá e como é possível a liberação. Ele procurou saber como foi que essa coisa toda aconteceu e como surge a experiência da Roda da Vida.

É dito que ele percebeu que essa experiência é montada através de 12 etapas, que são etapas sucessivas, causais e, portanto, uma serve de substrato para a próxima. Ele examinou como todas essas etapas são montadas e como podem ser desmontadas, como suas experiências podem ser revertidas. Conta-se que ele ia do primeiro ao décimo segundo elo e do décimo segundo ao primeiro. Ele percebeu, então, que nós montamos andando em uma direção e desmontamos andando na direção oposta. Assim é o ensinamento da Roda da Vida.

Como todos os ensinamentos budistas, o ensinamento da Roda da Vida tem vários níveis de compreensão. Nós podemos compreender em um nível muito simples, aonde nós somos indivíduos separados. Nós estamos dentro de uma experiência quase que externa, completamente dominados por alguma coisa e estamos dentro de um processo causal que, inevitavelmente, vai-nos levando em uma certa direção.

.....

Todos os seres nascem, vivem em um tempo, durante o qual suas capacidades se expandem, se estabilizam e diminuem. Durante a vida, temos a sensação de sermos um pouco como equilibristas em um circo, muitos pratos girando. De vez em quando cai um, mas conseguimos desenvolver bem essa habilidade. Quando o prato de uma ponta está quase caindo, corremos, o endireitamos e voltamos para os outros pratos e assim vamos. Com o tempo, percebemos que podemos equilibrar mais e mais pratos. Mais tarde, começamos a reduzir o número, até que só conseguimos girar um só prato, que representa o nosso corpo. Finalmente, nem esse conseguimos mais girar. Morremos, estamos liberados dos pratos. Depois tudo começa novamente. Isso é a Roda da Vida.

Quando estamos imersos nesse processo, não conseguimos determinar como tudo começou. Também não entendemos em que direção isso vai. Não queremos que tudo se repita, mas tudo segue girando, independente da nossa vontade.

No sentido budista isso é chamado de experiência da Roda da Vida. Existe uma grande diferença em dizermos que estamos presos na Roda da Vida ou que estamos na experiência da Roda da Vida. Porque? A realidade verdadeira é a natureza ilimitada. No entanto, podemos dentro dessa natureza ilimitada, ter a experiência da Roda da Vida, que é uma experiência limitada. Mesmo essas categorias de limitado e ilimitado não são suficientes abrangentes. Mais adiante poderemos perceber que a categoria limitada também é ilimitada.

(Palestra em Guarulhos-SP / 08.12.00)

.....

Os ensinamentos da Roda da Vida podem ser dados dentro da seguinte característica:

1. Por estarmos presos na ignorância, brota dentro de nós as marcas mentais;
2. Com o surgimento das marcas mentais, surge naturalmente a nossa identidade;
3. Quando surge a nossa identidade, nós tentamos perpetuar alguma coisa;
4. Por querer perpetuar algo, manifestamos o nosso corpo;
5. Surgindo o nosso corpo, fazemos o contato;
6. A partir do contato, temos sensações;
7. Quando surgem as sensações, tentamos sustentar as agradáveis e nos afastar das desagradáveis;
8. Obtemos sucesso e esse sucesso estabelece a nossa visão de mundo, a nossa visão de identidade;
9. A partir daí, as nossas prioridades estão estabelecidas;
10. A partir das prioridades, surgem as urgências;
11. As defesas, os três animais, operam, mas, como a impermanência não pode ser evitada, em um certo momento, tudo desaba;
12. Quando tudo desaba, nós mantemos as sementes cármicas, ou seja, não importa qual foi o tamanho do estrago, a semente cármica está preservada.

Então nós reinstalamos tudo, reorganizamos e remontamos a partir da experiência anterior e a partir do impulso da semente cármica.

Assim, tudo vai girando. Nós saltamos para uma outra posição dentro da roda e vamos seguindo. Quando chega a desgraça final, nós saltamos para um outro ponto e assim nós vamos girando a roda. Esta é a explicação causal, que é uma das formas de usufruirmos do ensinamento sobre os 12 elos. O Buda deu várias vezes o ensinamento dessa maneira.

Ainda que ele dê esse ensinamento desse modo, ele ensinou como nós também podemos, a esse nível separativo, reverter esse processo. Referindo-se a pessoas separadas, com experiência de separatividade, ele dizia:

- Temos a experiência de dor, de desgraça, de desespero, de dissolução porque estávamos envolvidos em um processo de aspiração, de equilíbrio e de busca. Nascemos em algum momento e nos movemos dentro de um mundo que reconhecemos, o que é a décima primeira etapa e a décima também;
- Esse processo ocorre porque tivemos experiências de sucesso;
- As experiências de sucesso estão na dependência de uma visão de aspiração;
- A aspiração está na dependência das emoções que tivemos em experiências singulares;
- Essas experiências singulares estão na dependência de contato;
- Contato está na dependência do surgimento do nosso corpo;
- O surgimento do nosso corpo está na dependência de uma aspiração;
- A aspiração está na dependência de uma estrutura mental;
- Essa estrutura mental está na dependência de marcas mentais;
- As marcas mentais surgiram pela ignorância;
- A partir do princípio da ignorância tudo se monta;
- Se nós compreendermos aquilo que está antes da ignorância e, assim, nos liberarmos da ignorância, nos liberamos de nossa aflição nesse momento.

O Buda deu, muitas vezes, o ensinamento desta maneira. Ele deu o ensinamento para pessoas que têm como aspiração, receber o ensinamento e utilizá-lo para livrar-se de sua própria dor. Esse tipo de ensinamento corresponde à categoria de ensinamentos Hinayana, onde nós estamos concentrados em nós mesmos, separados do mundo, separados dos outros seres. Nosso grau de interesse alcança apenas a nossa própria identidade. Desta forma, estamos focando os ensinamentos na perspectiva Hinayana.

Olhando os ensinamentos dos Doze Elos na perspectiva Mahayana, compreendemos como todos os seres estão presos nesse processo e tentamos descobrir como se livrar disso. Ainda assim, nós acreditamos, nesta perspectiva Mahayana inicial, que os seres estão separados uns dos outros. Apenas a nossa motivação é tal que a nossa mente os alcança. Não é apenas uma questão de estarmos presos a um processo de sofrimento. Os outros seres também o estão e a nossa mente os alcança. Dizemos: *“Eu não quero que a minha filha passe por isso, não quero que a minha esposa, o meu marido passe por isso, os pais, mães, etc., as pessoas queridas”*. Nós não queremos que ninguém passe por isso. Desta forma, precisamos tornar isto muito claro na nossa mente, temos que encontrar a saída, para poder ajudar os seres. Essa é a perspectiva dos bodisatvas. Mesmo que os bodisatvas não tenham uma compreensão completa, eles têm essa aspiração.

.....

OS SEIS REINOS DA EXISTÊNCIA CÍCLICA (sâncr. *Samsara*)

Reino dos Deuses (sânsr. *Deva*)

Assim, como começamos a tentar sustentar coisas e a defendê-las, terminamos por encontrar formas de fazer isso. Se somos muito hábeis, encontramos a forma dos reinos dos deuses. Neste caso, conseguimos defender a nossa identidade com muita habilidade. Nós não temos um choque direto, temos uma forma de trazer benefícios aos outros ao redor, mas estamos fixados em uma identidade e temos as sensações de lucro e de perda. A diferença é que conseguimos manobrar tudo e, geralmente, tudo anda bem e todos estão felizes, temos muito mais lucros do que perdas. Um bom exemplo disso é o de um vendedor de sucesso. Quando ele vende, ele não só vende seu produto bem, como seu cliente fica satisfeito. Por isso ele segue vendendo. Tudo vai indo bem, por que parar?

A nossa maior penalidade é ter sucesso. Quando somos derrotados, nós paramos, pensamos e pulamos para outra coisa. Quando temos sucesso nos fixamos, ficamos presos. Um bom vendedor com muito sucesso nunca vai se mover dali. Ele está preso no décimo elo e o décimo primeiro está funcionando bem. Ele nunca se depara com o décimo segundo porque ele tem habilidade. Porque ele faz isso, porque ele tem essa habilidade, ele desenvolve uma manifestação de auto-suficiência, de orgulho.

Nós estamos encontrar um processo de felicidade e de afastamento do sofrimento. Nos temos uma consciência dual e, no meio disso, encontramos chaves duais, comportamentos duais. Esses comportamentos duais são a decorrência natural daquele esforço de encontrar soluções. Por nos encontrarmos presos na dualidade, só podemos ter soluções duais. Assim, nós geramos as 6 emoções perturbadoras, que são o orgulho, a inveja, o desejo e apego, a obtusidade mental, a carência e a raiva.

Reino dos Semi-Deuses (sânsr. *Asuras*)

Continuando no exemplo do vendedor, ele está trabalhando no meio daquela experiência, acha que tudo está andando muito bem. De repente, ele se dá conta de que alguém está melhor do que ele. Surge, então um sentimento que ele não estava acostumado a ter e com o qual ele não sabe lidar. Ele sempre achou que estava por cima, nem acredita. Ele pensa: *“Como pude me enganar durante tanto tempo? Achei que estava bem e não estava. Existem outros que estão bem melhores do que eu. Como pude ser tão tolo!”* Quando isso acontece, automaticamente, ele passa a encontra-se no reino da inveja. Ele não se dá conta de que acaba de sair do reino dos deuses, onde tudo era feliz, onde tudo estava bem. Ele tem a sensação de que avançou, que está mais esperto. Nesse momento, ele a responsividade do reino dos Asuras, dos Semi-Deuses começa a agir sobre ele. Ele começa a competir e se acha mais esperto do que antes.

Reino Humano (sânschr. *Manushya*)

Então ele segue competindo e não obtém resultado, porque sempre existe alguém acima dele. Ele acha seu problema está nos outros que estão acima ou na sua incapacidade de derrubá-los e reassumir seu lugar, como o melhor vendedor. No entanto, o problema está em sua atitude. Por estar preso carmicamente à responsividade, ele não percebe o que está se passando, realmente. Ele tem uma visão, tem a ocultação, a ocultação da ocultação e o processo de resposta automática que o mantém girando.

Após continuar girando, um dia cai a ficha e ele diz: *“Claro, como eu não havia percebido. Assim nunca vou obter sucesso. Para isso, eu preciso primeiro de...”* Assim surge uma lista de coisas que ele necessita, uma lista cósmica. *“Eu seria feliz e poderoso se...”* Nós temos uma lista de desejos e apegos, coisas essenciais para nós. Neste ponto, ele já é humano, já penetrou nesse reino. Estava no reino dos deuses, desceu para os Semi-Deuses e, agora, está no reino dos humanos. Neste reino a experiência não é mais de *“Eu quero, eu posso, eu vou...”* mas *“Para conseguir eu preciso de...”* Os Asuras têm a experiência de poder. Eles sabem que não têm capacidade total, mas sabem que têm muitas capacidades. Eles não acham que precisam de alguma coisa externa para conseguir algo. Eles dizem: *“Eu vou lá e vou derrotar aquele sujeito!”* Parece que eles podem, eles pensam que podem, mesmo não conseguindo, no final.

No reino humano, já transferimos a nossa fraqueza para coisas externas, para objetos. Achamos que, se tivermos tais coisas, seremos capazes de fazer isso ou aquilo. Novamente, isso é vivenciado como uma experiência de esperteza. O vendedor justifica: *“Claro, eu não tinha aquilo, por isso eu não podia ter ganho.”*

Reino dos Animais (sânschr. *Tyriak*)

Após muito competir, ter necessidades de coisas externas e, ainda assim, não obter resultados, a pessoa cai para o quarto reino, o dos animais. Ele alega: *„Isso não faz sentido, essa lista eu nunca vou obter. Eu sou mesmo um fracasso, um ser inferior. Não tenho como alcançar aquilo. Eu nem mesmo sei o que precisaria fazer para vencê-los...”* Neste momento, desce uma obtusidade mental (Sânscrito = MOHA).

Por que o ser quer ser feliz e quer afastar-se do sofrimento, ele olha para todo o processo, a experiência e acha que não vai conseguir. Esse aspecto de obtusidade mental, *Moha*, inclui a televisão, álcool, drogas, depressão, ou seja, todos os aspectos ligados a um recolhimento obtuso. Tudo isso é Tamas.

Ele se acha muito esperto nesse momento. Ele olha para os outros e acha que eles, também, não vão conseguir nada, que qualquer esforço não vale a pena. Ele não só se considera insuficiente, mas acha que todos os outros o são. A diferença é que ele já percebeu e os outros ainda não, por isso ele se considera muito esperto.

Moha é, muitas vezes, traduzido por ignorância. Ignorância, também, é a tradução de *Avydia*, mas são categorias diferentes de ignorância. Dentro de *Avydia* existe uma inteligência, um brilho. Um cientista muito inteligente está operando sob *Avydia*. *Moha*, contudo, é seu pior aluno. Ele olha os livros e nem sabe por onde começar, melhor nem começar. Ele tem um desinteresse.

Na Helvética, seria a categoria de Tamas. *Avydia*, no entanto, inclui *Satva* que, por sua vez, não é *Vijnana*, nem *Prajna*. *Avydia* inclui todos os três *Gunas*. *Moha*, por sua vez, inclui especificamente Tamas. Daí vem, também, a noção de alimentos tamásicos, que nos deprime, que nos obscurece a mente. A carne, gordura, por exemplo, são alimentos tamásicos, porque eles nos produzem obtusidade, lerdeza. Os alimentos rajásicos e sátvicos também têm *Avydia* dentro. Sendo que o alimento sátvico tem o poder de preservar a vida humana preciosa, ele tem uma categoria de sabedoria dentro, mesmo sendo esta dual. Ele está na dimensão de preservar as condições de praticar.

Observando as classes de ensinamentos, percebemos que um indivíduo que pratica satva tem uma compreensão mais elevada. Ainda assim, temos um indivíduo praticando satva. Ainda existe alguém que acha que algo é melhor ou pior. Ele não está operando com Prajna. Um bom praticante pratica satva, mas isso não quer dizer que ele tenha a compreensão de Prajna.

Reino dos Fantasmas Famintos (sânsr. *Preta*)

Quando estamos dominados pelos componentes de Moha, é como se abdicássemos do interesse e da ação do mundo. Quando tal coisa acontece é uma situação muito grave. Nós somos sustentados pelo mundo sem dar nenhum retorno. Todos nós consumimos água, ar e comida para viver. Se perdermos o interesse por tudo que está ao redor, nossos méritos vão cessando. As mães se cansam, os amigos começam a empurrar. Nossos méritos na relação com o universo cessam.

Voltando ao exemplo do vendedor, de repente ele se vê carente. Falta comida, falta roupa limpa, falta abrigo, faltam amigos, reconhecimento, afeto... Falta tudo. Ele se sente rejeitado, não amado, abandonado. Quando isso acontece, ele passa a ser dominado por uma aflição.

A aflição é característica do quinto dos reinos, o reino dos fantasmas famintos, a condição natural pela operação geral daquele procedimento. Neste momento, ele percebe que os outros têm e ele não. Ele começa a se dar o direito de chegar e pegar, de roubar. Não compreende o aspecto de mérito, não compreende como as coisas giram. Ele está completamente distante dos reinos dos deuses, onde um dia habitou, onde era capaz de trazer felicidade para outros e para si mesmo. Agora, ele se encontra em uma outra condição.

Reino dos Infernos (sânsr. *Naraka*)

Dominado pela aflição, ele começa a ter várias idéias estranhas. Todas elas estão ligadas a acessar aquilo que ele não tem mérito, que nunca poderia ganhar na situação em que está. Porque ele tenta se apoderar daquilo que não merece, ele será perseguido. Assim começa o reino dos infernos.

Na medida em que essa relação com o ambiente se torna mais crítica, ele começa a ter a experiência de estar cercado de inimigos, de seres terríveis. Ele se sente legitimamente rodeado de inimigos. Por esse motivo, ele termina por agredir os outros e é, da mesma forma, agredido. No meio disso, existem várias graduações.

O inferno mais brando é quando seus inimigos são iguais à pessoa. Mesma força, mesmo poder. Ele é derrubado por eles e os derruba em uma luta interminável, sem nunca ter sossego. Quando morre, por estar mentalmente preso ali, ele renasce no mesmo âmbito. Ele olha para os outros e não tem vontade de abraçá-los ou se alegrar. Pelo contrário, sente muito medo. Sempre que puder, ele vai agredir, porque está preso à Avydia. A liberdade que ele vê é a de agredir o outro ou deixar que o outro o agrida, é tudo. Toda a sua responsividade está ligada a esse âmbito.

Lama Padma Samten, Palestra em Guarulhos, 08/12/00

Existem 10 graus de bodisatvas. Dentro dos primeiros níveis dos bodisatvas ainda existe a noção separativa e é sobre isso que eu estou falando. Nós podemos receber os ensinamentos dentro da perspectiva separativa também, aonde a nossa aspiração é uma aspiração de um bodichitta relativa. Relativa porque nós estamos presos ainda à dualidade; a nossa visão, ela não está ampliada ainda.

Mais tarde, vamos ainda olhar esses ensinamentos dentro de uma visão mais ampla, quando percebermos a causalidade operando. Ao mesmo tempo, vamos perceber que a causalidade não é uma prisão verdadeira, que existe uma dimensão de liberdade em cada um desses níveis e nós podemos dissolver a nossa ligação com a roda nível por nível ou de uma forma causal. Vamos, então, entender como esse processo surge, como a delusão se manifesta e como a inseparatividade opera. É sobre este nível que eu vou falar para vocês. Eu vou explicar os 12 elos dentro dessa perspectiva, que é a perspectiva mais elevada.

Dentro dessa perspectiva, eu vou iniciar falando do primeiro ao décimo segundo elo, explicando isso de forma causal. Então nós vamos entendendo, também, como o processo não causal pode operar e como podemos nos livrar dele. Nós vamos olhar de várias maneiras e a primeira será de forma causal.

É importante que percebamos a delusão operando por todos os lados. Quando nós a percebemos, no primeiro nível de compreensão, sentimos uma espécie de amargor. Dizemos: *“Pah! Estou preso nesse processo!”* Este, porém, é só o primeiro nível. Nós não vamos nos fixar nisso. Vamos passar quase diretamente para o terceiro nível. É sobre o que eu vou falar neste ensinamento. O nível de apreciação, o nível de quase deleite pela operação mágica da delusão, trazendo esse aspecto todo. É o nível de liberdade. Nós vamos trabalhar nesse aspecto.

.....

OS QUATRO NÍVEIS DE ENSINAMENTOS

1. Auto-centramento

Queremos andar melhor no meio desse filme, queremos uma experiência melhor no meio desse filme da Roda da Vida.

2. Inseparatividade

Descobrimos que a nossa natureza se torna ampla a ponto de incluir os outros seres. Já não estamos presos em nós mesmos, podemos olhar os outros seres e nos manifestar pelo interesse para com os outros seres e sentiremos felicidades ou infelicidades, temos os impulsos de ação de uma forma muito mais ampla do que quando estamos apenas olhando para nós. Vemos que na inseparatividade com o outro, podemos manifesta compaixão, amor, alegria, equanimidade, generosidade, moralidade, paciência, energia constante, concentração da mente e sabedoria. Todas essas qualidades transcendem uma experiência estritamente pessoal.

3. Transcendência

Percebemos que além da nossa identidade existe uma liberdade. Ela se manifesta como a nossa identidade, mas também, como as qualidades que estão além das identidades. Ainda que nós amemos alguém, esse amor não nos pertence, ainda que pareça ser uma experiência nossa. Da mesma forma que, em uma noite enluarada, nós veremos a lua refletida na água. Isto não significa que ela pertença ao lago, nem a nós. Uma outra pessoa verá a mesma lua refletida em seu lago. Se perguntarmos a ele como ele vê a lua, ele a descreverá um pouco diferente. Se essa pessoa estiver distante, pode até ser que ela nem acredite que haja uma lua esteja em nosso lago. Ela poderá achar que a lua pertence a ela e que ninguém jamais poderá vê-la, a não ser no seu lago.

Ainda que essa experiência do amor se manifeste em todos os lagos do planeta, ela não está aprisionada a nenhum deles. Podemos manifestar essas características como possessões pessoais ou como aspectos ilimitados. Percebendo isso, vemos que a característica do primeiro tipo de ensinamento é quando nós procuramos a lua certa para dentro do nosso lago particular. Tendo-a encontrado, procuramos manifestá-la em outros lagos de outros lagos, trazendo benefícios a eles.

Nesse momento, a nossa visão se amplia. Nós percebemos agora que, em lugar de estabelecer essa ressonância com uma lua particular dentro de um lago, estendemos os olhos e reconhecemos essa lua que gera todas as outras luas e buscamos nos conectar com essa dimensão, que ultrapassa o limite da particularidade. Como estamos tão presos às noções de particularidades, a nossa própria linguagem não consegue expressar isso direito. Por esse motivo, usamos metáforas, como essa da lua.

Que maravilha que a lua que está no seu lago é a mesma que está no meu lago!

Podemos ainda usar uma outra linguagem, dizendo: *“Eu rezo para Tara”*. Nós buscamos a ressonância com um ser que ultrapassa as características humanas mas que se manifesta com qualidades que está presente em todos os corações. Neste momento, não nos sentimos mais sós, porque passamos a reconhecer essas qualidades nos outros. Reconhecemos que a nossa natureza divina é igual a natureza divina do outro. Em lugar de dizermos *“A lua está só aqui no meu lago”*, dizemos: *“Que bom que a lua que está no seu lago é a mesma que está no meu lago!”*

Percebemos que os nossos problemas também são iguais. Existem naturezas que se manifestam em todos os lagos, não precisamos de uma exclusividade. Nos alegramos em reconhecer o nosso coração e o coração da deidade, de Tara, presente em todos. Quando, então, alguém nos olha com uma cara feia, já não acreditamos mais naquela face, sabemos que ali dentro tem o mesmo coração. Assim, nos comunicamos com aquele coração escondido naquela face e aquela natureza responde. Essa é razão pela qual fazemos a prática de Tara, é a canção que cantamos para o coração que, muitas vezes está escondido atrás de uma aparência sofrida.

4. Luminosidade

Veremos muitos sábios de cara fechada. Eles não personificam uma identidade que seja uma personificação de todas essas qualidades. Eles reconhecem incessantemente que todas as manifestações têm a natureza divina. Por onde eles olham, ou ouvem, ou pensam reconhecem a natureza divina completamente presente em tudo o que é sublime, ou limitado, ou infeliz.

Observem que o próprio Buda dava ensinamentos nesses quatro níveis. O Buda sentava diante da Shanga e falava. Enquanto ele falava, alguns discípulos pensavam *“Esse é o ensinamento verdadeiro do Buda”* e guardava as palavras, as memorizava. Muitos discípulos faziam isso. Quando o Buda morreu, seus discípulos escreveram seus ensinamentos e, assim, os textos surgiram. Parece que o ensinamento está apenas nas palavras. No entanto, no momento em que o Buda falava, ele dava mais dois outros ensinamentos silenciosos. O segundo ensinamento é o fato de ele ter interesse por todos. Buda escutava a mente de seus discípulos e sabia qual eram as suas dificuldades e ele falava em ressonância às dificuldades que ele via nas pessoas. Logo ele manifestava diretamente, na frente de todos essa capacidade de alcançar suas mentes, de alargar seu próprio foco e alcançar tantas mentes que ele quisesse. Ele dizia:

Esses ensinamentos serão úteis mesmo no último Kalpa desse ciclo.
Buda Sakyamuni

Ao mesmo tempo, silenciosamente, ele manifestava a terceira forma, ele personifica as qualidades que estão presentes nos corações de todos. Assim, quando nós rezamos para Tara, nós pedimos as qualidades de Tara e pedimos a proteção de Tara. A deidade Tara manifesta esse conjunto de qualidades e perfeições, assim como, o Buda diante da Sanga manifestava isso. Todos olhavam para ele, faziam circumambulação. A mera presença dele transformava a mente de seus discípulos.

Ele manifestava ainda a quarta forma. Enquanto ele se dirigia aos seres, ele expressava nos ensinamentos a natureza divina de tudo. Mais ainda, ele mostrava como ele, em corpo limitado, manifestava diretamente a natureza divina, ele une céu e terra em sua própria manifestação. Quando ele sentava, ele expressava a natureza divina na forma humana. Ele revelava diretamente isso acontecendo na cara de todos e ninguém via. As pessoas estão ouvindo palavras, sem se dar conta do milagre incessante de sua manifestação.

A prática de Tara pertence ao processo no qual nós invocamos a presença das naturezas protetoras que são concretas, que efetivamente produzem transformações.

Lama Padma Samten - Palestra em Guarulhos - 08/12/00

.....

TEXTO 2

INTRODUÇÃO

O Buda passou a manhã seguinte à sua completa liberação analisando como os seres, apesar de manifestarem a natureza divina, ficaram presos no ciclo de mortes e renascimentos. Ele, então, percebeu que essa experiência é montada através de doze etapas. Essas etapas são sucessivas, causais, uma serve de substrato para a próxima. Trata-se de um processo encadeado, no qual nos enroscamos progressivamente até a sensação de sofrimento. Não importa qual a categoria de sofrimento, o processo é sempre o mesmo: nós vamos tomando bases sucessivas, estamos em uma base, olhamos as coisas de um certo jeito e estruturamos uma nova base. A partir dessa nova base, temos uma sucessão de experiências e estruturamos a base seguinte. Esse procedimento vai indo sucessivamente e tem 12 etapas, que também chamamos de elos ou *shadayatanas*.

Por outro lado, da mesma forma que essas bases podem ser montadas, também podem ser desmontadas, revertidas. O Buda caminhou mentalmente do primeiro ao décimo segundo elo, e retornou do décimo segundo ao primeiro. Ele percebeu, então, que nós construímos as experiências caminhando em uma direção e as desmontamos, dissolvemos, na direção oposta. Assim é o ensinamento sobre a roda da vida.

Os Ensinamentos sob a perspectiva dual e pessoal

Como todos os ensinamentos budistas, o ensinamento sobre a roda da vida tem vários níveis de compreensão, desde um nível mais básico, mais simples, um nível dual, onde nós estamos dentro de uma experiência quase que externa, completamente dominados por alguma coisa, e estamos dentro de um processo causal que, inevitavelmente, vai-nos levando em uma certa direção. No nível causal, as 12 etapas da roda da vida podem ser resumidas da seguinte forma:

1. Por estarmos presos à ignorância, cegos, brotam em nós as marcas mentais;
2. Com o surgimento das marcas mentais, surge naturalmente a nossa identidade;
3. Quando a identidade surge, tentamos perpetuá-la;
4. Por querer perpetuar algo, manifestamos o nosso corpo;
5. Surgindo o nosso corpo, fazemos o contato;
6. A partir do contato, temos as sensações;
7. Quando surgem as sensações, tentamos sustentar as agradáveis e nos afastar das desagradáveis;
8. Obtemos sucesso, e esse sucesso estabelece a nossa visão de mundo, a nossa visão de identidade;
9. A partir daí, as nossas prioridades estão estabelecidas;
10. A partir das prioridades, surgem as urgências;
11. As defesas - os três animais – operam, mas, como a impermanência não pode ser evitada, em um certo momento, tudo desaba;
12. Quando tudo desaba, nós mantemos as sementes cármicas, ou seja, não importa qual foi o tamanho do estrago, a semente cármica está preservada.

Então, nós reinstalamos tudo, reorganizamos e remontamos a partir da experiência anterior e a partir do impulso da semente cármica. Assim, quando chega a desgraça final, nós saltamos para um outro ponto e vamos incessantemente girando a roda.

Este tipo de ensinamento causal foi dado pelo Buda várias vezes. Ainda assim, ele nos mostrou como é possível, a esse nível separativo, reverter todo o processo. Referindo-se a pessoas separadas, com experiência de separatividade, ele dizia:

- Temos a experiência de dor, de desgraça, de desespero, de dissolução porque estávamos envolvidos em um processo de aspiração, de equilíbrio e de busca. Nascemos em algum momento e nos movemos dentro de um mundo que reconhecemos;
- Esse processo ocorre porque tivemos experiências de sucesso;
- As experiências de sucesso estão na dependência de uma visão de aspiração;
- A aspiração está na dependência das emoções que tivemos em experiências singulares;
- Essas experiências singulares estão na dependência de contatos;
- Contato está na dependência do surgimento do nosso corpo;
- O surgimento do nosso corpo está na dependência de uma aspiração;
- A aspiração está na dependência de uma estrutura mental;
- Essa estrutura mental está na dependência de marcas mentais;
- As marcas mentais surgiram pela ignorância;
- A partir do princípio da ignorância tudo se monta;
- Se nós compreendermos aquilo que está antes da ignorância e, assim, nos liberarmos da ignorância, nos liberamos de nossa aflição nesse momento.

Esse nível de ensinamento é destinado às pessoas que têm como aspiração livrar-se de sua própria dor. Esse tipo de ensinamento corresponde à categoria de ensinamentos Hinayana, onde nós estamos concentrados em nós mesmos, separados do mundo, separados dos outros seres. Nosso grau de interesse alcança apenas a nossa própria identidade.

Os Ensinaamentos na Perspectiva de Bodichitta Relativa

Observando os mesmos ensinamentos sob a perspectiva Mahayana, compreendemos como todos os seres estão presos nesse processo e tentamos descobrir como sair disso. Ainda assim, nós acreditamos, nesta perspectiva Mahayana inicial, que os seres estão separados uns dos outros. Apenas a nossa motivação é tal que a nossa mente os alcança. Dizemos: *“Eu não quero que a minha filha passe por isso, não quero que a minha esposa, o meu marido passe por isso, os pais, mães, etc., as pessoas queridas...”*. Nós não queremos que ninguém passe por isso. Desta forma, precisamos tornar isso muito claro na nossa mente, temos de encontrar a saída para poder ajudar os seres. Essa é a perspectiva dos bodisatvas, mesmo não tendo ainda uma compreensão completa, eles já têm essa aspiração.

Existem dez graus de bodisatvas. Dentro dos primeiros níveis ainda existe a noção separativa, na qual a nossa aspiração é uma aspiração de bodichitta relativa, ou seja, ainda estamos presos à dualidade; a nossa visão ainda não está ampliada.

Os Ensinaamentos sob a Perspectiva da Liberdade

Mais tarde, vamos ainda olhar esses ensinamentos dentro de uma visão mais ampla, na qual percebemos a causalidade operando. Ao mesmo tempo, vamos perceber que a causalidade não é uma prisão verdadeira, que existe uma dimensão de liberdade em cada um desses níveis. Veremos que podemos dissolver a nossa ligação com a roda nível por nível ou de uma forma causal. Vamos, então, entender como esse processo surge, como a delusão se manifesta e como a inseparatividade opera.

Dentro dessa perspectiva, eu vou iniciar falando do primeiro ao décimo segundo elo, explicando-os de forma causal, para que possamos compreender como o processo não causal pode operar, e como podemos nos livrar dele. É importante que percebamos a delusão operando por todos os lados. Quando nós a percebemos sob primeiro nível de compreensão, sentimos uma espécie de amargor. Dizemos: *“Pah! Estou preso nesse processo!”*. Este, porém, é só o primeiro nível, nós não vamos nos fixar nisso. Vamos passar quase diretamente para o terceiro nível, o nível de apreciação, de quase deleite pela operação mágica da delusão trazendo esse aspecto todo. Este é o nível de liberdade.

.....

TEXTO 3

INTRODUÇÃO

Esse é um tema especial e, às vezes, um pouco complicado. O tema psicologia budista pode ser tratado, pelo menos, em duas abordagens. Por exemplo, na abordagem de quem vai querer usar algum método ou na abordagem de quem vai querer liberar suas dificuldades. Vou seguir um roteiro que tenta contemplar as duas possibilidades.

As palavras-chaves para esse tema são os Doze Elos, porque a psicologia budista essencialmente está explicada através desse processo, que parte da natureza ilimitada e nos conduz a variedades de experiências do mundo. A compreensão disso, de como nós temos a natureza ilimitada e vimos a manifestar uma natureza limitada, produz o que nós chamamos de visão. Visão é a base de todo o treinamento, ou seja, temos que primeiro compreender. Entretanto, depois temos que ver o caminho inverso, ou seja, como que, a partir da nossa experiência comum, nós podemos retornar à lucidez da natureza ilimitada.

Esse processo de construção da experiência convencional é explicado através dos Doze Elos da Originação Interdependente. O próprio Buda gerou esse ensinamento, ou seja, esse não é um ensinamento que foi sintetizado depois, a partir de outros ensinamentos do Buda. O Buda falou sobre isso muitas vezes. Se diz que, no próprio dia de sua iluminação, ao final, quando a estrela Vesper levantou-se no horizonte, ele atingiu a liberação final e, nesse momento, ele se perguntou como é que os seres, tendo essa natureza ilimitada, puderam se atrapalhar, ficar confusos. Assim, ele se deu conta de que isso aconteceu em doze etapas.

Quando os budistas falam em doze etapas, de modo geral os astrólogos se alegram, dizendo: “Nós já sabíamos!” Mas esse número doze não tem qualquer correspondência com a astrologia. É completamente independente como muitas outras coisas, tais como os doze meses do ano. Uma diferença importante é que os Doze Elos são cumulativos, ou seja, cada um deles vai servindo de base para o seguinte, enquanto na visão da astrologia, os signos são independentes.

Os Doze Elos são um processo progressivo. Há muitas implicações importantes nesta afirmativa. Primeiro, falarei um pouco sobre esses elos de uma maneira geral. Depois, detalharei as várias partes.

Experiência: Impermanência, Vacuidade e Liberdade

Todas as experiências que nós podemos viver estão descritas dentro dos Doze Elos. Mas, por outro lado, eles nos conectam, como uma escada de doze degraus, com a experiência última, com a natureza última. Na natureza última brota esse processo. Vamos vendo, então, que o processo dos Doze Elos descreve experiências. São, pois, doze experiências. Mas experiências do quê? São experiências que brotam da natureza última.

Os grandes eruditos budistas, como Nagarjuna, dizem que os Doze Elos são a melhor explicação da vacuidade, porque, ao analisar todas as experiências, vemos todas elas como construídas e não como mundos, como matéria, como objetos, como seres, que é o que parece que são.

Quando observamos a experiência de mundo, de seres, de separatividade, de emoções, todas essas experiências parecem completamente sólidas. Mas, na medida que estudamos os Doze Elos, nós vamos percebendo que todas essas experiências são manifestações da natureza ilimitada. Portanto, aquela aparente solidez, enfim, não é senão uma experiência que possamos ter.

Portanto, enquanto experiência, ela guarda em si liberdade. E assim, a liberação é possível. Quando nós consideramos tudo como completamente sólido, nós não percebemos a possibilidade da liberação. Vendo tudo sólido, imaginamos que estamos efetivamente trancados. Quando estamos presos na visão convencional, onde tudo é sólido, essa visão tem um paradoxo, porque, sendo a solidez de tudo uma visão herética, um engano, é necessário que, dentro dessa visão herética, apareça uma válvula, um processo de saída do engano. Então, como nós não entendemos o aspecto livre da realidade, dizemos que toda a manifestação da realidade está submetida à impermanência.

A impermanência é uma palavra que entendemos, porque nós vemos isso. Então, ainda que as coisas sejam sólidas, reais, concretas, espantosamente todas elas são impermanentes. Esse é, então, um fator que introduzimos quando nós não entendemos a vacuidade¹. Apesar de nós não a entendermos, ela se introduz porque ela está presente. A vacuidade vai surgir como impermanência. Podemos apontar em qualquer direção que veremos tudo sempre impermanente, sem solidez.

Podemos, então, perguntar: se as coisas são sólidas, por que é que elas são impermanentes?

E nós incluímos na impermanência a própria visão dos cientistas, pois as teorias, as visões acadêmicas também são impermanentes; as religiões, os deuses e todos os demais aspectos, vamos vendo também como impermanentes. Nós temos uma dificuldade de apontar alguma coisa que não seja impermanente.

Então, vamos percebendo que todas as manifestações estão presas a essa impermanência, que é simbolizada, na Roda da Vida, pelo ser terrível que a carrega. Todas as construções, todas as manifestações do mundo, estão representadas simbolicamente dentro desse círculo, dessa roda, desse disco. Esse disco está sob o domínio desse ser terrível, que representa a impermanência. Isso significa que, não importa o que a gente construa dentro desse disco, estaremos submetidos àquele ser, à impermanência. Mesmo as pessoas muito hábeis, mesmo os cientistas, mesmo um país muito poderoso, com um presidente muito poderoso, todos estão submetidos à impermanência. Não tem solução.

Portanto, nós vamos percebendo que não há, dentro do universo construído, aquilo que seja estável.

Para os cientistas, o início do Dharma pode começar nesse ponto, ou seja, a partir da pergunta “Por que as teorias e as visões acadêmicas são impermanentes?” Para as demais pessoas, a pergunta também pode ser “Por que os objetos, aquilo que parece sólido, as pessoas, são impermanentes?” A partir dessa ponta, começamos a puxar o fio.

Método da Psicologia Budista: Reconhecer a Liberdade

Temos, então, essa noção geral de vacuidade. A psicologia budista vai trabalhar dessa maneira. Ela não vai trabalhar encontrando padrões de pessoas, de doenças, padrões sejam quais forem. Ela vai trabalhar de modo que, ao encontrar um padrão, ela trata de mostrar como há uma liberdade por dentro. Essencialmente, todo o movimento vai ser esse. Ou seja, não importa o que encontremos, vamos tratar de reconhecer a liberdade atuando ali dentro. E de tanto encontrarmos essa experiência de liberdade, nós vamos perguntar como é que a aparência limitada é sustentada e parece sólida. Essa pergunta de como as coisas parecem sólidas vai nos remeter à noção da natureza última novamente. Então, começamos pela natureza ilusória, pela natureza aparente das coisas, e nós vamos conduzindo tudo ao reconhecimento da natureza última, incessantemente presente. Esse é, então, o roteiro que vamos fazer.

Assim, a psicologia budista - que é um termo ocidental, pois, no Oriente não há essa noção de psicologia budista, nem de psicologia, provavelmente - se funde, naturalmente, com a filosofia e com a prática dos meditantes, que buscam, através de um processo de auto-liberação, praticar essa compreensão consigo mesmo e se liberar.

Nesse contexto, temos essas duas áreas, esses dois pontos de interesse, ou seja, como é que nós nos liberamos e como nós podemos ajudar os outros. Há possibilidade de usarmos algum método para isso? Podemos encontrar métodos que possamos utilizar, métodos de diagnóstico, de avaliação, de abordagem, métodos que nos facilitem? Existem métodos para nós mesmos? Quais tipos de procedimentos podemos seguir?

¹ Vacuidade: ausência de solidez, de existência inerente.

Visão, Meditação, Ação

Num sentido muito geral, vamos ver que existe uma abordagem que se refere aos praticantes, que é a abordagem tradicional do Budismo. Essa abordagem está dividida em três partes. Começamos com a VISÃO, que é absolutamente necessária. Depois, desenvolvemos MEDITAÇÃO, que poderia ter outro nome, como por exemplo, “estabilização da visão” ou “experiência da visão”. E, depois, a terceira parte, que é a AÇÃO.

No início, estamos confusos. Então, desenvolvemos uma visão mais elevada. Essa visão mais elevada ainda é frágil. Portanto, temos que testá-la, examiná-la, comprová-la e transformá-la numa prática. Uma vez que transformamos essa visão em prática, temos o conteúdo para meditar. Então, nós meditamos com a lucidez correspondente à visão. Essa prática da meditação, ou da estabilização da visão, nos conduz a uma 3ª possibilidade, que é nós nos levantarmos de onde estamos e caminharmos no mundo com essa visão. Essa terceira etapa é a culminância. Quando somos capazes de andar no mundo dessa maneira, ganhamos alta. Está resolvido o problema.

Nós estamos desenvolvendo o aspecto que é chamado de VISÃO, ou seja, estamos tentando fazer com que a “ficha caia”, que é nos darmos conta do que está acontecendo, onde nós estamos e como tudo isso funciona. Quando nós entendemos isso, nós vamos até o ponto de LIBERDADE, vamos ver que nós temos liberdade em cada um desses Elos e também no seu conjunto.

Quando estivermos com liberdade, nós podemos pensar: “Agora, então, cessou a experiência de Samsara. Podemos nos movimentar no meio de Samsara, mas estamos livres!” Então, nós saímos, mas cedo nos damos conta de que não conseguimos sempre agir com liberdade. Surgem várias coisas, como raiva e outras emoções perturbadoras que nos mobilizam, como se fossem coisas “bem reais”.

Então, surge um outro tipo de treinamento, onde nós utilizamos o sentido de liberdade e criamos uma clareza sobre todas as ações não virtuosas, examinando uma por uma, tratando de ver que temos liberdade frente a elas. Começamos a descondicionar o processo. Mas nós precisamos passar várias e várias vezes pelo surgimento daquilo até nós podermos ver, no momento do surgimento, a liberdade que está ali dentro. Veremos que nós não precisamos reagir dessa ou daquela maneira, porque nós estamos automatizados nas respostas. Mas agora nós temos um instrumento que, olhando cada um dos Elos, nos permite liberá-los.

Depois disso, passamos para a contemplação do Quadro dos 240 itens, que significa PURIFICAÇÃO, e depois, como consequência da purificação, passamos a contemplar o Quadro dos 200 itens, que é a AÇÃO POSITIVA NO MUNDO.

Neste ponto o treinamento se completa. Temos a VISÃO, depois a MEDITAÇÃO, onde nós estabilizamos a visão e purificamos as ações não virtuosas, o carma. Em seguida, utilizamos a meditação para construir aspectos positivos que vamos poder usar no mundo. E, por fim, temos a AÇÃO, que é a nossa ação no mundo.

Em cada um desses processos, vamos ter que desenvolver métodos. O nosso encontro hoje, naturalmente, vai se restringir à VISÃO. Vamos olhar como é que as coisas são. A partir da visão, podemos pegar isso e tentar praticar de novo e de novo. Assim, ficará para vocês esse tema, essa tarefa de casa. Vocês podem praticar tanto em meditação formal, sentados, quanto andando no mundo, que é uma excelente prática.

A essência do processo de visão está ligada à compreensão da vacuidade como substância. Isso dito assim resume muito a nossa compreensão, mas, essencialmente, essa é a questão. Se vocês quiserem uma referência de texto, tem um que se chama “Madjanta Vibanga”, que é a explicação do caminho do meio, a visão que ultrapassa os extremos. A compreensão desses Doze Elos é a base para a nova estrutura. Quando nós vamos olhar isso, vamos começar do 1º em direção ao 12º Elo, e do 12º em direção ao 1º Elo. Sendo a psicologia budista o foco central, é melhor começar no 12º.



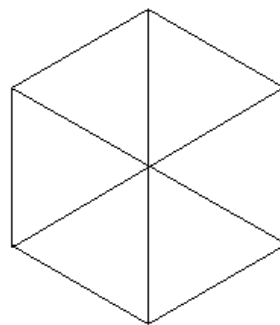
1º ELO **AVIDYA - Ignorância**

T E X T O 1

PRIMEIRO ELO - AVYDIA (TIB. MA-RIGPA)

Esse primeiro dos 12 elos, Avydia (*Vydia = sabedoria, visão, lucidez; Avydia = perda da visão*), é simbolizado por um cego. De um modo geral, todas as Rodas da Vida simbolizam Avydia por um cego, o cego com a sua bengala. Por que cego? Essa é a razão pela qual eu vou usar esse exemplo, o cubo de Wittgenstein.

Para compreendermos melhor esse processo, nós vamos utilizar imediatamente o exemplo ao lado, o cubo. Eu costumo utilizar este exemplo em muitas de minhas palestras, por se tratar de um exemplo muito eficaz. Vamos examinar o cubo cuidadosamente. É realmente necessário o examinemos com muito, muito cuidado, porque ele é a chave para a compreensão de Avydia. Se pudermos entender isso, ótimo. Não vou dizer que o cubo é o único meio através do qual podemos compreender esse processo. Não, não é assim, a delusão está por todos os lados. Mas nós vamos usar o cubo como uma porta para acessar essa compreensão. É realmente necessário que compreendamos a operação de Avydia.



.....

Rigpa é uma palavra muito importante. É usada no sentido de lucidez em meio às condições, mas uma lucidez não separativa, uma lucidez transcendente. Todos nós estamos caminhando em direção a recuperar Rigpa.

Avydia significa Ma-Rigpa (negação, impossibilidade de Rigpa). Tudo o que pudermos meditar sobre isso é de extrema valia. Tentem! Precisamos contemplar longamente, incessantemente essa situação de Rigpa e Ma-Rigpa. Quando conseguimos contemplar e reconhecer Ma-Rigpa, só podemos fazer isso porque estamos praticando Rigpa. Existem inúmeros exemplos e o método de contemplação disso não é através de uma teoria, mas dos exemplos.

Lama Padma Samten - Retiro em Guarulhos - 09-10/12/00

.....

Nós podemos gerar grades que nos facilitam na experiência de localizar os exemplos. Essa grade vai surgir como o foco da meditação na sétima etapa do Nobre Caminho. Essa grade está perfeitamente descrita no Sutra do Coração e ela tem 46 pontos, cada ponto tem quatro níveis e cada nível tem três condições.

O que são os 46 pontos? Nós vamos olhar e ver como opera a mente que atua junto com os olhos, como surgem os objetos à nossa frente. A perda de lucidez sobre isso, pertence ao processo de Ma-Rigpa. Todos nós estamos envolvidos, a nível de visão, à experiência de delusão, ou seja, Ma-Rigpa. Nós estamos vendo o que não está ali e não percebemos que estamos vendo o que não está.

Após uma longa caminhada no meio da neve, um monge chega a um pequeno templo no alto da montanha, entra no local e vê várias pessoas lá dentro, sentindo muito frio, todas sentadas em frente a uma linda imagem do Buda, feita de madeira. No local não havia lenha. O monge, para a surpresa dos presentes, simplesmente pega a imagem e a usa como lenha...

Aquele monge estava além da forma. Essa dimensão está operando diretamente dentro de nós. Avydia nos proporciona essa visão. As outras pessoas de dentro do abrigo não viram a lenha. Um segundo mecanismo que percebemos com Avydia é o fato da separatividade. Vejam o exemplo abaixo:

Imaginem uma esfera, como se fosse uma grande pérola, transparente, flutuando, mágica. No momento em eu crio a esfera, ela ganha vida própria e ela ganha uma separatividade com relação a mim. Ela ganha vida própria, porque vocês passam a vê-la também, logo, ainda que ela tenha surgido na minha mente, inseparável de mim, eu a vejo separada. Se eu perguntar para vocês onde a esfera está, vocês vão responder: “*Ela está ali a sua frente, flutuando*”. Eu já não a mais vejo ligada a mim e vocês também não a vêem ligada a vocês, mas vocês a estão da mesma forma sustentando.

Com isso, nós fazemos surgir um objeto etéreo. Um ponto muito importante a nível do ensinamento é percebermos que criamos com a nossa mente um objeto, esse objeto só vive na nossa mente e, mesmo assim, parece separado dela. Nós não só criamos o objeto, mas também a separatividade do objeto em relação a nós.

Quando Avydia cria o objeto, junto com a criação do objeto surge a noção de separatividade.

Este é um segredo *secretíssimo* de Avydia. Quando olhamos um Buda pintado em um tecido, nós vemos o Buda no pano, mas, na verdade, ele é inseparável de nós. Se virarmos o pano de cabeça para baixo, pode ser que não reconheçamos mais o Buda. Para onde ele foi? Ele não estava no pano? A imagem não está ali. A imagem, para surgir, necessita de uma dimensão interna, mas, quando vemos a dimensão interna operando, essa mesma dimensão interna produz a experiência de imagem naquele lugar. Desta forma, a separatividade é construída. Precisamos urgentemente contemplar cuidadosamente essa inseparatividade!

Qual é a utilidade disso? Nós ganhamos liberdades. Quando olhamos uns aos outros, também vemos os outros separados, vemos os outros com qualidades. A situação é muito semelhante com o que fazemos com relação ao pano. Isso é Avydia.

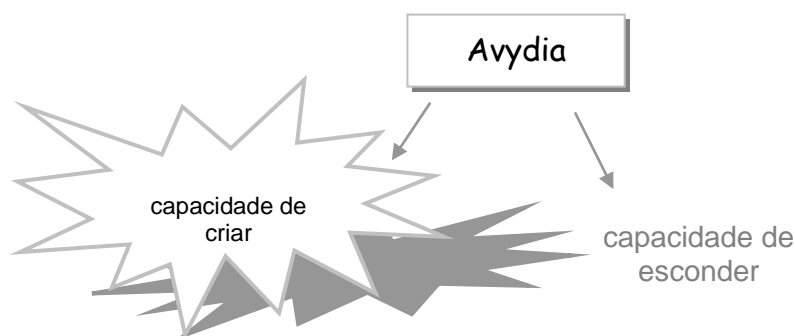
Lama Padma Samten - Retiro em Guarulhos - 09-10/12/00

.....

Luminosidade

A luminosidade já é a própria natureza da mente operando, ou seja, nós criamos. Nós temos uma liberdade de criar. Como podemos evidenciar a liberdade de criar? Essa liberdade atua incessantemente. Esta é a razão pela qual podemos dizer que a natureza de Buda está em toda nossa experiência. Curiosamente, porque nós manifestamos Avydia, podemos dizer que nós temos uma natureza de buda. Curiosamente, porque nós nos enganamos, porque nós criamos a parcialidade, podemos dizer que a natureza de buda está presente.

Onde a parcialidade se ancora? A parcialidade se ancora na natureza última, na nossa capacidade de criar as coisas. Por que não vemos isso? Por Avydia! Pela própria capacidade de esconder que Avydia manifesta. Avydia manifesta 2 aspectos: A capacidade de se manifestar e a capacidade de esconder.



Nós criamos a visão e, junto à visão, criamos a cegueira, NO MESMO ATO!

Só quem vê está cego !

Esta afirmação é muito, muito importante! Nós vamos ver isso muitas e muitas vezes, vamos constatar isso por todos os lados. Já aqui, por exemplo. Qualquer um de vocês que esteja fazendo alguma outra coisa, perdem facilmente compreender o que eu acabei de falar. Porque nós acessamos uma coisa, não podemos acessar a outra, isto é assim. Curiosamente, se vocês estudarem magia, vocês verão que uma das leis essenciais da magia é esta: Quando fazemos uma coisa, não fazemos outra! Toda a percepção da realidade está dominada por esse processo. É um processo importantíssimo. O Buda diz: *“É como o pintor, o pano e as tintas ou como um mágico, que produz seres com galhos e panos.”*

Eu acho que a arte está muito dentro desta área. Vejo a arte como algo que pode realmente nos ajudar a trabalhar de forma sustentada e longa com esse tipo de percepção. O teatro, também, pode naturalmente trabalhar com isso, assim como todas as artes plásticas, porque elas vão operar incessantemente com a delusão. Toda arte opera com a delusão, não tem como não fazê-lo. Por isso, acho que este é um campo muito fértil.

Agora, quando olhamos o cubo, podemos ver vários itens importantes dentro, não é? Por enquanto, estamos trabalhando com Avydia, percebendo que tem um nível de luminosidade e um nível de ocultação. Nós temos o vértice A surgindo. Quando surge o vértice A, parece que está tudo resolvido, nós vemos um cubo e pronto, isto se torna toda a nossa realidade. Portanto, quando vemos o vértice A, o cubo do vértice B desaparece; quando vemos o vértice B, o cubo do vértice A desaparece. Não conseguimos ver os dois cubos ao mesmo tempo, um oculta o outro.

O aspecto interessante disto é que o cubo não está propriamente no desenho. Se ele estivesse lá, nós o veríamos de forma permanente. Desta forma, percebemos que existe uma ação mental dentro que faz o cubo surgir - faz surgir a experiência do cubo. Essa ação mental dentro que faz surgir a experiência do cubo é uma experiência que está presente nas mágicas. Ainda que saibamos que a mágica em si é uma ilusão, nós a vemos acontecer, vemos as coisas sumirem ou aparecerem da cartola.

Nesse momento nós precisamos perceber isso operando. Não se trata de uma descrição: A delusão é isso ou aquilo. Nós vamos tentar vê-la, localizá-la através de exemplos. Nós vamos nos assenhorar dessa experiência. Com essa experiência, vamos poder contemplar *“Isso é meditação”*. Vamos ver a delusão operando por todos os lados, esse é o nosso objetivo.

Ao desenraizar Avydia, desenraizamos os 12 elos. Cessando os 12 elos, a Roda da Vida está desenraizada. Esse é o caminho! Nós vamos acessar uma realidade mágica, não é um processo causal. Nós estamos penetrando na percepção de um aspecto muito profundo da realidade, que não importa se o cubo é ameaçador ou se o cubo é benigno, não nos preocupamos com teor do objeto, o que importa é que, seja qual for a experiência do objeto que venhamos a ter, toda essa experiência é inseparável do objeto de delusão. Precisamos olhar esse processo com muito cuidado.

Há que percebermos que existe uma ação mental inicialmente oculta. Quando nos damos conta disso, vamos notar um segundo nível mental de ação. O primeiro é justamente a luminosidade, o segundo é a ocultação.

Ocultação

A ocultação faz desaparecer o cubo. Nós não só fazemos aparecer alguma coisa, como fazemos desaparecer a outra. Nesse processo, nós podemos encontrar muitos exemplos. Quando encontramos uma pessoa que se tornou negativa aos nossos olhos, é quase impossível olhá-la de um aspecto positivo. Precisamos de um grande esforço para isso, é uma dificuldade para nós vê-la de outra forma. Quando nós temos uma visão, aquela visão nos aprisiona em um certo sentido, porque nos impede de olhar outras características, de reconhecer aquilo de uma outra forma.

Então, no cubo nós temos os traços. Esses mesmos traços proporcionam duas imagens, pelo menos. Logo, a experiência que temos a partir dos traços não está determinada pelos traços. Ela está determinada por uma operação mental interna. Quando localizamos essa operação mental interna, vemos que ela tem liberdades, ou seja, podemos fazê-la surgir de um jeito ou de outro. Podemos criar um click interno que nos faz passar de uma experiência para a outra. Essa experiência de poder passar de uma visão para a outra nós temos de agarrar com muito cuidado, *porque ela é a essência da liberdade*, a essência da liberdade em um sentido muito sutil. Quando nós abdicamos disso, qual é a liberdade que nos sobra? Nós temos a liberdade de pintar o cubo, de botar um vidro na frente, de botar emoldurá-lo... E ainda achamos que isso é liberdade! Mas, neste momento, nós não temos mais liberdade alguma! Ficamos com a visão congelada. Nós temos a percepção de que o cubo está no papel. Assim surge a separação sujeito-objeto, surge nós aqui e o cubo ali.

Ainda que nós olhemos assim, o cubo está aqui, não está? Ainda que saibamos que o cubo não pode estar no papel, porque ele depende de uma operação mental, quando essa operação mental se dá o cubo aparece no papel, não é verdade? Então a essência da experiência de separatividade está na dependência da operação mental de Avydia. Avydia cria a experiência do cubo no papel. Ainda que raciocinemos e não validemos isso, ainda que saibamos que não pode ser assim. Através desse exemplo, nós vemos que o cubo não pode estar aqui.

Através do raciocínio, nós percebemos que o cubo surge de forma inseparável da nossa mente. Quando a nossa mente se posiciona o cubo aparece. Quando a nossa mente se reposiciona o cubo aparece de outra forma. Vocês percebiam que isso é uma operação que está oculta. Há quantas vidas nós estamos operando assim e não percebemos? Nós não percebemos essa liberdade. É espantoso que um desenho tão simples é capaz de oferecer isso, não é?

Mais tarde, começamos a observar múltiplos exemplos por todos os lados. Nos enchemos de exemplos, quando entendemos isso. A partir desse ponto, nós percebemos o surgimento simultâneo de sujeito e objeto. Gyatso Rimpoche usa uma expressão que eu considero magnífica:

A inseparatividade é o surgimento simultâneo de sujeito e objeto.

Quando nós surgimos com uma face, o objeto não aparece com a cara que ele aparece. Quando o objeto aparece com a cara que ele aparece, isso indica uma face interna que geramos. Assim, quando dizemos: *“O objeto tem essa face ou eu tenho essa face”* estamos tratando da mesma coisa. Se quisermos olhar como somos, só precisamos perguntar o que vemos, porque são inseparáveis. Não há como aparecer uma experiência lá, sem que nós apareçamos aqui.

“Existe uma única experiência. Eu posso escolher e dizer que essa experiência é a manifestação do objeto ou dizer que ela é a manifestação do sujeito. Não se trata de um sujeito e de um objeto, é uma única experiência e eu é que vou definir como vou descrevê-la, objeto ou sujeito. Porque dentro da dualidade da linguagem eu só tenho essas duas opções para me expressar.”

Niels Bohr

Naturalmente, quando nós analisamos a experiência do surgimento do objeto, ele parece que surge lá. Mas se eu disser que eu estou me espelhando lá também não é correto. É uma inseparatividade. *Isto é um mistério!* A contemplação disso é muito, muito importante.

Para nós, no budismo, existe uma armadilha nesse ponto: “*Se eu explicar isso, eu estou perdido! Se eu explico, estou gerando um conceito, que é um objeto mental que eu vejo.*” Esse não é um objetivo do budismo, gerar um conceito que vamos passar a contemplar. Observem que essa armadilha vai nos perseguir. Mas como estamos alertas, não vamos cair nela. O nosso objetivo é, em qualquer circunstância, usufruir da liberdade que está inerente a essa experiência que, usualmente, vemos. O objetivo do budismo é completamente prático.

A partir da estrutura que dá origem a essa palavra, o fenômeno parece que se refere a um observador e um fenômeno que está sendo observado. Nós estamos escapando disso! Não se trata de um fenômeno sendo contemplado por um observador! O observador se contempla na própria aparência que surge. Quando a aparência surge, ela sugere, ela indica que é algo externo. Quando a aparência surge, surge a dualidade como experiência também. Mas nós não acreditamos mais na dualidade! Agora, podemos ver dentro da aparência da dualidade a inseparatividade. Tudo isso está dentro da descrição do aspecto da luminosidade. Nós precisamos ter clareza disso! Precisamos ter lucidez disso! Isso é a base do sétimo passo do Nobre Caminho Óctuplo, é a base do que se chama Prajna. Prajna é a medalha de ouro que nós deveríamos carregar pendurada no pescoço - uma medalha com o nome *Prajna*. Essa é a porta de saída da experiência cíclica, é a porta de saída da Roda da Vida. Avydia é a porta de entrada e a porta de saída. De um lado está escrito Avydia, do outro, Prajna, mas a entrada e a saída são a mesma porta.

O objeto surge inseparável. A noção de inseparatividade surge palpavelmente, nós podemos agarrá-la. Até agora, de um modo geral, a noção de unidade ou de inseparatividade era abstrata, como algo que não entendíamos muito bem. Agora, nós podemos agarrar com a mão e começar a examinar. Então a ficha cai...

Os livros mudam com o tempo. Nós lemos um livro, dez anos depois o releemos e percebemos que ele mudou. As fotos mudam com o tempo, as músicas mudam com o tempo, as ruas mudam com o tempo, as estradas, as cidades, as casas, pai e mãe, tudo muda com o tempo. O passado muda. Podemos visitar o passado mentalmente - notem bem que não vamos olhar o que já passou, nós o revisitamos mentalmente. Quando nós retornamos ao passado, mudamos. Nós voltamos do passado diferentes. Vemos, então, o presente de uma forma diferente do que há um instante atrás, por não ter ido ao passado. Fomos ao passado, mudamos, e hoje, no presente, tudo também é diferente. Não só o presente mudou, o futuro, também, ficou diferente. O passado parece algo que contemplamos diante de nós. Assim como contemplamos diante de nós um cubo. Mas o passado que contemplamos diante de nós, ele é inseparável da delusão. Quando nós visitamos e temos uma outra experiência as nossas características internas mudam a forma pela qual vamos ver os objetos surgindo a nossa frente é uma forma diferente. Assim, vamos percebendo que o passado, o presente e o futuro são aspectos dinâmicos e eles só existem neste exato instante. Por que o passado não é algo que passou, o passado é algo que está sendo construído neste momento, da mesma forma que o cubo está sendo construído. Assim vamos indo. Todas as direções que olhamos, vamos percebendo incessantemente esse aspecto.

O passado, o presente e o futuro estão aqui e agora. Só que nós entendemos que o passado que aparece, o presente que aparece e o futuro que aparece têm liberdades que nós não teríamos visto há um instante antes. A nossa percepção de passado é uma percepção congelada, como a percepção do cubo é congelada. A percepção de tudo é congelada, é rígida! Nós não vemos as liberdades. Quando pensamos no passado, podemos até dizer como muitos mestres dizem: *“O passado passou, o futuro não veio, o presente é o que existe!”*. Agora eu estou dizendo outras coisas. Eu estou dizendo que o passado não passou, o presente está aqui, agora, e o futuro está aqui, também! O passado é vivo a cada instante, é reinscrito a cada instante. O futuro é vivo a cada instante e o presente, também, é vivo a cada instante.

Quando revisitamos o passado com as características que nós temos, percebemos que tudo muda. As estradas mudam, as cidades mudam. A cidade da nossa infância, quando a revisitamos, é muito menor do que era. A casa da nossa avó é muito menor, o pátio da escola também. Geralmente, tudo é um pouco decepcionante.

Vejamos agora, se nós incorporamos isso, temos muita coisa para examinar, surge o *“terceiro olho”*. Surge o olho que reexamina a realidade de uma forma muito mais profunda. Existe uma impermanência interna operando. Existe uma noção de inseparatividade, de liberdade, mesmo quando a experiência parece física - e temporalmente - separada de nós, pelo fato de estarmos olhando o passado.

Cada vez que nós acessamos o passado, ele é recriado. Quando nós temos filhos, nós vamos nos lembrar do que as nossas mães fizeram e vamos entender de outra forma. Quando temos uma casa para cuidar, todo um giro financeiro para cuidar, nós pensamos: *“Como é que meus pais fizeram isso?”*. Quando ficamos bravos com os filhos, entendemos por que os nossos pais ficaram bravos conosco.

Todo esse processo é chamado delusão e não se trata uma opinião! Essa compreensão da delusão nos livra de uma característica ocidental, uma característica grave: Pensamos que a explicação resolve, buscamos uma visão teórica que explique. No entanto, a explicação teórica surge da combinação de objetos que brotam da delusão. Nós temos uma aparente liberdade intelectual, mas os objetos que nós compomos na liberdade intelectual, todos eles brotam da delusão.

O surgimento do cubo como um objeto externo é uma delusão. O surgimento de um observador separado de um objeto que está sendo contemplado a quatro metros é uma delusão. Qual é o sentido prático da delusão? Ainda que vejamos o objeto como um objeto externo, separado de nós, ele tem liberdades que não estamos percebendo e podemos usufruir dessas liberdades. Além disso, existe um processo criativo que também não percebemos. Existe uma ação da mente que não percebemos. No ocidente inteiro nós pensamos que os olhos são neutros, da mesma forma que na física nós pensamos que os instrumentos eletrônicos são neutros. Eles não são neutros! Ainda que seja um instrumento eletrônico, não há como o processo de delusão não atuar quando nós olhamos o resultado que vem dele.

Embora saibamos que o cubo não está no papel, nós o vemos lá. Existe uma experiência mental que nos faz experimentar o cubo no papel. Isto é a delusão! Percebam que não é uma conclusão mental, não é o resultado de um raciocínio. Até mesmo o raciocínio nos diz que o cubo não está ali. Podemos separar o raciocínio da experiência, não é verdade? O raciocínio nega a experiência. Por outro lado, sabemos que não está no olho. O olho nos permite qualquer uma das experiências, percebemos que, quando um surge, o outro desaparece. Existe uma construção que nos oferece uma experiência de um objeto. Essa construção surge inseparável da mente, o objeto surge inseparável de uma mente que usufrui dessa experiência. Esse processo é a delusão.

Ocultação da Ocultação

A delusão faz surgir, não é verdade? Então nós estamos usando a delusão para o processo criativo, que faz surgir a experiência, seja do que for. Avydia, porém, tem um elemento a mais. Tem a ocultação. Quando surge o aspecto positivo manifestado através da delusão, não percebemos que algo desapareceu. O aspecto de ocultação parece que fica oculto. O aspecto mais importante de Avydia não é o surgimento, mas a ocultação. O surgimento é como uma liberdade, mas a ocultação é a própria essência da prisão.

Avydia opera ocultando, mas, quando ela opera ocultando, ela oculta que ocultou. Por que ela oculta que ocultou? Porque ela nos ofereceu alguma coisa brilhante, sensacional. Então nós ficamos presos e temos uma resposta. Nós vemos um impulso e seguimos com um outro impulso e, então, nós começamos a girar.



Avydia oculta Avydia

Como Avydia oculta Avydia? Em primeiro lugar, Avydia tem o aspecto positivo, o da delusão. Então fazemos surgir o objeto, ele aparece. Quando um objeto aparece, o outro objeto some. Isto é o aspecto de ocultação inerente. Mas quando Avydia surge e produz a ocultação, nós não percebemos que houve a ocultação. Por que não percebemos que está havendo uma ocultação? Porque justamente o aspecto luminoso de Avydia ocupa toda a atenção da nossa mente. O fato de um objeto surgir à nossa frente nos domina, toma toda a nossa atenção. Nós ficamos dominados pelo objeto. Não percebemos que estamos deixando de ver alguma coisa. *Nós não vimos porque nós vimos!* . Porque nós vimos alguma coisa, nós deixamos de ver outra. Mas nós nem percebemos que não estamos vendo, nós, simplesmente, não vemos. Todo esse processo é muito sutil. Temos de contemplar esse processo muito constantemente. Meditem sobre isso!

Tanha

Tanha significa teimosia mental. Quando estamos focando um cubo fica difícil de ver o outro, não queremos passar para o outro. Tentem! É muito difícil mudar, é desconfortável, não é? Quando começamos a pensar de um certo jeito não queremos mexer naquilo.

A contemplação de Tanha é a base da contemplação dos bodisatvas. Eles vão ver que os seres, não só estão presos por Avydia, mas também por tanha. Os seres não conseguem ver, não tem jeito. Então os bodisatvas ficam observando e tentam libertá-los. Ficam tentando sempre de um outro jeito até que aquilo se revela. Então o outro se sente feliz, porque ele tem uma liberdade. Na inseparatividade está também a energia do bodisatva.

O aspecto de Tanha é muito importante, porque nós vamos nos defrontar com essa experiência inúmeras vezes. Muitas e muitas vezes nós nos fixamos em pontos. Vocês observem que Tanha não é a teimosia usual. A teimosia usual é discursiva, ela pode ser verificada. Tanha é uma teimosia cósmica, ela aparece sem avisar. Ela está oculta por ela mesma. Ela é a ocultação que a própria Avydia oculta.

No fato de nós vermos um cubo, nem é noticiado que ali tem uma fixação.. Não tem um aviso: *“Atenção, você está sob a influência de Tanha!”* Não tem nenhum alarme. Existe um silêncio, uma convivência. Tanha está oculta. Na verdade, Tanha está operando dentro de Avydia. O cientista está preso nisto

“Nós só vemos o que pode ser visto, só pensamos o que pode ser pensado...”

Wittgenstein

Isso é a essência de Tanha. Nós estamos presos às nossas estruturas. As nossas estruturas de expectativas só permite que vejamos através delas. Existe uma dureza inerente nesse processo. Essa dureza está oculta. Os cientistas, por exemplo, estão presos a essa dureza. Albert Einstein dizia que é muito raro um cientista ter uma idéia nova durante uma vida inteira, é raríssimo. Isto acontece porque nós estamos presos às estruturas. Elas nos impedem, nós não temos a liberdade. Nós manifestamos tudo dentro das estruturas. Isto é Tanha, é a nossa prisão.

Wittgenstein dizia ainda: *“O que nós não podemos pensar sobre, nós não podemos negar.”* Este é um princípio de liberdade magnífico. Ele nós liberta da própria estrutura só com essa frase. Se nós percebemos que a nossa estrutura não dá conta de certos fenômenos, nós não podemos negá-los. Por exemplo, a estrutura ocidental sobre o raciocínio sobre o corpo humano não permite que nós entendamos acupuntura. Logo, nós não podemos também negá-la, só porque não conseguimos entender aqueles fenômenos. Entendendo os fenômenos a partir dessa estrutura, podemos avaliar se aquilo é ou não possível. Mas se não conseguimos entendê-los, eles não cabem no nosso arcabouço. Não cabendo no nosso arcabouço, não podemos, baseados no nosso arcabouço, negá-los.

A estrutura pura e mental que opera inseparavelmente do nosso processo já permite ver que nós estamos aprisionados à Avydia, que nós temos uma estrutura de rigidez que vai se manifestar nos cientistas; na impossibilidade dos cientistas dialogarem com a espiritualidade, dialogarem com outras coisas. Porque eles tentam reduzir tudo à própria estrutura que eles estão operando. Eles dizem: *“Isso não cabe dentro da ciência, isso não é possível.”* Isso é repetido muitas vezes e isso é Tanha.

Mesmo a impermanência é uma estrutura budista, ela é um remédio. Mais adiante, nós vamos ultrapassar a impermanência. No cubo não tem uma volição propriamente. Esse processo parece todo oculto à mente discursiva. Mas, como se fosse uma forma de proteção, parece que tem uma mente que dói e tenta se defender. Todo o processo não é voluntário, ele opera independente da nossa vontade. Ele opera a nível automático. Então surge a noção de carma. Eu não digo: *“Eu desejo que apareça um livro à minha frente.”* Eu não digo assim, eu vejo o livro. O processo é automático. Avydia é a cegueira que brota da visão. Podemos encontrar bons exemplos desse processo por todo lado, na arte, na educação, na psicologia, na filosofia, é só observar.

Vamos usar o exemplo da educação. Ela é libertadora porque nos oferece estruturas que ampliam a nossa visão. Mas, quando essas estruturas surgem, Tanha surge junto, Avydia surge junto. Mas não é necessário que seja assim...

Como podemos superar esse aspecto? Não será suprimindo as estruturas que isso será superado, mas gerando as estruturas, gerando as visões correspondentes e criticando as estruturas também. É importante reconhecermos os limites das estruturas que nós estamos operando ou, pelo menos, saber que todas as estruturas têm limites. Precisamos treinar o reconhecimento dos limites das estruturas.

Podemos utilizar exemplos anteriores, entre eles, a física clássica - as várias visões cosmológicas, o sistema heliocêntrico, o sistema geocêntrico. Através desses exemplos podemos reconhecer que, cada vez que uma estrutura se ofereceu, nos permitiu ver várias coisas positivas e, ao mesmo tempo, ocultou as outras possibilidades. Desta forma, poderemos reconhecer Avydia operando incessantemente hoje também e esse reconhecimento poderá despertar, pelo menos, o desejo de descobrir quais são as limitações das estruturas que nós estamos operando.

Não é necessário, porém, achar que basta dinamitar as estruturas com as quais estamos operando. Isto não é o suficiente. As estruturas têm méritos e têm dificuldades e assim é a característica, da mesma forma que as nossas identidades também têm méritos e dificuldades. Só isso nos perdoa o fato de termos a face que nós temos. Todas as nossas faces são Avydia, são limitações. Nós vamos exercer essas limitações por liberdade. Assim, nós vamos seguindo. Não temos outro jeito.

Podemos reconhecer através de Avydia uma dimensão extraordinária que está criando todo esse processo. É a dimensão de brilho da mente, a dimensão mágica que está operando dentro disso. Vendo desta forma, Avydia é uma magia maravilhosa! Neste ponto, nós começamos a contemplar, a trabalhar no sétimo passo do Nobre Caminho. Estou dando esse ensinamento da Roda da Vida a nível do sétimo passo, e não, a nível do primeiro. A nível do primeiro passo, dizemos: *“Estamos todos aprisionados à Roda da Vida e essa roda nos leva ao sofrimento inevitável no final. Todos os seres estão submetidos a isso e é melhor que tentemos sair o quanto antes.”* Os ensinamentos a nível do primeiro passo vão nos mostrar como podemos gerar uma motivação para receber ensinamentos e para ir adiante.

O meu objetivo ao dar esses ensinamentos a nível do sétimo passo é mostrar, livre da noção de um EU, como nós nos ilhamos e como nós nos desilhamos, como entramos e como saímos dessa prisão e como podemos perceber a perfeição que está imersa no processo sutil da prisão, onde está a liberdade em meio à própria manifestação da prisão. Esta é uma outra categoria de ensinamentos, mas com o mesmo foco: os doze elos.

.....

TEXTO 2

PRIMEIRO ELO – AVYDIA

Chegando neste elo, vemos que Avydia é o processo que cria tudo. Ele é luminosidade, é energia, ele é liberdade. Fizemos várias tentativas. Saímos do décimo segundo elo para Avydia ou para o décimo primeiro. Do décimo primeiro para Avydia ou para o décimo, e assim por diante. Enfim, sempre Avydia. Se fazemos isso etapa por etapa, em doze etapas chegamos a Avydia. Se reconhecermos Avydia em uma das etapas, nos liberamos ali mesmo. Reconhecendo Avydia, recuperamos a liberdade de criar, de construir todos os doze elos, de encontrar lucidez nesse processo. Nesse processo, nós vamos até a dissolução da nossa identidade. Quando isso acontece, nós podemos ressurgir como um bodisatva.

O Bodisatva

O bodisatva é aquele que usa o poder de Avydia, cria uma aparência, cria uma motivação, uma conexão. Ele sela, escurece o resto, faz surgir as marcas necessárias. Ele faz surgir a identidade, as respostas automáticas. Ele faz surgir os propósitos, nama-rupa. Ele faz surgir a manifestação mesmo.

Dentro disso tudo ele mantém a completa lucidez: *“Em cada uma dessas etapas é assim, mas eu tenho o incessante reconhecimento de que aquela etapa é luminosidade”*. Ele está incessantemente conectado com o ponto zero dos doze elos. Este é o deleite do bodisatva. Ele sorri para aquilo tudo incessantemente. Quando ele se aproxima do final de sua vida, ele sabe que o justo pagamento de toda a sua vida é a própria dissolução de tudo, ou seja, a sua morte. Que outra coisa ele espera ganhar? Para ele, morte ou não morte também não tem diferença.

Imaginem a bondade dos bodisatvas, eles vão e voltam. Este mundo é muito restrito. Isto aqui é um micro, micro, micro cosmo. É muito estreito. Aqueles seres optam por manter suas mentes operando dentro dessa coisa estreita, por um longo tempo. São uns poucos seres que têm um sonho específico, e aparece um bodisatva ali dentro para cuidar daqueles seres. Eles abandonam aquela mente cósmica, livre, e manifestam alguma coisa específica assim.

Uma questão de ética...

Vamos agora reintroduzir a questão da ética. Se os doze elos são como que doze grupos de ações humanas, não há nada que não esteja descrito dentro dessas categorias. Nossa ação toda é descrita por esses doze estados, por essas doze condições. Se olharmos tudo isso como manifestação de luminosidade e liberdade, onde vamos introduzir a ética? Onde e como vamos introduzir um bem e um mau nisso? Se não temos um referencial verbal, como vamos nos comportar no mundo? Será que algum referencial é possível? Esse é um ponto muito importante e o budismo tem uma contribuição muito original nisso.

Nós estamos vivendo os tempos da destruição da moral, porque não encontramos um referencial que seja efetivamente seguro. Nós buscamos um referencial absoluto, mas não o vamos encontrar, porque esse referencial absoluto não existe. Ele é a perfeição de todas as coisas, é a natureza última e ela não pode ser atingida pelas circunstâncias.

Eu olho para os seres e os vejo em sofrimento de sonho,
com identidades de sonho, complicações de sonho.
Eu vou gerar um corpo de sonho para atuar junto deles.

Declaração de um Bodisatva

.....

TEXTO 4

AS SEIS FORMAS DE AVYDIA

Avidia é a manifestação de uma cegueira múltipla e é o processo pelo qual nós ficamos presos na roda da vida. É através de Avidia que a roda da vida surge, nos impedindo de reconhecer a natureza ilimitada. Apesar de os Budas nos dizerem que “*todos os seres têm a natureza de buda, todos os seres têm a natureza ilimitada*”, por estarmos cegos pelo poder de Avidia, não estamos em condições de reconhecer essa verdade.

Avidia é simbolizada na roda da vida como o primeiro dos 12 elos. Quando esse fechamento é produzido, não há sofrimento. Mas, nesse momento, toda a raiz do sofrimento é estabelecida. Esse fechamento é o núcleo da semente do sofrimento. A própria semente surge um pouco mais tarde, mas o princípio ativo, a essência necessária para que a semente surja, é a própria Avidia. É assim que tudo começa, é assim que o primeiro dos 12 elos se inicia. O último elo é o sofrimento, onde nós estamos agora. Nós estamos em meio a uma grande complicação que não conseguimos resolver. Nós manobramos em meio às dificuldades e, de repente, outros sofrimentos surgem, e mais outros. Nós não sabemos muito bem qual a origem daquilo tudo.

Toda essa situação na qual estamos presos agora é montada em 12 elos e se manifesta em 6 reinos. Ainda que recebamos ensinamentos, ainda que os Budas digam que “*você tem a natureza ilimitada*”, nós não vemos isso. Essa situação, essa queda de uma amplidão para uma coisa muito particular, é o produto de Avydia.

1. Experiência da Separatividade

Ao invés de usar a forma discursiva, explicando de todas as formas possíveis o que é a separatividade, vou explicá-la através de exemplos. Vamos olhar juntos o exemplo e vamos capturar o princípio ativo dele. Mostrarei vários exemplos de separatividade, para que possamos percebê-la atuando.

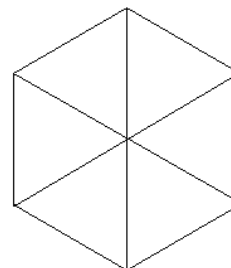
Para que possamos perceber a separatividade e para que possamos acusá-la de separatividade, é necessário reconhecer que ela não é uma separatividade verdadeira, mas uma experiência de separatividade. Se acreditarmos que a separatividade é verdadeira, nesse momento, nos ficamos presos a ela, perdemos a nossa liberdade. Nós podemos, no entanto, observar que temos a experiência de separatividade, ainda que ela, na verdade, não ocorra.

Vamos observar, através dos vários exemplos, a separatividade surgindo na presença da inseparatividade. Veremos que a inseparatividade parece desaparecer e a separatividade parece surgir, mas, na verdade, a inseparatividade segue operando. Apenas houve um esquecimento, um não reconhecimento da situação.

Como nós estamos olhando, contemplando isso, podemos contemplar sem penetrar, ou seja, nós vemos aquilo atuando, mas não nos deixamos enganar pelas aparências. O nosso refugio, a nossa base, está num processo de quietude, não permitimos a ação do galo, da nova base do resultado do que estamos vendo. Por não permitirmos a ação subsequente, pelo poder de Dyana, estamos, então, contemplando. Contemplar, porém, sem sentir o efeito.

Exemplo 1: O Cubo – Separatividade

Um hexágono. Dentro, podemos ver um cubo. Vemos que o cubo está na folha de papel, pois, quando olhamos, vemos o cubo na folha. Podemos observar ainda que nós estamos em um certo lugar e o cubo sobre a folha de papel está em outro. Como podemos perceber a inseparatividade aqui? Porque não há um cubo propriamente.



Tudo que temos aqui são riscos em uma folha de papel. O cubo não se forma no papel. No entanto, ele parece se formar no papel e, desta forma, parece surgir uma separatividade. Mas essa separatividade não é experimental. Por que? Porque, se não há cubo no papel, o próprio cubo surge porque há uma inseparatividade. Nós fazemos surgir o cubo no papel pelo poder da inseparatividade. Curiosamente, a separatividade surge pelo poder da inseparatividade.

O cubo surge e temos a experiência de que ele está fora do nosso alcance. É muito fácil ver que esse não é o caso. Por que? Porque podemos rapidamente transformar o cubo em um hexágono novamente, ele não está separado. Por outro lado, podemos transformar esse cubo em outro cubo. Se o cubo estivesse em uma folha de papel, separado, não teríamos esse poder. Assim, com essa palavra “separatividade” conseguimos introduzir a expressão “experiência de cubo”. Temos a experiência de cubo sobre a folha de papel, temos a experiência separativa, mas ela não é abrangente, não é segura. Na verdade, essa separatividade não ocorre realmente. Então, o primeiro item de Avydia é a separatividade, podemos ver que isso traduz Avydia. Quando a separatividade surge, surge a causalidade. Se quisermos acabar com o cubo, amassamos a folha. Isto seria um processo causal. Vamos supor que o cubo esteja nos perturbando, nós dizemos “vai lá e acaba com ele”.

O processo causal surge porque nós estamos incapacitados, pela separatividade, de fazer o cubo desaparecer. Nós perdemos a noção da inseparatividade, perdemos os recursos e isso significa que nós estamos toldados, estamos obscurecidos dentro da roda da vida, onde o nosso recurso é a causalidade.

A separatividade introduz a causalidade. O próprio surgimento do cubo é não-causal, o cubo não está em causas externas, ele não pode ser explicado pelo desenho. Ele surge numa inseparatividade que está operando. Sempre que usarmos o processo de inseparatividade para produzir os efeitos, estaremos operando de forma não-causal. Sempre que utilizarmos o processo de separatividade, estaremos atuando de forma causal.

Dentro de um processo usual de pensamento, quando olhamos para um objeto, podemos gostar dele ou não. Quando olhamos para alguma coisa, chegamos a uma conclusão. Vemos o cubo e o tomamos o como referência. Nós analisamos se gostamos dele ou não, nos perguntamos o que fazemos com ele. Esse é o processo de pensamento, as coisas surgem e seguem encadeadas.

No processo de contemplação, nós estamos examinamos a inseparatividade, tomamos exemplos e vamos contemplando, tendo sempre o mesmo foco, a separatividade. Ou tomamos um foco mais geral, como Avydia, e começamos a olhar os itens, mas temos um foco geral do qual não nos afastamos. Temos a observação e a conclusão com respeito aos exemplos, mas não nos dispersamos, retornamos sempre ao mesmo ponto sempre, não o perdemos.

Dhyana

Essa habilidade vem a partir de Dyana. Dyana nos faz parar, mesmo que tudo se mova, ou pareça se mover, ao redor. Então, nós paramos, desenvolvemos essa habilidade. Nos damos conta do que está se passando ao redor, mas não precisamos nos mover. Essa habilidade de não-movimento é essencial para que essa contemplação possa acontecer. Nós vamos e voltamos sem nos envolver, a causalidade não vai atuar.

Dhyana é a ação que nos previne do galo. Quando vemos algo, de modo geral temos um impulso de ação. A contemplação pressupõe que não vamos ceder a esse impulso de ação. A separatividade existe, nós fomos lá e vimos aquilo, ela está atuando, mas não obedecemos ao impulso de ação correspondente. Desta forma, podemos parar e contemplar a própria separatividade surgindo. Se, quando a separatividade surge, seguimos alegremente dentro dela, não temos como contemplá-la.

.....

Exemplo 2: O Sorvete – Contemplação

Ganhamos um sorvete, mas, ao invés de degustá-lo imediatamente, nós o contemplamos. Vemos a separatividade, Avydia, samskara, atração, tudo aquilo surgindo. Começamos, então, a comer o sorvete. Se a sensação for atribuída ao sorvete e o nosso impulso de ação for comer o sorvete inteiro, isto significa roda da vida usual.

Podemos, porém, observar todo esse fenômeno; podemos comer o sorvete, mas não estar sob o impulso que provém do próprio sorvete, seguimos contemplando. Podemos olhar toda a experiência de sorvete com um *raio x*, sem nos envolvermos, como costumamos fazer na roda da vida usual. E é isso que estamos fazendo.

.....

Voltando ao cubo, se estivéssemos na roda da vida usual, perderíamos o interesse rapidamente. Nós estamos, porém, contemplando o surgimento da experiência de cubo, o aspecto milagroso disso. Não estamos propriamente sob o efeito do cubo.

.....

Exemplo 3: A Imagem numa foto – Separatividade

O que vemos aqui? Nesta foto tem uma superfície de água, onde tem folhas flutuando e onde tem as árvores refletidas. Ao reconhecermos a água, podemos dizer "Oh, que quadro simpático!"

Onde estão as folhas? A resposta natural seria "Lá, no quadro". De fato, isso é efeito de Avydia. Isso é ação de Avydia que nos faz ter a experiência do surgimento das folhas. Tudo o que temos aqui é papel e tinta. As folhas não passam de "experiência de folhas". No entanto, parece que as folhas, a água e o reflexo de árvore estão no papel e nós aqui, separados delas. Isto é a separatividade.

Contemplação

No entanto, quando olhamos o quadro, poderíamos desejá-lo ter na parede da nossa casa. Esse impulso, esse desejo de prolongar essa sensação é o galo. Neste momento, já trocamos de base e nos perguntamos "Onde comprar, como emoldurar?" Tudo isso é ação do galo, que é a roda da vida.

Neste momento, porém, não estamos fazendo isso. Nós estamos olhando o quadro, contemplando a separatividade que surge. Neste momento, não é o galo que está comandando. Nós estamos parados com o mesmo foco e contemplando esse efeito surgindo. Isso seria a contemplação desse processo de separatividade surgindo, através de um exemplo.

.....

Exemplo 4: O Bastão – Inseparatividade

Olhemos esse bastão. Qualquer pessoa diria que este é um bastão que aciona o sino. Nenhum cupim concordaria com isso e ele teria mais razão que nós. Não nos damos conta desse atributo incessante que é produzido e que ele não tem localização. Assim, a inseparatividade está atuando incessantemente. No momento em que descrevemos o bastão, estamos descrevendo a nós mesmos. Nós e o bastão somos a mesma coisa. Somos inseparáveis e surgimos juntos na mesma experiência.

.....

2. Experiência de Criação

O primeiro atributo de Avydia é a separatividade, que foi explicado acima. O segundo atributo é a criação, a experiência da criação. O objeto surge como uma experiência - existe a criação da experiência.

2.1. Surgimento do Observador

A criação da experiência tem vários itens. Se observarmos com cuidado, veremos que existem vários pontos dentro da experiência do surgimento de algo. Podemos ver que o objeto obviamente surge. O que parece menos óbvio, é que, ao mesmo tempo, surge o observador também. Espantosamente, levamos um tempo para nos darmos conta disso. Nós estamos automatizados a nos ver como observadores. Se alguém nos perguntar: “Onde está o observador?”, apontaremos para o nosso corpo e diremos: “Aqui estou eu”. No entanto, o observador surge junto com o objeto.

Sem objeto, não há observador. Sem observador, não há objeto.

Para percebermos a mente operando no papel de observador, precisamos ter a experiência de uma mente livre. É muito importante contemplarmos isso, pois esse item nos conecta com a noção de ‘Quem sou eu? Como eu surjo? Como a minha identidade surge? Como a operação dela surge?’ Nós surgimos no mesmo fenômeno dos objetos contemplados.

Temos o surgimento do objeto, o surgimento do sujeito, o surgimento da localização das coisas e o surgimento da localização espacial de posição de objeto e de sujeito. Tudo isso são ‘experiências de’. Essas experiências são tão arraigadas que é difícil observá-las. Para observarmos isso com cuidado, precisamos primeiramente compreender o que é visão e o que é mente.

2.2. Surgimento do Objeto

Nós olhamos e vemos o surgimento do objeto, surgimento do observador, surgimento da localização espacial, que é mais fácil de compreender, porque já vimos a separatividade surgindo. Então, vemos o espaço entre o sujeito e o objeto.

Nós não vemos com o olho físico!

Nós olhamos dentro de um aspecto muito mais amplo, que é sempre a matriz que vamos usar seja para o que for. Isso é a contemplação dos 18 Dhatus descritos no Sutra do Coração, que nos mostra como os sentidos físicos não estão na dependência de seus respectivos órgãos.

Tem mais dois itens aí dentro. Vimos: 1 - o sujeito; 2 - o objeto; 3 - a localização espacial; 4 - a paisagem, onde isso se insere; 5 - o impulso natural de ação. Essa paisagem é a paisagem física e, ao mesmo tempo, mental, onde esse reconhecimento se dá. Nós temos uma experiência de paisagem onde contém tudo. Quando sutilizamos essa paisagem, vamos reconhecer uma paisagem mental atuando. Quando a criação se dá, surge o impulso natural de ação. Ele está ligado à experiência de objeto, à experiência de sujeito, à experiência de localização, à experiência de paisagem e, aí surge o impulso.

2.3. Surgimento da Localização Espacial, da Paisagem e do Impulso de Ação

Exemplo 5: A Cobra - Matriz

Estamos aqui sentados e vemos uma cobra, uma jibóia, entrando na sala. Olhamos para a cobra e temos uma 'experiência de jibóia', mas essa experiência de jibóia não diz respeito propriamente à cobra que está entrando. Nós temos uma experiência de acordo com a nossa Matriz de jibóia.

Nós olhamos para a jibóia, avaliamos a distância e vemos as nossas possibilidades de fugir. Temos, então, o aspecto de localização, temos o aspecto de paisagem e ainda o aspecto de impulso de ação.

Antes de raciocinarmos propriamente, já estamos saindo pela outra porta da sala. Por que? O impulso de ação surgiu! Mais tarde, pode ser que desenvolvamos um outro tipo de relação. No entanto, estaremos sempre sob o efeito de algo que é uma experiência. Uma pessoa que tem uma jibóia domesticada em casa, teria uma reação diferente da nossa. Por que? A matriz de jibóia dela seria diferente. Se ela fosse atacada pela sua jibóia, sua Matriz mudaria.

Por que chamamos isso de experiência? Porque ela é móvel, é plástica, podemos refazê-la, podemos recriá-la. Temos uma experiência separativa, temos a experiência de criação com esses itens vários e, ainda, temos três experiências de fechamento. Todas as outras experiências são a contemplação de como a cegueira se estabelece.

3. Experiência de Cegueira

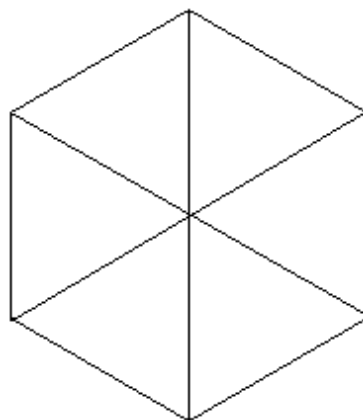
A experiência de cegueira também pode ser percebida através do exemplo do cubo, qualquer um deles.

Exemplo 6: O Cubo – Avydia

Quando vemos um cubo, não vemos o outro. Neste desenho, podem ser vistos dois cubos, um com vértice 'A' na frente e outro com o vértice 'B' na frente.

Estamos frente a uma cegueira convencional: porque vemos com o 'A' na frente, não vemos mais com o 'B' na frente. Quando vemos um, não vemos o outro, mas esse processo fica oculto. Quando vemos um, nos ocupamos com ele e não nos damos conta de que perdemos o outro.

Esta é a primeira cegueira convencional. Porque vemos um, não vemos o outro. Quando vemos algo e temos o impulso de ação correspondente ao que vemos, vamos nos movimentar segundo aquela cegueira e vamos seguir assim.



4. Experiência de Mundo (sânscrito LOKA)

Loka é uma experiência na qual há o surgimento de um mundo. Esse mundo que surge, é um mundo convencional, é um mundo estreito, que surge sob o efeito da separatividade. É a separatividade que produz o efeito de loka.

Quando olhamos sensorialmente ao redor, a nossa mente atua a partir dos sentidos físicos e nós localizamos todas as experiências separativas. Portanto, nós vemos os objetos nos diversos lugares com o conteúdo que nós experimentamos. O conjunto de todos esses objetos e situações chamamos de loka. Nós estamos fechados, presos, dentro dele. Só podemos ter as experiências separativas que correspondem a uma matriz sutil, a um processo mental sutil que nos permite. Esse processo mental sutil, o loka, é o mesmo que nos permite fazer surgir a experiência do cubo, por exemplo. Existe uma estrutura sutil que me permite ter experiências de cubo.

Só pensamos o que pode ser pensado, só vemos o que pode ser visto

Assim, temos as experiências dos vários objetos e, se somarmos tudo, temos as experiências de um mundo inteiro. Como estamos atuando sob aquela matriz sutil, não temos a experiência de outras possibilidades. O nosso número de possibilidades e de experiências de mundo é limitado. Não vamos adiante do loka. É necessário alterar a matriz para que possamos gerar outras experiências de mundo.

Existe uma cegueira que diz respeito às experiências que não podemos ter. Estamos presos dentro desse universo e não conseguimos acessar outros. Mas isso é uma segunda cegueira convencional. Ela é mais difícil de ser percebida.

Pergunta: *Qual é a diferença dessa cegueira com relação à primeira cegueira?*

Lama: A primeira é uma particularidade. Sempre que focarmos uma coisa, não importa em qual Loka estejamos, deixamos de ver outra. Essa cegueira atua igualmente, independentemente do Loka, quando focamos algo, perdemos outro.

No loka, temos um universo de possibilidades de experiências, porque temos uma matriz que nos possibilita coisas. Sempre vamos atuar segundo essas matrizes. Enquanto atuando separativamente, estaremos sempre na dependência dessas matrizes. Essas matrizes ainda se ampliam. Elas definem a cultura de um povo, definem a cultura de uma família, definem o grau de educação que a pessoa teve. A família, a cultura e a educação são processos de construir, de manipular, alguns itens dentro dessas estruturas. Essas estruturas, porém, ultrapassam vida e morte, elas seguem além de vida e morte.

Refiro-me à loka em um sentido muito sutil. Quando uma cultura se estabelece, por exemplo, ela se estabelece em um nível mais sutil do que o próprio acesso convencional, inteligível, discursivo ou mental.

.....

Exemplo 7: Outras Culturas, Outros Costumes...

Algumas culturas comem formigas e podemos ver que isso não é uma questão de opinião. Para a nossa cultura, seria inimaginável comer formiga. Outra coisa igualmente inimaginável seria olhar uma cobra com olhos de cozinheiro.

Tudo é uma questão da experiência correspondente. No Brasil, não temos a experiência de comida quando olhamos para a formiga ou para a cobra. Podemos até ter um tratado sobre o valor nutritivo das formigas para a alimentação. Intelectualmente, podemos ter todas essas informações, mas nós não temos o Loka correspondente, não temos a experiência de acessar aquilo dessa maneira, não olhamos para a formiga ou para a cobra produzindo esse tipo de impulso, começando a salivar.

.....

Exemplo 8: A Garrafa de Coca-Cola – Loka

Ainda existem umas poucas culturas na Terra que desconhece a coca-cola. Eles olham a latinha ou garrafa e não sabem o que fazer com ela. Quando provam, acham horrível, não acreditam que alguém pode beber algo tão ruim. Um exemplo disso é o filme abaixo:

Um habitante de uma tribo indígena, na África, encontra uma garrafa de coca-cola que havia caído de um avião qualquer. Curioso, o ser olha para aquilo e leva para a sua tribo, que até então, vivia em paz. Na tribo eles encontram mil e uma utilidades para a garrafa, mas as pessoas acabam brigando por causa dela. Cada um acha que a utilidade que ele dá à garrafa é mais importante, por isso ele deve ficar com ela.

A pessoa que encontrou a garrafa vê aquilo como um alerta dos deuses, achando que se apossou de alguma coisa que lhe pertencia, por isso gerou uma grande discórdia na sua tribo. Decidido, ele se prepara para uma longa caminhada, na procura dos deuses que a haviam perdido a garrafa, com a intenção de devolvê-la.

.....

Loka é uma experiência que brota livre do raciocínio, mas essa experiência não é dominada pelo raciocínio. A experiência de mundo é uma experiência que vem de um nível muito mais profundo. Quando reconhecemos o cubo, essa experiência está se manifestando em um nível muito sutil. Não é uma opinião de cubo que se manifesta, mas uma visão de cubo. Loka domina as mentes que atuam junto com os sentidos físicos.

Nós temos cinco sentidos físicos e um sentido mental. Loka define as possibilidades das experiências sensoriais. Nós não percebemos que a experiência sensorial está filtrada por uma mente específica. No entanto, essas mentes atuam e elas sonham também. Loka é um departamento muito interessante porque é inseparável das próprias mentes que atuam junto aos sentidos físicos.

.....

Exemplo 9 - A Mosca no Braço

Nós vemos uma mosca caminhando no braço, a mosca vai embora e nós ainda a sentimos por um certo tempo. Isso é um sonho da mente sensorial tátil. Não tem mais mosca ali!

Da mesma forma, nós vemos alguém, a pessoa vai embora. Não a vemos mais com os olhos físicos, mas a pessoa continua sendo vista pela nossa mente.

.....

Nós continuamos visualmente vendo, nós sonhamos visualmente, nós sonhamos de forma tátil. Todas as mentes associadas aos sentidos são canais de acesso e manipulação das experiências que ocorrem dentro de loka, mas aquilo que não está dentro de loka não vai ser experimentado. Portanto, a cegueira diz respeito a isso.

Vemos, em vários casos, experiências que não tínhamos antes e que começam a surgir. Existe uma interface. É essa interface que nos permite ver isso atuando.

.....

Exemplo 10: Acupunturista & Médicos Convencionais (1) – Loka

Quando acupunturistas conversam com os médicos convencionais, ele não se entendem. São dois universos completamente diferentes. Os acupunturistas vêem as energias dentro do corpo, enquanto que os médicos tradicionais não as vêem. Os médicos convencionais, por sua vez, por não verem, vão achar que acupuntura é magia. Eles não entendem como aquilo funciona.

.....

Exemplo 11: O Rádio – Loka

No Tibet, apareceu um vendedor com um rádio, a caixa mágica na qual se escuta a voz de uma pessoa a uma grande distância. Na época em que isso aconteceu, não havia nem energia elétrica no Tibet, então, aquilo era realmente uma caixa mágica. A caixa é mágica porque não está naquele universo. A pessoa vê aquilo funcionar, mas não consegue explicar, ou mesmo, entender como; não consegue incluir aquilo no seu mundo. Isso é uma alimentação de Loka. Uma pessoa daquela época nunca poderia sonhar com o rádio!

.....

O loka é uma realidade pré-estabelecida, mas nós, convencionalmente, estamos presos a ela. Essa prisão nos restringe dentro da operação convencional. Observem que já temos duas cegueiras convencionais.

Depois, surge um quinto item dentro de Avydia. Vejam que os quatro itens anteriores têm por base a separatividade. Os lokas não surgiriam se não fosse a separatividade também.

5. Experiência de Trancamento, Selamento, Fechamento (sânscrito TANHA)

Surge uma energia de defesa frente à nossa visão. Quando vemos o cubo, temos um apego a um cubo em relação ao outro. Sempre que estamos presos em um certo tipo de visão, temos a dificuldade de trocar, nós resistimos. Essa resistência é o sistema de trancamento.

Como mencionado, quando temos um loka específico, surge uma resistência. Se alguém nos diz: “Não, não é bem assim, você não precisa passar por esse sofrimento”, alegamos: “Como?! Você diz isso porque não está na minha pele!”. Assim, nós resistiremos, não nos dispomos a mobilizar a situação. Quando, finalmente, movemos, nos parece completamente natural ter movido. Então, assumimos completamente a outra posição. Existe uma ‘cola’, uma teimosia e isso é tanha. Isso é um método de defesa adicional.

A primeira cegueira convencional acontece quando nós vemos um cubo e não vemos o outro. Ou vemos um, ou o outro e, por ver um, não vemos o outro.

Nessa primeira cegueira, sabemos que existe um outro, tentamos vê-lo, mas não conseguimos. Tem um processo, uma miopia. Tentamos passar para o outro lado, mas não temos a experiência. É muito difícil. De repente, conseguimos. Então, tentamos voltar e temos dificuldade. É um processo de trancamento, um processo que pode produzir uma vontade de trancamento. Ele é uma impossibilidade sutil, é um processo de perda de mobilidade do referencial da mente que produz a experiência.

Usamos o exemplo do médico convencional e do acupunturista. O médico convencional vê a doença, mas não vê a energia natural do corpo. Ele não trabalha com as energias. Nenhuma disciplina do curso vai ter isso, as energias naturais de cura do corpo. O loka é o processo no qual o médico vai dizer: “Isso aí é feitiço, isso não existe!”. No universo dele, essa visão realmente não existe.

Quando observamos o desenho do cubo, vemos que os dois são possíveis. Os dois cubos estão no mesmo universo, no mesmo loka. O mesmo loka tem os dois cubos. Porém, quando vemos um não vemos o outro. No quarto item, porém, que é a segunda cegueira, a cegueira de loka, é como se o outro cubo não pertencesse ao universo.

Pergunta: É como se fosse um paradigma?

Lama: Um paradigma é uma estrutura, uma visão e o que está fora daquele paradigma não conseguimos acessar. Mas o paradigma está dentro de uma verdade convencional discursiva. É por isso que podemos falar do paradigma.

Aqui é um nível mais sutil. É um processo que atua dentro dos sentidos físicos. Após raciocinar, eu chego a uma conclusão e posso dizer que o fumo não é interessante. No entanto, eu sigo operando com o apego ao fumo. É o Loka que define o apego ao fumo, ele não trabalha a nível de opinião. Ele trabalha a nível de produzir a experiência mesmo.

Exemplo 12: O Painel de Lâmpadas - Tanha

Vamos supor que estejamos olhando painéis de lâmpadas. No início, quando algumas lâmpadas acendem, umas aqui, outras ali, vemos apenas lâmpadas. De repente, mais lâmpadas acendem, sincronizadas em forma de linhas. Nesse momento, não estamos mais vendo lâmpadas, mas linhas. Com mais luzes sincronizadas, estaremos vendo letras se formando. Depois, as letras formam palavras, as palavras andam e têm significados correndo ali.

Quando as palavras estão andando nem estamos mais vendo letras, já existe uma certa dificuldade de deixar de ver as palavras e olhar as letras. Também não conseguimos deixar de olhar as letras e ver as lâmpadas. Quando começamos a olhar de um certo jeito, temos uma proteção para conseguir seguir olhando daquele jeito.

Essa proteção é esse quinto aspecto. A disposição adicional para ficar preso, de não mobilizar a visão, de não deslocar nem loka nem objeto. É isso que nos permite andar e nos movermos no mundo. É isso que nos permite uma concentração, que nos permite entrar em um shopping, por exemplo, ver milhares de pessoas, milhares de cartazes de todos os tipos, milhares de mensagens e caminhar retos em direção ao que estamos querendo ver. Nós usamos constantemente o poder do trancamento.

Exemplo 13: Criança – Trancamento

Nós ensinamos esse trancamento também às nossas crianças. As mães dizem: “Meu filho, você vai à padaria e compre essas coisas, volte para casa e não vá se distrair no caminho. Não converse com ninguém, não aceite presente de ninguém. Você vai e volta, que eu estarei aqui esperando, e eu vou contar o tempo”. Dessa forma, a mãe produz um fechamento. A criança, então, vai, vê os amigos jogando bola, mas resiste. Ele vai e volta diretamente por causa do trancamento.

6. A Perda da Visão Espiritual

Essa é a perda mais grave. Todos os cinco itens anteriores operam de forma oculta, não vemos acontecer. Alegremente, saímos correndo atrás dos objetos, andamos para lá e para cá, nos movemos dentro dos universos específicos e simplesmente não tomamos conta do que está realmente acontecendo. Isso é Avydia. Esses cinco itens são explicados pelo cego - cego da visão espiritual. Ele não vê isso acontecer.

Quando vemos isso acontecendo, aí vem **rigpa**. Quando temos a compreensão e nos damos conta disso acontecendo, podemos andar no meio dessas experiências e só vamos encontrar mais exemplos dessa experiência, de se mover no meio desses fenômenos, que apenas apontam Avydia, da mesma forma que estamos aqui examinando esse processo. Nós somos capazes de examiná-lo porque não entramos na magia do cubo, nas várias magias que fazem surgir os mundos específicos que nos prende nisso. Estamos treinando a passagem por dentro e esse treinamento é contemplação. Nós passeamos por dentro e aquilo atua, se não atuar, nós não temos os exemplos para reconhecer. Tudo aquilo atua, mas não nos prende. Nós observamos os itens adicionais que não são mais propriamente Avydia.

Para que possamos compreender melhor como Avydia age, precisamos perceber que a inseparatividade está atuando incessantemente. Precisamos reconhecer que nós criamos todas as circunstâncias. Cada vez que olhamos para o cubo, o reconstruímos. Por esse motivo, podemos reconstruí-lo diferentemente. Como não nos damos conta disso, pensamos que o cubo é a experiência de cubo, que ele está na frente, separado de nós. Mais tarde, quando o reconstruímos de forma diferente, dizemos: “ele não é mais o mesmo!”. Atribuímos a função a ele.

Desta forma a impermanência pode surgir, ela não tem como não surgir. Porque a inseparatividade segue atuando, os objetos não estão nos objetos, eles são a experiência de objetos e assim existe uma impermanência natural nesse processo. A impermanência surge como a própria manifestação da inseparatividade.

Espiritualidade

Na verdade, eu usei essa expressão, não porque eu vou trazer de uma outra experiência a palavra espiritual para usar aqui. Essa é uma expressão que estou usando e estou definindo a visão espiritual por isso mesmo. Aqui, neste contexto, a visão espiritual é ter a clareza sobre esse processo. Não ter a visão espiritual é não ter essa clareza. Eu não estou buscando de uma outra tradição, de uma outra explicação, o significado da palavra espiritual. Estou oferecendo aqui mesmo esse significado.

Quando essa visão ativa é produzida, vamos desenvolvendo os resultados correspondentes. Esses significados vão solidificando em forma de marcas. A contemplação dos exemplos se torna cada vez mais fácil para nós, o loka vai surgindo efetivamente. Vão surgindo as estruturas por trás. Essas estruturas vão se expandindo, vão se tornando mais complexas. As estruturas que surgiram em um nível, permitem o surgimento de outros níveis, tomando as anteriores por base. Tudo vai se tornando mais e mais complexo. Assim, nós vamos girando dentro da roda, vamos passando de um item para o outro dos 12 elos. Assim, surge a possibilidade de contemplarmos essas coisas.

Dhyana (meditação)

Na contemplação, usamos o poder de Dhyana. Nós paramos. O corpo pára, a energia se estabiliza, pousamos a mente sobre o item separatividade. Quando pousamos a mente sobre o item separatividade, parece que não vem nada. Como temos dhyana, não nos afastamos do tema, não nos afastamos do ponto. Seguimos olhando. Daqui a pouco, começamos a ver a separatividade. Então, começamos a ver os exemplos, uns após os outros. Isso é a contemplação específica. Essa passagem da experiência de não vermos para, de repente, a experiência de vermos, é uma experiência muito parecida com aquelas gravuras “3D”: nós não vemos..., não vemos..., não vemos..., e, subitamente... vemos!

Dhyana pode ser dividida em três itens: o corpo, a energia e a mente. Se conseguirmos dirigir isso, o processo aleatório cessa. Assim, podemos ver aquilo que é mais difícil, porque, se olhamos um pouco e nos dispersamos, não conseguimos penetrar no que é complexo. Portanto, precisamos ter a estabilidade. Se olharmos uma gravura “3D” e tivermos a mente dispersa, jamais estaremos em condição de cruzar aquela aparência e ver o desenho. Para isso, necessitamos de uma mente que seja capaz de parar, de uma mente que penetre.

Estamos entrando na sexta etapa, que é a capacidade de praticar dhyana. A partir do olhar, até que aquilo começa a aparecer, nós começamos a contemplar os itens específicos. Sabemos que a separatividade está em tudo e que a inseparatividade, também, está em tudo. Podemos, então, pousar os olhos sobre qualquer lugar. Assim, fazemos brotar a visão disso. O cubo se torna um exemplo desnecessário. A separatividade e a inseparatividade estão em todas as coisas. O cubo é só para facilitar, mas podemos pousar os olhos em qualquer coisa e isso estará acontecendo.

Podemos, então, pousar os olhos e não vermos. Mais uma vez, voltamos para o cubo, para nos lembrarmos. Procuramos, então, outros exemplos e perseveramos até que aquilo apareça.

Então, nós estamos começando por dyana, que é a sexta etapa do Nobre Caminho. Nós começamos pela estrutura, gerando primeiramente a capacidade de parar o corpo, estabilizar a energia e pousar a mente onde quisermos. Isso é dhyana. Se ficarmos dispersivos, com a mente vagueando de um lado para o outro, não conseguiremos penetrar nas coisas mais difíceis, como a visão “3D”. Por isso, temos de gerar a habilidade de poder penetrar nisso. Por esse motivo, o primeiro passo da meditação é esse.

Esse é o foco tríplice, na verdade, corpo, fala e mente. Depois disso, podemos começar a contemplar, item por item. O Sutra do Coração tem 46 itens para serem contemplados. Todos eles subdivididos. O nosso objetivo é gerar a capacidade para poder penetrar no Sutra. Enquanto não possuímos essa estabilidade, não conseguiremos penetrar nisso. Agora estou começando a arranhar esse conteúdo. A primeira forma de penetrar nisso é através de Avydia. Estou explicando Avydia, porque Avydia está presente em todos os 45 itens que estão descritos no Sutra.

No momento em que nós estamos examinando isso, vendo os exemplos, já estamos praticando a contemplação, apoiada pela palavra, pela explicação. É como se eu estivesse empurrando um automóvel cujo motor não quer pegar. Neste caso, eu estou empurrando com palavras, para ver se, em um certo momento, aquilo acontece na mente de vocês. Quando isso acontecer na mente, aí nós aproveitamos melhor o tempo. Então, nós podemos parar. Teremos a própria habilidade de andar no meio disso e ver por nós mesmos.

Ainda assim, a meditação, como todo método, termina em um certo ponto, que é quando não precisamos mais parar para poder ter essa experiência. A experiência se torna natural. Porque quando a separatividade se dá, de um modo geral, nós não a percebemos.

Na física quântica, Niels Bohr diz: “Os paradoxos pertencem à física clássica e não à física quântica.” As coisas aqui também parecem paradoxais, mas isso se dá dentro da visão comum. Nós não sabemos como brota a impermanência, de onde brota a dor, mas todas são subprodutos de Avydia. Como nós temos uma visão separativa, nos atamos a uma experiência, não queremos que aquilo se mexa. Quando, inevitavelmente, tudo se mexe, já temos um processo de defesa acionado para aquilo. Quando esse processo de defesa é acionado, o chamamos de dor.

Vemos essa dor, essa agressão toda que utilizamos para fazer tudo equilibrar, como uma coisa completamente natural. Assim, surgem as 6 emoções perturbadoras e as 10 ações não-virtuosas de forma completamente natural, necessária. Mas tudo isso é um esforço de sustentação da visão insustentável. Por que ela é insustentável? Porque ela não se exerce verdadeiramente. O que se exerce verdadeiramente e incessantemente é a inseparatividade, quer a reconheçamos ou não.

Como esse efeito de inseparatividade segue atuando, não conseguimos manipular como gostaríamos. Nós ficamos à mercê de uma série de processos que escapam à nossa intervenção. Porque a nossa intervenção está dentro de um loka e o universo é muito mais amplo do que um simples loka. E o universo segue se movimentando. Ele atravessa as nossas fronteiras de lokas sem o menor esforço. E nós só temos aquele recurso estreito dentro dos lokas. Assim, surge o sofrimento, a sensação de impotência.

Pergunta: Então a impermanência não existe, mas sim, a experiência de impermanência?

Lama: A impermanência sempre se dá com relação a objetos separados, ela está na dependência disso.

Pergunta: Não existe algo como o centro da inseparatividade? Algo que possamos nos ancorar como sujeito?

Lama: Sim, o refúgio. O refúgio é duplo. Na verdade, ele é triplo, ele pode ser ampliado. O refugio funciona mesmo nas piores situações. Quando recuperamos a visão espiritual, reconhecemos que existe uma liberdade natural que permite o surgimento das separatividades. A multiplicidade de todas as coisas é possível porque existe uma natural liberdade. Essa natural liberdade é o refúgio último. É isso que nos permite dizer: "Tal coisa é uma experiência de..."

Se sentimos dor, reconhecemos que é uma experiência de dor e, então, podemos sorrir para aquela experiência. Se alguma coisa desaba, reconhecemos a tragédia como uma experiência de desabamento, de tragédia. A natureza não-construída está presente, tanto que as construções podem surgir. A natureza não-construída é um substrato onde as construções podem surgir.

Por esse motivo, tomamos refugio na natureza não-construída. Ao contemplarmos tudo isso, vemos a natureza não-construída oferecendo substrato para todas as construções.

De uma forma muito curta, na meditação, durante uma grande dispersão mental, também podemos dizer "isso é o que eu estou fazendo com o silêncio". Essa expressão retira a pessoa da luta contra as aparições. Aquilo se torna uma aparição natural da luminosidade e da liberdade que permite o surgimento de Avydia, permite o surgimento dos lokas. Essa experiência de substrato de todas as possibilidades é uma experiência mais fundamental.

Nós tomamos refúgio nessa natureza, que é uma natureza totalmente acolhedora, de onde brota tudo como possibilidade também. O tempo brota dessa natureza, mas ela não está dentro do tempo. O espaço brota dela, mas ela não está dentro do espaço. Todos os objetos brotam dela, mas ela não está dentro dos objetos, nem é redutível a algum objeto. É como um quadro em uma sala de aula. Ele contém todas as aulas de todos os professores, mas ele não está nas aulas.

Pergunta: Durante a meditação, apareceram, na porta à minha frente, várias figuras diferentes, como bichinhos, pessoas, montanhas, etc. Eu tentei vê-los como a luminosidade da mente atuando. Mesmo assim, eles me atrapalharam, pois tiraram toda a minha atenção.

Lama: Este é um bom exemplo para mostrar como a dispersão manifesta a natureza luminosa da mente. Quando você está vendo essa sucessão de entidades e de seres, incluindo a própria porta, tendo as várias experiências, isso é a natureza da mente se oferecendo, ou seja, essa mobilidade, essa capacidade de construir, de sustentar. Quando você olha para porta, um conjunto de pontinhos talvez lhe permita ver um rosto, uma imagem.

Observemos, então, o que significa o objeto. O objeto é aquilo que vai estabilizar uma certa estrutura, vai permitir a manifestação mais estável de uma certa estrutura. Essa é a razão pela qual nos fixamos nos objetos. Mas isso é uma inseparatividade. O objeto ganha aquela feição a partir dessa experiência que surge de fato. O objeto não é objeto, mas a experiência de objeto.

A luz que entra nos olhos é a mesma, a experiência sensorial é a mesma, mesmo assim, começam a aparecer muitas e muitas coisas. Você está passeando dentro da experiência que produz a gênese do surgimento dos objetos. A partir disso, você pode perceber a inseparabilidade que existe entre você e os objetos efetivamente. Porque são diferentes experiências que brotam da mesma luz externa. A mesma experiência sensorial produz diferentes experiências de reconhecimento.

Essa experiência é similar à do cubo, só que no seu caso é múltipla. Essa mobilidade aponta diretamente para essa natureza. A dispersão mental é uma manifestação dessa liberdade. Ela é uma manifestação da mente totalmente acolhedora.

Quando estamos operando dentro da causalidade, quando surge um objeto, nos perguntamos: "Por que esse objeto? Qual é o significado? O que devo fazer com isso?". Assim começamos a andar no mundo daquele objeto e isso é a roda da vida. Quando percebemos que aquilo é a manifestação que passa a surgir a partir da liberdade natural, a partir do silêncio, vemos esse fenômeno extraordinário que é a mente produzindo isso, produzindo as experiências como se fossem externas, com se fossem na porta. Tudo isso é espantoso. Isso é o sonho da sua mente visual. A sua mente visual está sonhando.

Alayavijnana

Se quisermos olhar essa mente, existem aquelas duas expressões em sânscrito. Uma delas é alayavijnana. Essa matriz em sânscrito se chama alayavijnana. Se quisermos ter uma experiência de alayavijnana, é só olhar em volta. Isso tudo é alayavijnana. Contudo, nós não vemos isso como alayavijnana, mas como um conjunto de objetos. Se fecharmos os olhos, talvez veremos os mesmos objetos nas mesmas posições. O que estaremos vendo então? Alayavijnana! Não estaremos vendo com os olhos! Vemos diretamente a estrutura. Podemos atribuir o mesmo significado aos armários, às portas, às janelas, à Eliane. Atribuímos as mesmas estruturas, estão impressas em alayavijnana. Quando abrimos os olhos, não vamos ver melhor, porque a Eliane é a mesma, com olho aberto ou fechado. Eu vejo a Eliane a partir de alayavijnana. É alayavijnana que me permite ver e não os olhos.

Os sentidos físicos são um ornamento da visão.

A visão, neste caso é tomada em um sentido mais amplo do que a visão dos olhos. Com alayavijnana, movimentamos os 5 sentidos físicos e a mente. Só podemos ver o que está impresso em alayavijnana, estamos presos nessa matriz. Isso é o loka, é o mundo. Por isso podemos afirmar que a mente e o mundo são a mesma coisa. Enfim, não há separação nisso. Porém, se quisermos tratar das emoções e da mente, podemos tratar separadamente, como tratamos corpo, fala (emoção) e mente, mas, enfim, os três estão unidos.

Pergunta: De onde surge a lógica?

Lama: A lógica é uma operação da sexta mente. Paramos para pensar, vemos objetos do nosso pensamento. Manipulamos, então, esses objetos de uma maneira lógica, ou não. Os objetos que estamos manipulando podem ser surgidos a partir da experiência das mentes associadas aos sentidos físicos. Essa mente de raciocínio não penetra na mente dos sentidos físicos, pois ela não tem o poder. Ela é um deles, é equivalente. Nós pensamos com os sentidos físicos sem nos darmos conta disso. Uma pequena mobilidade de pensamento com sentido físico é essa: percebemos que trocamos o cubo e o vemos diferente. Porém, o ver é uma operação da mente ligada aos olhos.

Em tibetano, a mente racional está ligada a Nampashepa. As diferentes mentes também não são separadas. Cada uma é chamada de uma outra forma, existem muitas palavras para designar uma a uma. Tem um núcleo que gera diferentes descrições, mas a separatividade entre elas de fato não existe. A liberdade dos seres dentro da roda da vida é muito difícil frente a isso. É muito difícil em todos os reinos. Até no reino humano é muito difícil. Na condição humana, os ensinamentos estão disponíveis. Os Budas passaram e encontraram um jeito milagroso de pegar a própria confusão, mergulhar dentro dela e tirar alguma coisa, além da própria confusão, e isso é o milagre.

O Bodhidharma livrou os seres da almofada.

Para nós, o ponto importante é poder aproveitar depois o tempo da meditação, ou seja, parar e ser capaz de reconhecer os diferentes pontos atuando. Precisamos treinar isso quantas vezes forem necessárias, incessantemente. Isso nos permite fazer prática aonde estivermos. Isso nos livra da almofada. Se diz que Bodhidharma livrou o budismo da almofada. Nós não precisamos da almofada para fazer essa prática. Não precisamos ficar parados para fazer isso. Talvez no início, mas mais tarde não mais. Esta é a ênfase nesse ponto.

Todos esses ensinamentos são, lastimavelmente, auto-secretos, todos. Nós vemos, mas daqui a pouco não vemos mais, mesmos que nos lembremos de todas as palavras. Por isso, enquanto estamos sob a benção de poder ver, que olhemos isso muitas e muitas vezes. Isso é semelhante a um sonho, que nós tentamos nos lembrar depois, mas, quando acordamos, ele se foi. É necessária uma condição particular de mente para que possamos acessar isso. Nós nem percebemos que entramos nisso. Depois que saímos, não conseguimos mais retornar. Por isso, é necessário que, enquanto estivermos nessa condição favorável, passemos muitas e muitas vezes por esses pontos para que alguma coisa, pelo menos, 1% disso nos permita reentrar.

Pergunta: O que fazer frente a um problema?

Lama: Depois isso se torna um pouco mais fácil. Ainda assim, quando surge uma perturbação mais grave, nos perdemos completamente. Isso é praticar. Da próxima vez, faremos melhor. Tomamos como estímulo o fato de que vamos cruzar pela morte. Nesse momento, precisaremos ter lucidez. Ainda assim, com o fator benéfico, por pior que seja os fatos, a tragédia ou mesmo a morte, mais tarde nós retornamos. Maharaja não tem tanto poder assim. Maharaja é a própria manifestação dos Budas. A atuação de Maharaja se dá dentro dos lokas e eles são etéreos. Devemos sempre lembrar-nos de que nada está perdido quando tudo parece perdido.

Quando olhamos o cubo, observamos que existe uma troca de visão. Essa visão não é causal. Normalmente, utilizamos a palavra racional para coisas que são causais. Agora, estamos tentando utilizar uma linguagem convencional para chegar ao ponto de reconhecer as ações não-causais. Estamos usando a linguagem do mundo, trocando o mundo pela terra pura, olhando dentro do mundo diretamente o processo não-causal atuando. Enquanto fazemos isso, uma das coisas saborosas dessa contemplação é que toda ação causal é, na verdade, uma ação não-causal. Essencialmente, a causalidade não elimina a não-causalidade.



2º ELO SAMSKARAS Marcas Mentais

TEXTO 1

SEGUNDO ELO – SAMSKARA

No segundo elo nós temos as estruturas surgindo. Chamamos essas estruturas de *Samskara* (*Skara* = cicatriz, *Samskara* = conjunto de cicatrizes = marcas por hábito). Como vemos Samskara? As estruturas internas começam a surgir a partir de Avydia, a partir da criação. Nós geramos as estruturas a partir da delusão.

Vejamos o exemplo deste retiro, nós estamos fazendo um pouco disso agora, estamos reconhecendo Avydia. O reconhecimento de Avydia já é uma estrutura que está operando. Nesse momento, nós estamos gerando essas estruturas para ver liberdades. Estamos usando o poder da mente para reconhecer essa operação. Antes, essas estruturas foram criadas e nos aprisionavam. Agora, nós vamos olhando e lucidando essas estruturas, criando assim a liberdade correspondente.

O símbolo utilizado na Roda da Vida para essa estrutura, eu considero um símbolo muito bonito. Ele é um potista trabalhando com o barro. Analisem: O potista começa com uma bolota de barro, um torro, então ele vai girando aquilo. No final de seu trabalho, ele continua com a bolota de barro, não há outra coisa, senão bolota de barro. A experiência dele, porém, já não é mais a de uma bolota de barro. Ele já está vendo um pote ali. Quando ele vai descrever a diferença entre a bolota de barro e o pote de barro, ele vai ter de falar na forma. Essa forma é um aspecto sutil que ele vê naquela bolota. Ele não vai poder explicar aquela forma na microestrutura do barro. Ele só vai poder ver aquela forma a partir de um processo de delusão que opera na própria bolota. Olhando esse aspecto, acho que até a teoria do surgimento do homem a partir do barro é um aspecto interessante.

Vamos colocar um outro exemplo: Imaginem que uma pessoa começa a trabalhar com a bolota de barro e gera um pote. Mas ela não gostou dele e o desfaz e faz um outro. Ainda não satisfeita, ela o desfaz novamente e torna a refazê-lo várias vezes, até surgir o pote que ela tinha em mente, como ela gosta, que espelha a natureza como ela vê. De onde surge essa aparência do barro? Ela surge de um aspecto inseparável dela mesma, ela olha para o barro e vê o pote. Da mesma forma que nós olhamos para os riscos e vemos o cubo. Agora, porém, ele tem uma estrutura – semelhante à estrutura que se manifesta no cubo. Isto é a delusão operando!

A seguir, ele pega aquele barro e o coloca sobre a mesa para secar. Ele faz isso com três ou quatro bolotas. De repente, as crianças vêm brincar ao redor. Nesse momento, ele manifesta o terceiro item – o surgimento de sua identidade. Isto acontece porque ele se descobre apegado à estrutura. Ele não quer que aquilo caia no chão. É um processo no qual ele olha para si e vê que ele tem uma estrutura de defesa com relação àquele processo. Quando ele encontra a sua estrutura de defesa ele diz “eu - isso”, ele pode falar dele mesmo. Nós só vamos encontrar as estruturas quando surge a cobra, propriamente. O javali já são as próprias estruturas, mas o javali não se revela a si mesmo, a não ser através da cobra e do galo.

Os Três Animais

N o budismo, a nossa identidade está representada por três animais, o javali, a cobra e o galo. Nós agimos dentro das estruturas, que são representadas pelo javali. Mas nós só vamos poder localizar essas estruturas quando a vemos reagir. Ela não vai aparecer por si mesma. Se alguém nos perguntar se temos alguma fixação, podemos até responder “*Não, acho que não, nenhuma...*” Se olharmos para dentro, não as vemos. As estruturas só aparecem, quando alguém nos faz alguma coisa e nós reagimos. Neste momento, o javali vai se revelar na cobra ou no galo.

O galo é a atividade incessante. É a nossa atividade de proteção através da ação incessante, contínua. Por exemplo, se quisermos ver se somos boas donas de casa, nós não precisamos perguntar a nós mesmos. É só olhar para a casa e ver se o galo começa a atuar ou não. Podemos até pensar que somos uma boa dona de casa - uma pessoa pode gerar a opinião que quiser sobre si mesma. No momento em que perguntamos a uma outra pessoa, ela vai ver, por exemplo, um quadro torto na parede, lixo no canto, louça para lavar, etc. e vai provavelmente responder “*É... mais ou menos...*” Por que o outro responde assim? Porque o galo revela. Talvez a pessoa até pergunte: “*Isso não te deixa um pouco nervosa, essa bagunça toda?*”. Se nós respondermos “*Não, até que não...*”, neste caso, nem o galo, nem a cobra está atuando sobre nós.

Através desse processo podemos, indiretamente, observar as pessoas. Os Lamas, em geral, usam isso. Chagdud Rimpoche usa muito isso. Para saber como uma pessoa é, olhe quem está ao redor. Olhe como as coisas giram ao redor, não é necessário olhar para a própria pessoa. É ao redor que todas as manifestações vão aparecer.

Samskara são as marcas com as quais estamos operando. Eventualmente, podemos gerar consciência sobre essas marcas. Não é necessário que tenhamos consciência sobre elas, elas atuam, com ou sem consciência. Por esse motivo, não é necessário que tenhamos uma consciência sobre uma identidade para que ela possa operar. Vendo desta forma, livrar-se ou não da identidade, não tem grande significado. Lutar contra a identidade não é o ponto. O ponto é gerar uma liberdade. Nós estamos buscando a compreensão da liberdade desse processo. Como nós vemos que essa liberdade se torna restrita por Avydia, se manifesta como marcas, sabemos que ela está oculta. A prisão está oculta. Olhando assim, sabemos que o processo discursivo não vai nos trazer a liberdade. Descobrimos que em nada ajudará se colocar discursivamente em um ponto de aversão. Pode ocorrer, em um certo momento, da pessoa gerar uma função coerente em decorrência das suas marcas. Isso corresponde ao terceiro nível.

.....

Classes de Ensinaamentos

Q uando olhamos os ensinamentos, sejam em livros, seja quando os ouvimos, é necessário reconhecermos qual classe de ensinamentos estamos ouvindo. As diferentes classes falam de forma diferente os mesmos ensinamentos. Existem ensinamentos que olham para a Roda da Vida como um problema. Eu mesmo dou esses ensinamentos. Em outros ensinamentos, vamos ver a Roda da Vida como perfeição. É necessário que vejamos em qual classe de ensinamentos estamos imersos. A pessoa só vai ouvir a Roda da Vida como perfeição quando ela tiver a capacidade de ouvir isso.

Nós aqui estamos quase que entrando diretamente nisso. Estamos pulando, praticamente, todos os ensinamentos preliminares. Estamos entrando direto na sétima etapa do Nobre Caminho, como se nós fôssemos meditantes. De um modo geral, para ouvir esses ensinamentos a pessoa precisa ter, no mínimo, a experiência de estabilidade, o que a permite penetrar nesses âmbitos todos. Então, de alguma forma, vocês têm isso também, desta ou de outra vida, pois vocês estão entendendo um pouco o que seja esse processo.

Na verdade, o método do Buda é um método de girar a roda. Então, nós vamos até a décima segunda etapa e voltamos para a primeira. O que vai acontecer quando nós retornarmos para a primeira? Vamos olhar tudo isso e ficar estupefatos, vamos comparar com os objetivos corriqueiros da nossa vida e vamos dizer: *"Nossa, que estreiteza me limitar ao espaço e tempo, a operar a partir de aspectos tão limitados."* Então entendemos melhor o que significa a decisão de ultrapassar os limites da Roda da Vida.

Esta abordagem é realmente interessante. Nós começamos pela meditação e temos uma visão cósmica. Nós retornamos, então, a nossa vida e com muito mais facilidade dizemos: *"Eu quero ir adiante!"* Às vezes quando estamos imersos no próprio panorama da nossa vida, fica muito difícil dizer *"eu quero ir adiante"*, pois só vemos aquele panorama e os ensinamentos corriqueiros vão nos fazer andar a partir do sofrimento que estamos tendo.

Normalmente, não conseguimos ver adiante mas vemos, pelo menos, o sofrimento e queremos sair disso. A partir dessa realidade, vamos recebendo os ensinamentos. Esse método, porém, é um pouco lento! Eu prefiro o método como aconteceu comigo mesmo. O sofrimento não era interessante para mim, não era um bom ponto de partida. Eu podia me livrar do sofrimento de muitas outras formas. Foi o aspecto gigante, como esse que nós estamos olhando, que me atraiu, me deslumbrou. Quando vemos isso, não somos mais os mesmos. Nós tentamos depois incorporar, manter essa visão na vida o tempo todo e isso nos impulsiona a ir adiante, a fazer prática. Quando a visão se amplia, ela não tem mais como se restringir.

Lama Padma Samten

.....

TEXTO 2

SEGUNDO ELO – SAMSKARA

Em samskara a pessoa já não existe mais. Estamos tratando de marcas internas. O conjunto de marcas, mais os seus impulsos, caracteriza uma pessoa. Um conjunto de marcas, mais outros impulsos, caracteriza outra pessoa. Essas marcas são a base, os tijolos de qualquer construção do carma. Assim, localizamos, encontramos esses samskaras e vemos que eles são marcas presentes nas estruturas matemáticas da consciência, nos espaços. Tem os elementos de possibilidades dentro desses espaços. Esses elementos são essas marcas. Se não tivermos o Buda estampado como uma marca dentro de nós, não teremos como reconhecê-lo.

Essas marcas estão presentes por todos lados, o tempo todo. A pintura surrealista é um bom exemplo disso. O pintor Dalí, por exemplo, criando aqueles relógios tortos. Aquilo incomoda, por que ele não faz um relógio direito - *"precisa ser torto? Que artista é esse?"* - Na verdade não tem nenhum relógio ali. Ele pôs tinta em cima de papel, tudo está corretíssimo. Quando nós olhamos, nos incomodamos. Como pode tinta sobre pano nos incomodar? Nós temos marcas mentais nas quais os relógios têm uma certa aparência. Aquilo parece um relógio, mas não encaixa nas nossas expectativas de um relógio. Na verdade, ele produz a experiência das expectativas, ele permite ver as expectativas. Quando encontramos aquela imagem, as marcas são acionadas de um certo jeito e nós não temos como manter aquelas marcas e, ao mesmo tempo, ter o reconhecimento do relógio. Nós não temos a experiência de poder compatibilizar marcas diferentes.

Por isso, a arte é interessante para perceber como essas marcas são montadas, e como estamos operando diretamente com elas. Como o mundo depende do observador, ele (o observador) não é o que ele olha. Se nós apenas olhássemos o mundo, nunca iríamos nos incomodar com gravuras, diríamos: *"Que bárbaro!"* Tudo seria perfeito.

Podemos, porém, escolher as marcas. Quando escolhemos certas marcas, isto significa que podemos produzi-las também. Percebemos, então, que podemos criar marcas. Podemos sustentar umas e não sustentar outras. Qual é o poder de sustentação da marca? A luminosidade da mente, a sílaba “A”. Nós não conseguimos vê-la operando, mas já conseguimos começar a adivinhar. É aquela que sustenta um cubo e depois sustenta o outro cubo. Ela está por trás de todas as experiências. Precisamos aprender a reconhecê-la, ela está sempre operando. Entendendo isso, compreendemos que as marcas mentais têm a consistência de Avydia, a luminosidade da mente produzindo particularidades. Por que a luminosidade produz marcas? É a liberdade!

Se não compreendemos isso, dizemos: *“Samskaras são marcas preexistentes, cósmicas, Deus me fez assim. Isso é o que de mais íntimo existe em mim”*. A pessoa está encontrando o “eu” nisto. Se a pessoa localizar que o samskara pode ir ou pode não ir, que samskara manifesta a luminosidade que vai se manifestar como vijnana, como fonte de sua identidade; que vai oferecer os propósitos de motivações, que vão resultar nos prédios, nas estruturas; que vai fazer os contatos, agradáveis ou desagradáveis que a pessoa vai planejar mais adiante, etc., até que tudo desaba. Se a pessoa perceber isso, ela está reconhecendo a luminosidade. Se ela não reconhecer a luminosidade, então, ela vai para Avydia. De um jeito ou de outro ela vai ter de reconhecer Avydia.

Assim, ela segue e faz o último elo de volta. Para chegar em Avydia, no último elo, ela vai precisar descobrir direto que samskara é Avydia, é delusão, é construção. Existe um processo de luminosidade que criou aquela marca. Aquela marca não está estampada a fogo, ela é livre, podemos criar outras marcas.

.....

TEXTO 3

SEGUNDO ELO – SAMSKARA

O 2º Elo surge conectado ao 1º. O 1º Elo é o surgimento do observador e do objeto, ou do sujeito e do mundo ao redor. Esse 1º Elo não parece muito óbvio assim, porque o surgimento do observador parece completamente natural para nós. Nós sempre temos um observador operando. No entanto, não é uma coisa muito óbvia. É algo construído.

No sentido budista, o 1º Elo é o momento da criação, onde a mente se divide entre o observador e o objeto, o que não é muito fácil de perceber.

O 2º Elo será entendido através do 1º. O 1º é quando surge o sujeito (observador) e o mundo (objeto). A partir dessa impressão de mundo surgem como que memórias desses mundos. Então, uma vez que nós fizemos surgir um tipo de imagem, é mais fácil para nós repetir isso, para que nós possamos fazer surgir de novo e de novo. Diz-se que surge uma marca interna. Essa marca interna é chamada de SKARA. O conjunto dessas marcas é chamado de SAMSKARAS.

Primeiro, nós produzimos a habilidade de fazer surgir o objeto e o observador. Em seguida, nós temos muitos objetos, muitas formas de fazer surgir isso. Esse caminho já preparado é simbolizado pela chuva que abre sulcos na terra. E, uma vez que esses sulcos estejam abertos, é natural que a água da chuva corra por eles. Com o tempo, nós temos rios, vales, que surgiram escavados por esse fluxo de água. Esse conjunto de marcas é chamado Samskaras. No entanto, as marcas não são apenas marcas.

Cada vez que nós temos uma experiência desse tipo – uma experiência de um observador olhando os objetos – o objeto trás em si energias. Quando o objeto surge, ele se manifesta com um brilho. Esse brilho trás junto uma energia. Essa energia nós podemos observar, por exemplo, quando estamos meditando. Em meditação formal nós podemos perceber como a mente se dispersa. Percebemos que surge um pensamento ou uma imagem e essa imagem nos conduz a outra imagem ou pensamento, que conduz a outro que conduz a outro. Portanto, não é que a dispersão seja o surgimento do objeto; a dispersão é causada pela energia que o objeto trás e que faz com que sejamos conduzidos para outro objeto.

Então, nesse aspecto de condução de um objeto a outro, percebemos que tem uma energia. Vemos que cada objeto tem uma energia. Num certo momento, porque há uma inseparatividade, nós nos damos conta de que o objeto é uma experiência de objeto, e que a energia é uma coisa que nós sentimos. Nesse momento, quando a gente diz “a energia que nós sentimos”, então surge a consciência do observador. O observador se vê. É como se ele recuasse e pudesse observar a si mesmo. Porque ele vê essa energia, ele pode dizer: “Eu vejo a energia em mim”.

Então surge o macaco, que representa o 3º Elo. Ou seja, não é que já não tivesse presente o observador, mas agora ele gera uma autoconsciência. Então, o 3º Elo é quando surge a consciência do observador. O observador já existe no 1º Elo.

Olhando o 2º Elo novamente, vemos que há esse conjunto de marcas (samskaras), que vai evoluir depois para um outro conceito. Temos agora samskaras e depois vijnanas. Mas temos uma correspondência entre samskaras e vijnanas. Samskaras são marcas mentais e vijnanas são marcas ligadas à energia, ou seja, tem um impulso. É como se nós víssemos aqui o próprio observador, pois ele surge com essa consciência.

Nesse momento vai surgir uma outra noção no Budismo que é alaia-vijnana. Alaia significa “depósito”. Por exemplo, himalaia significa “depósito de neve”. Alaia-vijnana significa depósito de vijnanas. É como um conjunto de marcas, agora na forma de energia, ou possibilidades de consciência, possibilidades de posicionamentos de observador. Enquanto que samskaras são marcas pelas quais nós vemos o mundo (estruturas, paradigmas, teorias). Samskaras parece que está do lado de lá, parece que está no mundo, no objeto. Vijnana parece que está no observador. Mas, na verdade, esses dois conjuntos – samskaras e alaia-vijnanas – estão juntos.

Agora, quando queremos estabilizar a nós mesmos, ou seja, quando nós nos confundimos com essa consciência, com essa marca, e tentamos estabilizar, nós vemos que certos objetos estabilizam essa marca. Então, nós aspiramos o surgimento desses objetos, de forma palpável, estável. Desse modo, nós vamos tentar gerar os sentidos físicos, e os sentidos físicos vão permitir que nós, olhando o mundo, encontremos os objetos que estabilizam essa marca.

Vocês vão perceber que, meditando, olhando de frente para uma parede rugosa, de olhos abertos, com o tempo vocês passarão a associar os pontos e ver imagens. Vocês começarão a ver figuras humanas, coisas, onde não tem nada. Essa é a função de alaia-vijnana encontrando um modo de se expressar enquanto objetos externos.

Nós aspiramos objetos que estabilizem essas estruturas internas. É muito mais difícil nós produzirmos uma visualização se nós dissermos assim: “Eu quero ver o rosto de minha mãe.” É muito mais difícil estabilizar esta experiência do que olhar uma foto. Ou, lentamente, vamos lembrando do rosto dela, pedaço por pedaço, e vamos pintando até que a imagem passa a estar ali na nossa frente. Olhamos de novo e, imediatamente, retorna aquela experiência. É como nós fazermos notas. À medida que lembramos, vamos anotando. Depois, olhamos para o papel e está tudo lá. Fica muito mais fácil de lembrar.

Então, para estabilizar a mente, nós aspiramos objetos que possibilitem esse foco. Nesse sentido, vocês vão perceber que o mundo inteiro termina sendo a expressão da nossa mente. É como se nós pensássemos com o mundo. O mundo é inseparável da nossa mente, ele é uma extensão do nosso processo mental. Ele manifesta os vijnanas (3º Elo) e samskaras (2º Elo).

O 1º Elo é como se fosse a base do tronco da árvore da ilusão. Se eu cortar o 1º Elo, considerando que todos os demais dependem do 1º, então tudo vai abaixo. Progressivamente, cada Elo é mais fundamental que os outros. E o mais fundamental de todos é o 1º.

O 1º Elo é chamado ignorância ou Avydia e é simbolizado por um cego. Esse primeiro Elo parte de uma experiência que pode ser examinada especialmente com a arte. Os artistas podem nos ajudar a compreender os três primeiros Elos com mais facilidade.

Por exemplo, olhamos a imagem da Roda da Vida e vemos aquele ser terrível com os dentes, olhos e uma cara estranha e pouco confiável. Quando olhamos essa imagem, apesar de nós vermos olhos, não tem olhos; apesar de vermos nariz, não tem nariz; apesar de vermos seres, não tem seres ali. Esses seres surgem inseparáveis do próprio observador. Ali só existe papel e tinta. Não existem propriamente esses seres que nós vemos.

Nós podemos criar imagens, como por exemplo, uma esfera com listas vermelhas e brancas. Quando criamos mentalmente a esfera, seja ela do jeito que for, nós não nos damos conta, mas nós criamos junto o observador dela, pois essa esfera vai ser vista por um observador especial. Se eu disser para vocês “imaginem uma esfera”, na verdade eu estou convidando vocês a criarem um observador. Esse observador vem junto com a esfera. Ele está ali, embutido. Mas aí, vocês pensem: “Qual é a substância desse observador?” ou “Qual é a substância desse objeto?” É a própria mente! Ou seja, a mente é o objeto e a mente é o observador. Vamos ter que concordar com isso! É como o Buda diz no Lankavatara Sutra: “A mente observa a mente.”

Avydia é isso: a mente observa a mente e pensa que está vendo apenas o objeto.

Daí surgem as conseqüências mais graves. Nós olhamos um objeto e construímos outros objetos a partir do primeiro objeto. Criamos vínculos entre o primeiro objeto e os objetos seguintes. Dessa maneira, começamos a construir o mundo, a linguagem, a energia, tudo isso vai surgindo. Nós produzimos os objetos, mas passamos a nos esquecer disso. Nós nos esquecemos do observador, que parece neutro, olhando os objetos. Quando esses objetos são construídos, temos já o 2º Elo, que são as marcas (mentais), que facilitam cada vez mais a construção dos mesmos objetos.

No Vajrayana, especialmente, se trabalha esses níveis com a visualização das deidades. Visualizamos, por exemplo, uma deidade. Ela tem quatro braços: dois braços assim, segurando tais coisas, dois braços assados, segurando outras coisas; tem uma coroa com cinco caveiras; as pernas estão de um certo jeito. Ela está sobre um disco dourado, um disco branco, uma flor de lótus, água embaixo, horizonte ao redor. O corpo é todo branco. Desse corpo brotam luzes de arco-íris. A aparência é sorridente, mostrando um ar de profundidade. Vamos imaginando, e olhando todos esses aspectos, que nos leva a vermos nitidamente a deidade.

Quando nós estamos trabalhando com isso, nós estamos construindo a deidade, mas também estamos construindo aquele ser que vê a deidade. Quando nós vemos uma deidade, nós somos alguém na relação com essa deidade. Esse observador surge também. Então, com o tempo, no Vajrayana, nós vamos criando deidades, criando seres, e esses seres que vêem as deidades têm a tendência de se comportar de um certo jeito e não de outro, de acordo com a deidade que é vista.

Então, nós vamos trabalhando essa complexidade toda, mas de um modo não analítico. Nós experimentamos isso uma vez, duas, três e depois de cerca de 1 milhão e 200 mil práticas (pois o número é mais ou menos esse!) terminamos clarificando todo o processo de surgimento das realidades. Brota isso dentro de nós como uma compreensão, porque tantas vezes cruzamos por ali que terminamos compreendendo. No Mahayana, nós estudamos, usamos um processo discursivo, analítico.

Nesse ponto, nós percebemos o surgimento de vários elementos. A primeira coisa que percebemos é o objeto. A segunda coisa que nós vemos é o observador. Entretanto, tem um terceiro aspecto grave, que é a separatividade. Ou seja, é a mesma mente, mas agora nós vemos um objeto ali e outro aqui (nós, o observador). Parece que não há mais conexão, parece que o objeto é aquilo em si mesmo. Parece que nós não podemos transmutar/trocar o objeto. Nós abdicamos dessa capacidade. Vemos o objeto em si mesmo.

Então nós tentamos: “Será que conseguimos transformar aquela esfera, antes imaginada, em um cubo?” Vemos que conseguimos, sem o maior problema. Portanto, temos que testar essa inseparatividade, pois o que parece que há é uma separação entre o objeto e o observador.

Existe uma análise complexa que vem desse ponto. Não vou me deter nessa análise porque isso exigiria um bom tempo, mas aqueles que quiserem examinar isso podem estudar Avydia através de textos mais detalhados.

Avydia se torna muito clara. Avydia é nossa incapacidade de ver tudo inseparado; nossa incapacidade de ver o observador; nossa incapacidade de ver a possibilidade de ação do observador.

Ficamos presos à noção de que o objeto tem um conteúdo fixo e nós nos prendemos à responsividade. Surge, pois, a responsividade, ou seja, nós percebemos que o objeto, em sua própria forma, nos induz a um outro objeto, nos levando adiante. No conteúdo do objeto já está impresso o que nós vamos chamar de responsividade, que é uma resposta automática. Ou seja, nós vemos certas coisas e estas nos conduzem a outras.

A compreensão da responsividade é um ponto muito importante. A melhor forma de perceber isso é através da meditação mesmo. Ou seja, sentados, meditando, em silêncio, vocês verão que vão brotar, de tanto em tanto, idéias/imagens. E enquanto essas idéias/imagens brotam, elas nos conduzem a outras idéias/imagens. Esse processo nunca pára. Nós nunca paramos numa imagem. Quando uma imagem se instala, ela imediatamente nos coloca em outra imagem e esta outra nos remete à outra e assim vamos seguindo, sem parar.

Esse processo que, ao nos conscientizarmos de algo, nos leva para outro algo, é chamado de responsividade. Esse ponto, no sentido Budista, é o início do Samsara. O cimento das paredes de Samsara, que está ligado à responsividade. Nós vamos trabalhar o tempo todo para superar especialmente a responsividade. O carma e as marcas mentais operam dentro da responsividade. Portanto, os Samskaras operam dentro da responsividade.

Ou seja, quando tem um objeto, faz parte do processo automatizado o que vai acontecer na sequência. Então, esse impulso que nós temos é pura luminosidade, não tem nada dentro dele. Mas porque há o impulso, ainda que nós possamos obedecer ou não, nós obedecemos. Se obedecermos, perdemos a lucidez. Esse ponto, onde há simplesmente a obediência ao impulso, traduz o vaguear indefinido, por um tempo além do tempo, por dentro da ilusão.

Isso é semelhante ao que acontece quando estamos meditando. Saltamos de uma coisa para outra, de outra coisa para uma nova coisa, e, de repente, se passaram 10 minutos. Então, de repente, “acordamos”! Mas, ao invés de 10 minutos, poderia ter sido 10 anos ou 10 vidas! Aí, num momento, estamos de novo lúcidos, por um instante, fora desse processo. Existem vários exemplos de como nós facilmente entramos nisso através da responsividade. Tem duas histórias tibetanas bem interessantes sobre esse tema. Uma delas é assim:

.....

Um rei pede para um Iogue da ilusão dar ensinamentos sobre a ilusão. O Iogue vai até o palácio e é recebido pelo rei. Então, um atendente do rei traz chá, duas xícaras e um bule. O rei começa a servir a xícara do Iogue e pede para ele lhe dar esse ensinamento. O Iogue começa explicando que, naquele dia não seria possível para ele dar esse ensinamento. Nesse momento, soam trombetas anunciando a partida da corte para a caça, chamando a todos para a caçada.

Então o rei, diante da recusa do Iogue em dar os ensinamentos, decide ir para a caçada. O rei desce, toma o seu cavalo e sai com o grupo todo. Em um certo momento, o rei desgarrar-se do grupo e entra numa região que ele não conhece. No meio disso, o cavalo se assusta, o rei cai e bate com a cabeça. Tendo batido com a cabeça, o rei fica desacordado por um tempo. Quando ele retorna, ele está desmemoriado. Não sabe onde está, não reconhece nada, esquece quem ele é.

Então ele começa a vagar, a caminhar e vem a fome. Continua caminhando, até que encontra uma estrada. Nessa estrada ele vê que vem se aproximando uma carroça de ciganos. Ele faz um sinal, a carroça pára e ele diz: "Eu estou com fome. Se vocês me derem comida, eu trabalho para vocês." No entanto, os ciganos o acolhem na carroça mesmo dizendo não precisarem dos seus serviços. E, então, eles seguem juntos. De repente, ele olha para o lado e vê uma cigana linda, bem ao seu lado. Eles andam mais um pouco, se entreolham, se enamoram. Ele a convida a deixarem o grupo, ela aceita, descem da carroça e decidem começar uma vida juntos. Eles montam uma estalagem e assim o tempo passa. Eles têm filhos e vivem felizes por muitos e muitos anos.

Nessa altura, o rei já está meio barrigudo, vendendo cachaça atrás do balcão do bar da estalagem. Mas o rei tinha um Primeiro Ministro, e esse Primeiro Ministro era muito inteligente e muito fiel. Ele nunca desistiu de procurar o rei. Assim, um dia o Primeiro Ministro entra pela porta da estalagem e o reconhece imediatamente. O rei não se lembra de coisa alguma.

Então, o Primeiro Ministro resolve ficar por lá e todo dia ele vai contando um pouco da história do rei para o rei desmemoriado. E o rei, aos poucos, vai entendendo o que está acontecendo. Lá pelas tantas o rei diz: "Sim! Eu lembro!" Nesse momento, ele olha à sua frente e o chá não havia sequer esfriado ainda. Ou seja, ele estava servindo o chá ao Iogue, quando ele acordou do sonho e percebeu que o chá nem havia esfriado ainda!

.....

Ou seja, todo esse processo era um sonho que ele estava tendo. Então, nós percebemos como esse processo é um processo no qual nós também entramos. Uma coisa leva à outra, essa outra coisa leva à outra, e assim vamos nós. O Rimpoche concluía, dizendo: "O rei são vocês e o Primeiro Ministro sou eu." Com isso ele queria dizer que todos nós temos essa natureza, mas esquecemos dela. Batemos com a cabeça, pegamos uma carroça de cigano, paramos numa estalagem e estamos servindo cachaça atrás do balcão, sem nos lembrarmos de quem somos.

Essa história foi contada para mostrar como é o poder da responsividade, que nos leva de um ponto para outro, até que nós, de repente, acordamos no meio disso. Mas esse é um processo que pode ser longo. Então, no sentido budista, nós estamos atualmente em meio ao nosso sonho, depois de ter batido com a cabeça.

Se nós analisarmos com cuidado os ensinamentos, vamos percebendo que o ponto crucial é a responsividade. Ela nos leva de um lado para outro e nunca chega a analisar se aquilo é real. Porque não precisa ser real, pois ele nos conduz a outra coisa.

Tem uma teoria, na física, que se chama “bootstrap.” Ela significa que a realidade surge e se sustenta da mesma forma que nós nos elevamos pegando os cordões dos nossos sapatos, puxando-os para cima, com força, até elevarmo-nos do chão. Ou seja, a realidade é auto-sustentada, não tem nenhuma base. Assim, a realidade em que nos encontramos também é desse mesmo teor. Essa é uma expressão da física que foi copiada do budismo. A idéia de que nós nos sustentamos, nos elevamos, puxando os fios dos nossos sapatos, para significar que a realidade surge sem a necessidade de ter um chão por baixo. A experiência da realidade surge pela responsividade.

Então, vocês verão que todo o nosso objetivo de treinamento será interromper a responsividade. A liberdade vai ser conceituada como a capacidade nossa de superar a responsividade. A responsividade é o processo de prisão.

No sentido budista, nós precisaríamos ultrapassar esse 1º Elo, ou seja, superar a noção de separatividade. Para tanto, nós temos um treinamento para lidar com isso, o qual nos levará a ultrapassar essa noção de separatividade. E, uma vez que a experiência de separatividade não é real, a liberdade vai se manifestar de forma direta. Nós olhamos para o objeto e, em princípio, parece que o objeto é sólido, concreto nas suas propriedades.

Mas, como os objetos surgem inseparáveis de nós, eles tomam sentido a partir de nós. Assim, mudando a perspectiva do observador, mudamos a aparência do objeto e, conseqüentemente, mudamos as responsabilidades ligadas aos objetos.

O sentido da liberdade está ligado a esse processo. Isto também está conectado com a superação da causalidade. Vocês vão ver a causalidade surgindo como conseqüência da própria responsividade.

Ultrapassando a noção de responsividade, podemos realizar ações não-causais, produzir outras ações que não brotam da primeira aparência vista/percebida como objeto.

Esse é um ponto muito importante. O Niels Bohr compreendeu a não-causalidade. Essa não-causalidade vai surgir na física quântica como o “salto quântico”, onde não há uma estrutura intermediária entre o ponto de saída e o ponto de chegada. Não tem uma explicação, não tem um processo intermediário dentro disso.

Eu não vou abordar essa questão de forma extensiva, porque esse não é o nosso ponto. Mas essas são questões importantes na visão budista. Elas vão ser trabalhadas especialmente no texto chamado o Sutra do Coração, que é parte da literatura Prajnaparamita, literatura essa extensa, com cerca de 100 mil versos e que está toda traduzida para línguas ocidentais, pelo erudito budista Edward Conze.

No entanto, eu acredito que a melhor fonte para vocês examinarem essas questões é tomar o próprio Prajnaparamita, enquanto Sutra do Coração, e meditar sobre o que está ali escrito. Vocês vão contemplando e tentando entender aquelas partes. Esse é o caminho mais rápido, mais direto.



3º ELO VIJNANA Consciência (energia)

TEXTO 1

TERCEIRO ELO – VIJNANA

Esse é o momento em que a cobra começa a atuar, a ação de defesa começa a atuar. A cobra atua de uma forma explosiva e o galo, de uma forma constante. Observem que a essência do terceiro nível, Vijnana, está nos ventos e nas energias internas. Ela se manifesta no nível de mobilização de energia, de brilho, para a ação. Surge o movimento, surge a ação de defesa. A bolota de barro ganha, então, uma feição. Essa feição surge inseparavelmente das estruturas internas. Quando aquela experiência do vaso está presente, ela se espelha na bolota de barro. Ela é uma delusão, mas ela se torna sólida. Uma outra pessoa olha para aquele barro e ela não vê assim, as crianças vão, quem sabe, achar que seria melhor amassar aquele barro e fazer uma outra coisa. Elas estão livres daquele processo que o outro gerou.

Isto é muito comum nas relações entre as pessoas. Nós pegamos um mesmo objeto que o outro olha com muito cuidado e não reconhecemos aquilo que o outro reconhece, nós damos um uso que o outro jamais permitiria. Essa é a tragédia nas relações com as crianças, por exemplo. Por que? Porque elas dão usos inusitados às nossas coisas queridas. Elas manifestam uma liberdade que nós jamais nos permitiríamos.

Quando as estruturas surgem, surgem as defesas dessas estruturas e elas começam a manifestar a energia de movimento, a ação começa a surgir. A ação mental de Avydia não tem movimento, propriamente. Então surge Samskara, a aparência incessante de um mundo. Começamos a localizar isto, a localizar aquilo. Juntamente com Tanha, surge então, a nossa vontade de sustentar algo. Quando aparece uma ameaça, nós nos mobilizamos e, desta forma, surge o movimento. Nos movimentamos como quem se movimenta em 3D. Quando surge Vijnana, o carma está totalmente presente, porque o carma significa a ação. Todo o carma significa defesa, os processos automáticos que nos leva à ação.

Esses três primeiros níveis estão presentes mesmo quando nós não dispomos de um corpo físico. São três níveis sutis que nos permitem sonhar, nos permitem ressurgir também, buscar um corpo novamente. De acordo com as marcas que com as quais estamos atuando, geramos a nossa aspiração e o nosso movimento. Assim determinamos, através da aspiração que estiver presente, qual o corpo que nós vamos buscar. A busca do corpo é o quarto item.

RESUMO DOS TRÊS PRIMEIROS ELOS

Eu opero Avydia e, com Avydia, eu gero marcas mentais, Samskara. Quando as marcas mentais estão automatizadas eu tento defendê-las. Então surge o movimento de defesa, que pode ser a cobra ou o galo. Quando surge o movimento de defesa, a noção de carma está presente. Carma significa ação, o movimento está presente. Isso completa a visão da identidade.

Essa identidade é a identidade sutil que existe independente de um corpo físico. Essa identidade se manifesta em nossos sonhos. Quando sonhamos, sonhamos através dessa identidade. Ela é a origem do corpo que se manifesta na forma física ou em sonhos, quando estamos dormindo. Quando se completa Vijnana os três animais estão presentes. Só no nível de Samskara ainda não existe a defesa.

Vamos determinar uma marca mental. A marca mental poderia ser *“Amanhã vamos passar o dia inteiro meditando.”* Nesse momento, isso é uma marca. Ainda não avaliamos se isso deve ser assim ou não. Isso é Samskara. Daqui a um ou dois minutos, todos já se posicionaram. Se eu disser: *“Muito bem, vamos então fazer meditação”* a metade vai achar a idéia péssima, enquanto que a outra metade vai adorar. Surgiu a nossa identidade. Surge um movimento, surge uma defesa, uma ação. Já poderíamos ver um movimento político aqui. Uns diriam *“Sim, sim, é melhor isso, é pior aquilo!”* Isto é o galo tentando propor e defender, através de um processo de movimento.

80% chega, então, a uma conclusão. 20% vai apelar para a cobra. Vão dizer *“Eu não vou fazer isso! Isso é um processo de ditadura do grupo!”* Neste ponto, já existe um movimento, não estaremos mais tratando de uma marca neutra. Não estaremos mais olhando aquilo de uma forma livre. Já teremos um posicionamento, um movimento, uma aspiração e uma guerra! O terceiro aspecto é a identidade que brota. Não basta ter a marca, ela pode não ter defesa.

RESPONSIVIDADE

Responsividade está dentro da descrição de Vijnana. Não há responsividade que não gere a própria identidade de um eu. Responsividade substitui a lucidez

Por esse motivo a lucidez é muito difícil. Podemos igualmente dizer que o carma substitui a lucidez. Quando nós vemos um objeto, nós respondemos ao objeto. Quando respondemos ao objeto *“Eu quero, não quero, é assim, é assado”*, neste momento, nós não temos o menor espaço para a lucidez frente ao significado, ao surgimento, frente à coisa alguma. A essência da prisão é o fato de que a experiência do surgimento de Avydia já provoca a responsividade. Um pouco mais adiante, ele já se manifesta como outros elementos. E assim vai seguindo.

Todos os reinos estão presos às identidades, à separatividade. A experiência separativa está legitimada e Avydia não é reconhecida e muito menos, suspeitada. Avydia opera completamente oculta. Oculta por que? Pela responsividade. Quando um objeto aparece, dizemos: *“Preciso urgentemente fazer tal coisa!”* Nem percebemos o fato original do surgimento mágico daquele objeto. Quando ele surge, já tem uma seta apontando *“Olhe para lá!”*, nós olhamos e vem outra seta *“Olhe para lá!”*. Nós seguimos olhando e vamos girando a roda. Não chegamos a perceber o fato cósmico que é ter aparecido aquela seta. Entramos automaticamente na mensagem da seta.

Nós estamos examinando agora o que os budistas chamam de “Os 12 Shadayatanas”. Eles fazem parte dos 46 itens do Sutra do Coração, a última etapa do Nobre Caminho. Vejam que, para fazer isso, é necessário que tenhamos a capacidade de parar. Se não tivéssemos a capacidade de parar e focar um tema após o outro, não teríamos como entender uma coisa dessa. Essa habilidade nós desenvolvemos na sexta etapa, que é a meditação. O primeiro elemento da meditação é a responsividade. Por que? Porque a responsividade é o nome da prisão. O elemento que nos aprisiona é aquilo que parece que é a nossa liberdade, é inacreditável! Por isso fica oculto. A prisão só nos engana, porque é muito bem organizada, muito bem feita, é realmente muito fácil de se enganar. Ela só está ali porque ela é realmente muito difícil de se liberar. Mas ela não é difícil porque é pesada, mas porque ela nos engana, prende a nossa atenção. A nossa prisão é a responsividade.

Quando nós vemos um cartaz, onde está escrito ‘*Compre sorvetes Kibon*’. Automaticamente, nós respondemos comprando ou negando. Não olhamos para o fato elementar, original, de que aquilo está produzindo significados. Nós engolimos o significado e nos posicionamos. Quando fazemos isto, já perdemos a liberdade porque já recebemos a mensagem e ficamos aprisionados a ela.

Se alguém nos agride, tem uma mensagem nessa agressão, e nós engolimos essa mensagem. Nós agredimos a pessoa de volta ou fugimos. Nem sequer nos damos conta de que a própria mensagem é inseparável de nós, que podemos receber a mensagem assim ou não. Ao contrário, nós analisamos e chegamos ao resultado de que temos a “opção” de retrucar ou fugir. Com isso, nós legitimamos a mensagem, não percebemos que a mensagem necessita de receptores em sua linguagem. Esses receptores são o próprio carma. No momento em que nós atuamos daquela forma, tem uma ressonância com o outro. Naquele exato momento, acabou a liberdade, ainda que pensemos que a liberdade está toda lá, ou seja, fugir ou retrucar.

A prisão se manifesta com a aparência de liberdades, nos oferecendo “opções de liberdade”. Naquele momento, nos sentimos completamente livres para fugir ou para atacar. No momento em que aquilo se oferece, escurece a nossa mente, ficamos cegos. Não vemos a opção original. Nós não precisamos aceitar aquilo! Existe uma inseparatividade na experiência!

Todos os objetos nos oferecem uma mensagem. Nós perdemos a liberdade, porque atribuímos um significado direto sem nem perceber o que fazemos. O fato de termos atribuído o significado se manifesta pelo impulso que nos surge, pela responsividade que nos surge. Essa responsividade é o próprio galo atuando, é a ação. Nós temos o impulso de ação, começamos a nos movimentar. Mas a ação é o carma, a própria palavra carma significa ação. O carma nos impulsiona para movimentar. É o nosso carma que escolhe os significados, escolhe a nossa ação, ele nos impulsiona naturalmente de forma que nos cega. Ele oferece certezas.

Nós precisamos começar a jogar lucidez, item por item, da nossa operação que hoje é inconsciente. Nós estamos penetrando em uma região obscura. Avydia opera sob uma região obscura, da mesma forma, samskara e vijnana também operam em uma região obscura. Tudo isso está operando dentro de regiões que nós nunca jogamos luz e nunca examinamos, mas que produz incessantemente resultados. Neste momento, estamos nos aventurando para dentro de uma região usualmente obscura. O resultado final disso é o desaparecimento do barro que reveste, que cobre o diamante. Não é que o diamante não esteja ali, ele só está coberto de barro, está opaco.

Quando estamos lúcidos, a delusão já não é mais vista como um processo de engano. Quando a delusão se oferece, ela já é a própria luminosidade da mente atuando. Quando o movimento é feito, não há perda da visão ampla.

Pergunta: Como surgiram as manifestações?

Lama: Nós reconhecemos que é uma prática de liberdade, nós fazemos isso todo o tempo. É a essência do aspecto de criatividade. Temos as liberdades de criar e criamos, movimentamos, fazemos surgir as aparências. Quando as aparências surgem, nesse momento nós podemos ansiar que esse aspecto que fizemos surgir se torne impermanente. Assim, criamos as marcas de uma forma estável. Mais adiante aquilo se torna uma fixação, vai para uma região onde responde automaticamente e começa então a surgir Avydia, começa surgir a ocultação. De repente, não vemos mais nada. É um processo passo a passo, onde vemos surgir todos os aspectos, podemos observar etapa por etapa surgindo. A etapa mais original, a primeira, é o exercício de liberdade, que podemos fazer todo o tempo. Essa mesma liberdade estamos exercendo constantemente nas várias conexões.

Como tudo começa? No sentido budista, porém, isso é uma extrapolação da nossa mente cotidiana, de uma mente causal. A causalidade não é o fator original. Quando explicamos qualquer coisa de uma forma causal, nós necessariamente explicamos com base em uma outra característica que tem de ser assumida de forma não-causal. Se assumirmos isso de forma não-causal, você vai perguntar "Mas, por que?" É o mesmo processo do que dizer: "Deus criou o mundo." "Mas por que?" Porque Deus exerceu sua vontade. Mas por que Deus exerceu sua vontade? Porque ele é todo-poderoso, ele pode fazer isso. Mas por que Deus é todo-poderoso?

Isto é um vício de pensamento associado à linguagem. É um processo causal. Como processo causal ele vai necessitar isso. Como é que na lógica e na filosofia isso é resolvido? Criamos um paradigma, um postulado. Nós assumimos condições sem condição. A ciência não tem como se exercer sem isso. Existe um início que é não discutido. É um processo que é sempre luminoso. O processo não é para ser aberto de forma causal. Se abrirmos aquele aspecto de forma causal, nós vamos remeter a um outro início, que é não-causal. Não existe outra possibilidade.

No sentido budista nós vamos abandonar todos os processos causais, eles não são muito importantes. Nós temos uma possibilidade muito maior no aspecto de luminosidade do que no aspecto causal. O aspecto causal não manifesta todas as liberdades. Só conseguimos eliminar o carma num processo não-causal.

.....

TEXTO 2

TERCEIRO ELO - VIJNANA

Quando a pessoa vai se descrever, ela diz: *“Falou em escola, falou comigo!”*. A pessoa se define dessa forma. Isso é descrição de vijnana, surge a identidade. É natural que ela tenha aquela identidade, ela olha para todos os lugares e vê escolas. É natural que ela ande procurando e encontrando alunos.

Vijnana é um brilho, não é? Vijnana é o aspecto de delusão, só que aí está em um nível que não é a própria mente discriminativa. Vijnana está operando em um nível de energia interna. A pessoa localiza sua energia e a faz operar. Ela vê aquilo e legitima o surgimento daquela energia que aciona e dá brilho e faz tudo acontecer. Todas as delusões vão brotar desse mesmo brilho.

Vijnana é o surgimento da identidade no nível mais sutil. Não é a mesma categoria de bava. Ao contrário de bava, o nível de identidade em vijnana é muito sutil. O “eu” aqui não é o corpo físico, mas significados, impulsos, marcas cármicas. Porque o mesmo impulso aparece repetitivas vezes, dizemos que nós somos esses impulsos. Os impulsos são sustentados pela mesma energia de sustentação do cubo, da esfera, a sílaba “AH”. Essa energia é apenas um brilho da mente. Nesse ponto, ainda nem existe a materialidade. Se conseguimos ver isso, entender isso, veremos que há apenas essa energia sutil e que podemos, simplesmente, manifestar liberdade com relação a ela, manifestá-la em uma outra direção. Percebemos que a prisão não existe.

Se sabemos que, se o brilho existe, tudo funciona e, se ele não existe, nada funciona, veremos que aquilo é brilho mesmo. Não tem mais como decompor isso, já aparece como brilho mesmo. Sendo que o brilho está aparecendo sob condições. De forma causal, vamos ainda dizer: *“Não, isso não é brilho livre. Ele não é assim. Eu tenho essas marcas desde infância, eu tenho essa tendência. Isso sempre esteve comigo, eu sempre fui assim. Eu sou essas marcas.”* Localizamos essas marcas em samskara. As marcas são samskaras.



4º ELO
NAMA- RUPA
Nome e Forma (aspiração)

TEXTO 1

QUARTO ELO - NAMA-RUPA

J á temos três marcas sutis operando: Avydia, Samskara e Vijnana. Surgimos com uma identidade, mas não temos ainda a materialidade. Esse é um ponto muito interessante. É esse ponto que nos leva a botar quadros na parede, pintar as paredes, decorar a casa com objetos, escolher os móveis, etc. O que significa isso? Quando olhamos para um quadro, por exemplo, nós temos uma experiência sutil. Como guardar essa experiência sutil? Guardando o quadro. Nesse momento, começamos a operar com o fato de que certos objetos nos remetem à sustentação de aspectos sutis. Os aspectos sutis flutuam, mas se colocarmos objetos que nos evocam esses aspectos sutis passamos a torná-los mais permanentes.

Os aspectos mentais abstratos se beneficiam de uma materialidade. Começamos, então, a procurar a materialidade com a intenção de sustentar os estados mentais sutis. Por esse motivo, por exemplo, procuramos lugares serenos, quando queremos serenidade. Também os locais oferecem esse poder. Se tomarmos Avydia, Samskara e Vijnana como base, naturalmente vamos ver que os objetos têm poder sobre nós. Ainda que não raciocinemos dessa maneira, nós temos esse impulso. Como se fosse uma lucidez da nossa mente, dizemos: “*Tais objetos são especiais*”. Uma refinação disso está no Feng Shui. O objetivo no Feng Shui não é a liberação. É um processo que utiliza o nosso aspecto cármico para provocar resultados cármicos. O objetivo é, através da combinação de elementos, provocar um efeito. Se dentro da nossa casa, por exemplo, existir qualquer desconforto e não sabemos bem a origem, eles podem examiná-la. Pode ser que eles descubram que elementos em nossa casa nos trazem perturbação. Alguma coisa assim só se dá a nível cármico. Os grandes mestres meditam em cemitérios. Qual é o Feng Shui do cemitério? O mais inauspicioso de todos - a morte.

Quando entramos no quarto elo, nós, inconscientemente, descobrimos que certas coisas são agradáveis e outras não. Nós percebemos claramente que os objetos, a materialidade, têm o poder de sustentar estados mentais específicos. De um modo geral, nós estamos inconscientes disso. Nesse ponto, de Nama-Rupa, nós ainda não temos o objeto. Começamos a desejar o objeto, por isso esse elo é simbolizado por um barqueiro. Nós temos aquela aspiração, mas ainda não encontramos o objeto correspondente que possa sustentá-la. É como o barqueiro navegando no rio buscando encontrar um lugar – o barqueiro ainda o está procurando.

A pessoa tem uma boa idéia. É como se ela dissesse: “*Eu vou montar uma escola*”. Então ela vai procurar, nos classificados, um prédio. Ela ainda não o encontrou, mas ela tem a idéia. O aspecto sutil está lá. Ela não vai conseguir descansar enquanto aquilo não estiver materializado. O barqueiro vai se deslocando pelo rio da vida com um olho que já tem um “*filtro*”, as marcas mentais. Esse filtro é definido pelos três aspectos anteriores, Avydia, Samskara e Vijnana.

Como sabemos que o encontramos? Existe uma energia que brota, uma ressonância. Essa energia é o selo, é a marca. Existem abundantes exemplos para esse processo: *“Eu gosto mais de lençóis azuis”* ou *“Eu prefiro carros grandes, ou pequenos, ou vermelhos”*. De onde surge essa preferência? Existe uma conexão. Experimentem passear pelos shoppings observando isso, vocês vão perceber que cada objeto tem um teor.

Nama-rupa é simbolizado pelo barqueiro. Nós estamos vagueando no rio da vida, portados de um *filtro*, esse *filtro* aciona o processo. Ele opera na expectativa de estabilizarmos os estados mentais que desejamos através do poder da discriminação, do objeto. Ele causa isso e não nos damos conta. Quando presentearmos alguém também é assim. Nós tentamos dar um presente que traga um estado mental à tona. Nós oferecemos um estado mental ao outro.

Pergunta: Tudo isso faz parte da mente discriminativa?

Lama: Não, isso não pertence à mente discriminativa. É um processo mais sutil do que os Vedanas. Não é a sexta mente operando, não é o sentido mental observando um aspecto simbólico que já foi determinado, localizado. Não existe uma arquitetura mental nisso. O que existe é um processo de ressonância. A pessoa vai passando e vai vendo se tem ressonância ou não. Está em uma sutileza maior. Ainda não é o pensamento, ele ainda não surge.

O objeto estabiliza um estado mental, com o qual temos uma ligação cármica. A nossa identidade está ligada ali. O amor é outro bom exemplo. A forma pela qual as coisas acontecem, um olha para o outro e brota um estado interno. Olhamos para aquilo e dizemos: *“Aquilo sou eu”*. Surge uma identidade realmente próxima.

Tudo o que conectamos a nível de nama-rupa parece conosco mesmos. Observem que os filhos parecem ser nós mesmos. O mesmo acontece com a nossa casa, com a nossa bolsa, o nosso corpo, a nossa roupa, e assim por diante. O nosso corpo surge exatamente assim. Nama-rupa produz a experiência de que morreremos juntos quando perdemos algo precioso, como o nosso corpo, por exemplo. E nós morremos junto... Nós nos identificamos com certos objetos, porque eles sustentam componentes que acreditamos ser nós mesmos.

No momento em que tudo se desmorona, surge o pavor da dissolução. Vamos usar um exemplo com um de vocês. Vamos supor que um de vocês perdesse o marido ou esposa, perdesse todos os filhos, perdesse o emprego, a casa, o país... Como vocês se sentiriam? A pessoa se pergunta: *“Que faço? Quem sou? Eu sou alguma coisa?...”*. Ela olha para as estrelas e as estrelas não são mais as mesmas, as montanhas não são mais as mesmas... tudo ficou cinza, nada adquire mais o valor ou a atração que havia antes. O mundo morre, desaparece. A pessoa vagueia, ela flutua. Se tirarmos todos esses aspectos, que são a estabilização dos nossos estados mentais, isso pode realmente acontecer.

.....
Todos nós temos o mesmo vaso, a mesma natureza de buda.

Quando os ensinamentos são oferecidos há uma dimensão sutil e uma dimensão explícita nisso. Na dimensão sutil há uma ressonância, porque, para o outro entender o ensinamento, tem que gerar aquele som dentro dele.

Esse gerar o som significa que ele está atuando com o mesmo sino. É como, também, se ele tivesse vários sinos, quando um sino toca, só um sino dentro dele é que vai ressoar.

Aquele sino é o sino da natureza de buda na sua originalidade.

Quando entendemos alguma coisa é um aspecto muito sutil, porque a base surge.

TEXTO 2

QUARTO ELO - NAMA-RUPA

Shadayatana surge por nama-rupa, que é a busca - nós temos uma concepção. No caso da ciência, temos uma concepção de partícula. Nós vamos querer o detector daquilo, mas a noção de partículas está dentro de uma teoria. Isto está dentro de um processo que concebemos. Descobrimos, então, um jeito de legitimar, de encontrar aquela partícula. Consideramos a partícula existente por si mesma. Ela está ali, e pensamos que, se nós vímos tal coisa, teremos a prova dela, da partícula. Assim, geramos esse processo e encontramos a partícula. Essa partícula prova, então, todo o arcabouço que estamos raciocinando. Isso nos perturba um pouco. Nós mesmos legitimamos a prova científica.

Nama-rupa é como se fosse um centro gerador, uma volição geradora. Nama-rupa é como se fosse os espaços de possibilidades. Temos os espaços e, dentro deles, tem o que podemos encontrar e o que não podemos encontrar. Estamos limitados a encontrar aquilo que nos permitimos encontrar. O importante neste momento é perceber que nama-rupa é luminosidade, que começamos a construir os universos a partir disso. Vejam no exemplo abaixo como funciona nama-rupa.

Estamos agora na Fundação Peirópolis. Poderíamos escolher um nama-rupa. Aqui não poderia ser uma boa escola para crianças? Gili, que é professora, já suspira com um ar sonhador. Isto significa fala, emoção. Nesse momento, começamos a pensar, onde seriam as salas de aula, onde seria a diretoria, a biblioteca, etc.

Vamos mudar de idéia e fazer, por exemplo, uma clínica. Metade da sala suspira (médicos, terapeutas): *“Oh, uma clínica, que boa idéia!”*. Nós trocamos o nama-rupa, podemos ver que isso é luminosidade. Então, criamos tudo de outro jeito: *“Claro que é uma clínica, já tem até....”*. Então começamos a assimilar tudo o que vemos como uma clínica. Nós puxamos uma grade e tudo aparece, puxamos uma outra e tudo novamente aparece. Essas grades são luminosidade. Elas vão gerar o instrumental, shadaiatana, que vai encontrar, enfim, as coisas.

Nama-rupa pode ser reconhecido como luminosidade. Se não reconhecemos essa luminosidade, neste caso, mais uma vez voltamos ao elo anterior. Como surge de forma causal nama-rupa? *“É que me brota uma imaginação nítida, tudo aquilo é como se fosse um destino, uma indicação, uma telepatia. Eu sou assim!”* Quando a pessoa diz “eu sou assim”, ela está descrevendo vijnana. Ela tem uma emoção, uma energia. Um brilho brota nela.

.....

TEXTO 3

QUARTO ELO - NAMA-RUPA

O 4º Elo e o 3º têm que ser explicados juntos. No 3º Elo, temos experiências de energia. Vocês se imaginem sonhando. A mente que está livre dos sentidos físicos é uma mente que se assemelha ao sonho. As etapas (ou Elos) antes dos sentidos físicos (5º Elo) são etapas de sonho.

Nessas etapas de sonho, temos a possibilidade de imaginar objetos. Alguns desses objetos podem produzir em nós como que fossem embriões das emoções. Elas não são ainda emoções no sentido de apego, mas são embriões de emoções. Esses embriões se manifestam com “mais ou brilho” ou “menos brilho”. A partir desse “mais brilho” ou “menos brilho” nós surgimos, nós nos sentimos existindo. É uma coisa muito parecida na nossa vida diária, quando está tudo muito tranquilo em casa. Aquilo fica meio sem graça. Achamos que precisa acontecer alguma coisa que produza brilho.

Nos 4º e 3º Elos, é como se estivéssemos com um sonho meio morno, não tem nada. Mas, de repente, surgem coisas que produzem brilho. Quando essas coisas surgem, nós temos a sensação de existência, de que nós existimos. Isso produz uma dimensão sutil de APEGO, que não é apego a um objeto, porque ainda não temos objetos. É apego a sonhos, a visões. Então, porque nós temos esse apego a sonhos e visões, entre os nossos sonhos surge a aspiração de termos um meio de estabilizar esse sonho.

Por exemplo, todos nós temos aspectos internos – que, às vezes, nem nos damos conta - que nos fazem mais felizes ou menos felizes. Quando vamos numa galeria de arte, nós olhamos diferentes quadros. De repente, vemos um quadro e dizemos: “Oh!, Que bonito!” Brota um brilho e nós pensamos que é o quadro que tem esse brilho. Então, compramos o quadro, levamos para casa e o botamos na parede. Cada vez que olhamos para o quadro, brota o brilho. Mas isso também se desgasta!

Mas o ponto importante para nós não é esse. O ponto importante é que há um momento em que nós aspiramos algo que estabilize aquela energia. No 3º Elo, temos as experiências de energia. Nós, então, aspiramos que elas retornem, apareçam. Quando aspiramos isso, surge o 4º Elo.

O 4º Elo é essa aspiração de que nós venhamos a encontrar algo que estabilize a nossa energia. Essa aspiração vai produzir, na sequência, o 5º Elo, que são os sentidos físicos. Os sentidos físicos se estabilizam devido a esse processo, porque através desse embrião de sentido físico que surge, nós conseguimos estabilizar uma certa experiência. Então, a conexão com o corpo vai surgir desse ponto.

Num certo momento, evolucionariamente, nós nos conectamos com um embrião ou com algo material que produz essa sensação de estabilidade do nosso mundo abstrato. Até o 3º Elo, nós só temos o mundo abstrato. O 4º Elo é a ponte entre o mundo abstrato e o mundo concreto.

A ponte vai se traduzir pelos sentidos físicos. Os sentidos físicos vão fazer contato com o mundo, sustentando as estruturas que nós temos. Essas estruturas que temos vão dar sentido ao contato físico e elas vão terminar se traduzindo como “gostar” ou “não gostar” (7º Elo). Então, quando surge o “gostar” e o “não gostar” nós esquecemos todo o resto, como se ali começasse a nossa vida. Não conseguimos mais ver os sentidos físicos, nem as estruturas abstratas.

Então, o 4º Elo surge quando nós aspiramos um meio de estabilizarmos as experiências abstratas. É dito que, quando nós morremos, nós perdemos o corpo, mas preservamos os três primeiros Elos, os quais permitem as experiências oníricas após a morte do corpo. Entretanto, no meio dessas experiências do pós-morte, nós terminamos aspirando estabilizar essas experiências de novo. Nossa mente vagueia e aspiramos estabilizar novamente as experiências que tivermos. De acordo com o carma, com o impulso que temos, vamos procurar um ou outro tipo de corpo. E assim nós vamos renascer.

O renascimento se completa quando os sentidos embrionários (4º Elo) eclodem num bebê que nasce (5º Elo) e esse bebê está no colo da mãe (6º Elo). Então, ele gosta ou não gosta (7º Elo) e gera o apego (8º Elo). *(Por isso Freud dizia que todos os problemas começam com a mãe!)*

Então, surge o apego, estimulado pela mãe, e, na sequência, surge o ser que diz “sim, eu sou isso” porque funcionou muitas e muitas vezes (9º Elo). Então, aquele ser nasce no mundo e diz: “eu sei fazer isso” (10º Elo). Aí ele resolve seduzir as meninas procurando a mãe (isso é o Buda dizendo, claro!). No entanto, isso nunca é atingido, nunca se resolve, porque ele nunca encontra ninguém como a mãe. Problema garantido!

Todos os Elos operam o tempo todo. Eles são cumulativos. Um serve de base para o outro. Eles só se extinguem com a iluminação. Aí não é que eles se extinguem. É que fica tudo claro. O extinguir significa uma liberação frente à operação condicionada.

Nós não precisamos responder de forma automática. Há uma liberdade em cada um dos Elos. Numa nova vida esse embrião já está diferente. Nós vamos mudando, os embriões vão evoluindo. Esse processo se dá pela energia, a energia conduz isso, porque a nossa aspiração conduz a energia.

Na nossa vida vamos ver isso. Tem crianças que tem energia para jogar futebol, outras tem para estudar. A energia está conduzindo isso. Nós pensamos que é o corpo, mas não é, não é o embrião, é a energia.

Esse é um ponto importante, porque nele vão divergir aqueles, como os neurocientistas, que vão pensar que o ponto (ou a energia) está na forma, e os que vão pensar que o ponto (ou energia) está na liberdade.

Os budistas vão pensar que o ponto está naturalmente na liberdade, ainda que, como um automóvel não voa, a forma vai desempenhar um limite nisso. Mas o motorista, ele voa, mesmo que o automóvel não voe, porque a mente dele é livre. Agora, se ele estiver preso ao que chamamos MENTE TRIPLAMENTE DEFINIDA, então ele só faz o que os seus sentidos permitem. Esse é um ponto bem interessante, porque há Sutras em que o Buda elucida bem esta questão.

No diálogo com Ananda, no Surangana Sutra, o Buda questiona Ananda, mostrando que ele (Ananda) poderia ver através da parede. O Ananda diz que só consegue ver a parede. Mas o Buda replica: "Ananda, como é que você não consegue?" O Buda está tentando tirar o aspecto triplamente definido e mostrar a liberdade à Ananda. Não é que a luz atravesse a parede, entra no olho e Ananda passe a ver adiante. Não é isso. Mas a nossa mente pode alcançar o espaço de fora. Quando estamos com a mente presa ao sentido visual, nossa mente não alcança o espaço de fora. A nossa mente é livre, mas se ela se mantiver presa ao órgão físico, ela não vai.

Então, supomos que estamos operando a mente a partir do olfato. Estamos aqui, começamos a sentir o cheiro de comida e dizemos: "Está na hora do almoço". Nossos olhos não alcançam as paredes, mas o nosso olfato, o nosso nariz, os alcança! Ou, então, escutamos o barulho de talheres e pratos e aí sabemos do almoço. Nossa mente vai lá.

Então, se a mente estiver presa à porta dos olhos, pobre coitada! Isso significa MENTE TRIPLAMENTE DEFINIDA, ou seja, limitação. No entanto, pensem, podemos estar com os cinco sentidos operando, mas, se a nossa mente estiver presa a eles, nós não vamos adiante. Ficamos presos a eles. Vamos, então, percebendo que há essa liberdade muito ampla, mas essa liberdade pode entrar em colapso.

O 3º Elo, vijñana, é simbolizado por um macaco sobre uma árvore. Ele representa a consciência. Não é um macaco colhendo frutos, como no 9º Elo. É um macaco no seu ambiente, significando a identidade (sutil), uma consciência da identidade a partir da energia que se movimenta.



5º ELO SHADAYATANA A Esfera dos Sentidos

TEXTO 1

QUINTO ELO – SHADAYATANA

Quando surge nama-rupa, ou seja, a busca, o elo seguinte, shadayatana, se capacita. Na roda da vida, shadayatana é simbolizado por seis casas, ou uma casa com seis janelas, que representa a nossa materialidade física. Nós estávamos buscando a materialidade, agora, encontramos. A materialidade surge, ela está ali, nós escolhemos. Qual é o conteúdo da materialidade? Ele já é a delusão da materialidade, a delusão que ela traz. Quando nós olhamos para aquilo, vemos que está dotado do conteúdo sutil, que brota da aspiração de nama-rupa, que brota, inevitavelmente, ligado a vijñanas e a samskaras. Quando fitamos a materialidade, nesse momento, a delusão é possível. Quando olhamos a materialidade, brota o conteúdo das aspirações anteriores, que são todas ocultas. Junto com a materialidade aparece a delusão.

Quando estamos operando com Avydia, vemos que se trata de um processo de construção de escolhas. O aspecto de delusão necessita que tenhamos uma conexão com a matéria. O sentido que vamos atribuir está ligado às nossas aspirações. Nós nos identificamos com aquela matéria, ela está ali.

Podemos também analisar shadayatana pelo ponto de vista de um cientista que cria um instrumento. Ele primeiro concebe o raio-x; mais tarde, detecta o raio-x. Ele não vai encontrar o detector antes da concepção. Niels Bohr examinou esse caso com todo cuidado. Por esse motivo, ele dizia que o equipamento experimental, shadayatana, é inseparável da estrutura acadêmica que o fez aparecer. Não existe um shadayatana, sem que haja uma estrutura acadêmica anterior. As teorias, os postulados, as visões, todas elas estão manifestadas no equipamento. **O equipamento experimental não se separa do cientista.**

O equipamento experimental surge no universo mental do cientista, espelhando seu universo mental. Quando o equipamento experimental atua, ele encontra objetos. Esses objetos, também, são inseparáveis das próprias teorias. Depois de shadayatana nós temos spasha.

.....

TEXTO 2

QUINTO ELO – SHADAYATANA

Quando nós olhamos, quem vê não é propriamente o olho. Existe uma mente incessantemente presente que vê escuridão ou que vê luz. Existe uma mente lúcida atuando e falando sobre o que ela está operando, ou melhor, manifestando. O Buda fala da natureza da permanência, e nós estamos ligados à natureza da impermanência. Quando vemos os objetos, temos seqüências mentais, parece que tudo anda, e a roda gira. Nós temos responsabilidades - ver para nós está ligado à experiência de responsividade. Quando não vemos, significa que não está havendo a responsividade, olhamos aquela escuridão, e nada nos apela, nada brilha, nada anda. Tudo está ali, a nossa mente está acordada, está vendo. O Buda cita os exemplos do corpo dormindo e da mente alerta; ela vê. Nós estamos ligados ao detector, ao instrumento.

A visão não é neutra, mas filtrada por áreas de interesse que representam as estruturas e expectativas anteriores. Existe toda uma ação inconsciente operando dentro da visão, da audição, do olfato, do paladar, do tato e dentro dos pensamentos. Um por um dos sentidos físicos opera com uma região inconsciente, portanto só vê um certo tipo de mundo. Para nós, o mais importante disso é perceber que a experiência que houver é sustentada, enquanto uma experiência, pela sílaba “AH”. Quando tocamos, ouvimos, vemos alguma coisa, a sílaba “AH” está manifestando a experiência que estamos sentindo, e isso é um objeto de meditação e contemplação. O próprio contato não é neutro. Tem um aspecto muito profundo operando atrás disso. Quando não reconhecemos isso, alegamos que o contato pode ser explicado pelas mãos, que a visão pode ser explicada pelos olhos, etc.

Nos livros de física podemos ver a seguinte explicação da visão: A imagem entra pelo olho, toca na retina e é invertida. Então, ela entra nos respectivos canais, chega no cérebro e, assim, vemos. Esse processo de reconhecimento é mal entendido. Pensamos que existe uma materialidade e que a visão é uma coisa simplesmente física, mas não é.

Por desconhecer esse fato, justificamos a experiência de contato pelo órgão de contato. Parece que a visão vem do olho. Parece que o cubo (desenhado no papel) vem da objetividade do olho. Sem que haja qualquer troca da imagem que entra no olho, podemos ver dois cubos diferentes, portanto, podemos reconhecer que não é o instrumento que produz a imagem. Nenhum dos dois cubos é cubo. Em ambos os casos, só temos uma folha de papel riscada. Não tem três dimensões. Essa terceira dimensão surge do mesmo modo como surge o Buda. Podemos trocar uma pela outra sem alterar a imagem. Mas a nossa experiência da imagem muda. Assim, percebemos que existe um elemento a mais operando ocultamente, que produz a experiência da imagem, e não pode ser explicado pelo órgão do olho, nem pela luz que entra. Quando trocamos um elemento de estrutura interna, trocamos a experiência. Logo, fica visível a estrutura interna operando. Com essa compreensão, podemos perceber que a experiência do órgão dos sentidos está na dependência de algo luminoso, construído.

Imaginem uma pessoa que ficou cega repentinamente. Essa pessoa continuará tendo sonhos. O nosso centro de visão independe dos olhos. Mesmo de olhos fechados, podemos ver o rosto que desejarmos, podemos evocar imagens do passado, do futuro. O centro de visão é etéreo, sutil. As imagens são sustentadas pela sílaba “AH”. Elas podem ser apoiadas pela experiência sensorial, mas a experiência sensorial não é a base. Caso contrário, nunca nos enganaríamos. Nunca veríamos uma cobra, onde só há uma corda. A luz que entra é a mesma. Como podemos nos enganar? Só nos enganamos porque não vem da luz.

Isso tem uma importância muito grande no que diz respeito a fenômenos ligados à experiência de loucura. Nas crises psicóticas, as pessoas têm a experiência de visão e audição. No entanto, essas experiências não são partilhadas pelos outros. O centro de visão, excitado por medo, por outras conexões passa a atuar independente da necessidade de um estímulo físico.

Para nós é importante perceber que a experiência dos sentidos não pode ser explicada pelo órgão. No Sutra do Coração nós estudamos isso através dos 18 pontos. Nós contemplamos, meditamos cuidadosamente sobre cada um dos sentidos físicos, cada um dos órgãos associados aos sentidos físicos, cada um dos objetos dos sentidos e cada uma das mentes associadas a cada sentido físico específico. São 18 pontos que vamos examinar. Esse ensinamento da roda da vida que estou dando agora é uma mistura do ensinamento da roda da vida com o ensinamento do Sutra do Coração.

Precisamos de tempo para penetrar nessas regiões. Precisamos olhar dentro de nós e examinar com muito cuidado, encontrar os vários exemplos na nossa vida, até o ponto que a nossa experiência deixa de ser automática em uma certa direção, e conseguimos, então, reconhecer essas liberdades em meio à própria liberdade. Nesse momento, estamos com várias áreas inconscientes operando automaticamente.

O Buda dá também o exemplo do sino. Quando o sino toca, nós ouvimos. E quando o sino pára de tocar, nós ouvimos também? Sim, o silêncio! Através do som, ele introduz a natureza da mente. É um processo interessantíssimo para introduzir a meditação. Estamos lúcidos ao tocar do sino e continuamos, quando ele pára. A nossa mente é drenada pelos sons, pelas aparências, pelas discriminações. Ela começa a girar, e nós aprendemos a reconhecer a mente lúcida, com ou sem o objeto. Aprendemos, também, a reconhecer a permanência que está além até mesmo da temporalidade, porque os objetos vão produzir, mais adiante, a noção de espaço e de tempo. A nossa mente está antes disso, antes da delusão, propriamente. Nós jogamos lucidez para o processo que vem antes da delusão.

Nesse momento, estamos presos na idéia de que nós vemos com os olhos. Não vemos que o objeto surge inseparável dessa ação mental, que é a delusão. Se percebermos o papel do instrumento, que ele é criado segundo as expectativas anteriores, o aspecto luminoso do instrumento, podemos reconhecer a liberdade. No caso da física, as luzes que vemos são uma estreita faixa de frequência, os sons que ouvimos, também, são uma estreita faixa de frequência.

.....

TEXTO 3

QUINTO ELO - SHADAYATANA - ESFERA DOS SENTIDOS

O 6º Elo nos conecta para o 5º Elo. Enquanto o 6º Elo é a utilização dos sentidos físicos, o 5º Elo são o seu surgimento. Esse ponto tem uma grande conexão com a ciência, porque os cientistas geram muitos outros sentidos, agora “eletrônicos”. Criam instrumentos de medida, como os que medem a radiação, por exemplo.

Quando trabalhei no Departamento de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desenvolvi junto com um aluno, um medidor de radiação solar. Nós geramos um medidor de radiação solar. Desse modo, são desenvolvidos diferentes aparelhos para medir, detectar, diferentes coisas.

Nós começamos a gerar outros órgãos físicos. Se estamos num laboratório de radiação, é muito importante que tudo esteja monitorado, porque nós não sentimos, não percebemos a radiação no nosso corpo. E justo por isso podemos morrer. Uma dose excessiva de radiação pode fazer nossas células entrarem em colapso. Precisamos, então, estar no ambiente no qual a radiação está constantemente sendo monitorada. Todos os cientistas que trabalham neste tipo de laboratório usam uma chapa fotográfica que levam no bolso. Diariamente é verificado o quanto cada cientista já se expôs à radiação. Existe um limite máximo de exposição diária ou por hora. No entanto, essa radiação tem um efeito cumulativo. São necessários detectores, pois, ao final de um ano, o nível medido não deve ultrapassar de um tanto.

Nós precisamos saber disso para podermos entrar em certos lugares, porque nós somos cegos em relação à radiação ionizante. Isto é uma cegueira. Podemos morrer, desenvolver doenças e não termos nenhuma idéia da sua causa, da sua origem. O câncer pode ser potencializado dessa maneira, se nos expusermos, sem saber, à radiação.

Muitas experiências desse tipo foram realizadas pelos americanos quando da investigação das bombas nucleares. Eles testavam os efeitos da radiação nos próprios soldados. A Segunda Guerra Mundial foi, também, um período em que os cientistas fizeram muitas experiências desse tipo. As vítimas de Hiroshima e Nagasaki foram monitoradas acerca dos efeitos da radiação que sofreram.

No 5º Elo nós acreditamos que os órgãos físicos dos sentidos são clareza, são lucidez e que eles revelam o mundo como aparece, como o mundo é.

Hoje é muito mais fácil para nós, do que na época do Buda, mostrar que os órgãos físicos não revelam o mundo como ele é, até porque nós geramos outros instrumentos, outros olhos, e somos capazes de ver o mundo muito diferente do que os cinco órgãos dos sentidos físicos percebem. Hoje nós nos enganamos comendo “bolachas sabor bacon”, “salgadinho sabor pizza”. As coisas já não são mais o que são, mas sim “sabor de alguma coisa”, como “margarina sabor manteiga”.

O ponto do Budismo não é distinguir os vários aspectos ilusórios. O ponto é perceber todos os aspectos como ilusórios e perceber aquilo que os sustenta.

Então podemos nos perguntar: Como é que podemos olhar esse mundo todo e achar que está bem assim? Vemos que existe essa luminosidade que produz todas as aparências do mundo e o mundo parece completamente satisfatório. Esse é o ponto crucial do Budismo e esse ponto crucial não significa “vocês estão todos enganados, desistam, apaguem a luz e venham para a iluminação”.

O ponto é nós percebermos que o engano é sustentado por uma natureza luminosa. Essa natureza luminosa é permanente, está além de vida e morte e ela é nossa natureza.

Nós podemos viver na consciência dessa natureza. Estamos apenas rompendo esses aspectos para nós não ficarmos obrigados a operar como se aquilo fosse sempre sólido. Porque, se operamos como se as coisas fossem sólidas, ficamos presos nos Doze Elos. No final, estamos aqui equilibrando alguma coisa, sem saber como e por que começou e, no fim, a coisa cai, se dissolve. E passamos por todo esse processo sem saber o que aconteceu.

Como existe sofrimento, como existe aflição, é necessário que nós joguemos lucidez sobre esse processo todo. Vamos, então, Elo por Elo, decompondo isso, analisando, examinando. Vamos sempre encontrar por trás disso um processo gratuito, um processo livre, de produção dessa experiência.

Então, os sentidos físicos também vão surgir assim. A seguir, nós vamos estudar com muito cuidado que os órgãos dos sentidos não vêem; que o objeto dos sentidos não tem o que parece que tem dentro deles; que a mente ligada aos sentidos também não é alguma coisa ligada aos sentidos. Esse é o ponto do Prajnaparamita, no qual vamos estudar os 18 dhatus, percebendo a vacuidade dos órgãos dos sentidos, dos objetos ligados aos sentidos e das mentes ligadas a esses sentidos.

A vacuidade pode ser percebida em primeiro lugar, como uma vacuidade que parece mal-humorada, ou seja, “isso não é, isso não é, isso não é”, “ilusão, ilusão, ilusão”. Mas depois vai surgir uma vacuidade bem-humorada, lúdica, que é assim: “Imagina! Isso parece que é!”, “Olha, isso é, isso é!”. Então, ao invés de dizermos “isso não é”, nós olhamos e nos surpreendemos com a beleza daquilo que parece que é. Mas nós não estamos mais presos, entende? Justo porque nós vemos como é que é a gênese daquilo, não precisamos nos opor àquilo. Nós olhamos e sabemos o que é que aquilo é. Então, essa é uma vacuidade lúdica, que nos permite também criar. Ela está mais próxima da liberação, porque a vacuidade do “não é, não é, não é” nos leva em direção a alguma coisa que nos deixa contidos dentro de uma idéia, tentando evitar “o que não é”. A vacuidade lúdica nos permite retornar. Aí, voltamos para aquilo e passeamos dentro, com liberdade.

Podemos agora dividir o Budismo em Chinês, Japonês e Tibetano. O Budismo Tibetano está baseado na vacuidade lúdica. O Budismo Chinês e Japonês, meio a meio, com tendência à vacuidade mal-humorada. É como se eles se dedicassem a dizer “não, não, não”, “ilusão, ilusão, ilusão”. Então, eles ficam sérios, empurrando a ilusão.

O 5º Elo tem uma conexão direta com a física quântica. Porque também na física quântica, sem a influência do Budismo, se chegou a essa noção.

Por exemplo, quando nós falamos dos 18 dhatus, da vacuidade dos órgãos dos sentidos, do objeto dos sentidos e da mente, Niels Bohr também fala isso. Ele não vai usar a palavra vacuidade, mas ele usa a expressão “ambigüidade” e “não-ambigüidade”. Ele diz que “a filosofia natural trata de forma ambígua a questão da medida das coisas, a questão de aferição da realidade. Para nós superarmos a ambigüidade, é necessário nós percebermos que a separação, a diferença, entre o objeto e o instrumento de medida é arbitrária. Nós arbitrariamente dizemos: “eu corto aqui; essa parte é o objeto e essa outra é o instrumento de medida”.

A razão disso é que nós temos o fenômeno que acontece. O fenômeno é composto pelo conjunto formado pelo objeto e o instrumento. Mas quando eu resolvo dizer que aquilo que eu vejo é o objeto, eu estou colocando as propriedades do fenômeno no objeto. Mas eu nunca tenho o objeto como algo que eu possa vê-lo separado, porque eu só posso vê-lo na interação com o instrumento. Então, quando o objeto interage com o instrumento, surge um evento. Esse evento é completamente inseparável. Se eu tirar o instrumento, não acontece o evento. Se eu trocar o instrumento, teremos outro evento.

Por exemplo, pensamos que estamos medindo uma partícula e que a propriedade é da partícula. No entanto, a propriedade é do experimento. Se faço um outro tipo de experimento com outro aparelho, tenho outro resultado. Então, vamos dizer que aquela partícula tem duas propriedades. Até aí, tudo bem, contanto que as propriedades não sejam contraditórias. Mas, quando encontramos propriedades contraditórias, ficamos surpresos.

Niels Bohr diz que só conseguimos superar essa ambigüidade, se, quando descrevermos a partícula, nós também o fizermos em relação ao instrumento de medida utilizado. Mas não somente isso, é indispensável descrever o experimento, as teorias e perguntas do cientista que compuseram esse processo. Ele tem, pois, como inseparáveis daquilo que vemos como partícula, o equipamento experimental, o experimento, as perguntas e os paradigmas (as teorias) que o cientista está utilizando. Então isso é Budismo, ou seja, Niels Bohr rompe a separatividade.

Nos círculos próximos a Niels Bohr, os cientistas seguem estudando, enquanto outros o criticam, dizendo: “*Existe a ciência cerragem, que diz ‘aquilo não é’, que vai decompondo e, mal-humoradamente, dissolvendo. Nós preferimos a ciência que constrói.*” Mas essa não era a posição de Niels Bohr. Ele se defendia dizendo: “Há uma ambigüidade e não é a posição da física quântica que está produzindo essa ambigüidade. A física quântica está resolvendo a ambigüidade, introduzindo uma visão mais sofisticada.” Esse é o ponto.

Essa é uma coisa que vocês deveriam guardar com muito cuidado na mente, porque vocês mesmos vão tropeçar com críticas. Ou seja, as pessoas vão dizer “isso aí é místico!”, “É uma viagem”. Então, vocês sempre lembrem que os paradoxos existem no mundo convencional. Essa visão vem para resolver o paradoxo da convencionalidade.

O paradoxo, na física, não veio dos físicos quânticos. Os físicos quânticos resolveram o paradoxo da física clássica vinte e cinco anos depois do eclodir do problema. A física quântica tem a possibilidade de resolver esse paradoxo, essa ambigüidade, e propor um sistema não ambíguo, onde se consegue prever o que vai acontecer, seguindo com a física teórica operando. É necessário nós entendermos isso, retomarmos esse processo de unidade. E a própria matemática fica diferente. Há um formalismo matemático que dá conta disso. Eu não vou entrar aqui nesta questão, mas é encantador o processo pelo qual surge um processo matemático que dá conta da inseparatividade. É espantoso que isso seja possível!

Então estamos no 5º Elo, olhando os instrumentos de medida. Vamos ver que os instrumentos de medida não têm a possibilidade de oferecer um processo não ambíguo, sério, estável.

No Budismo Zen se pergunta qual o som da palma da mão em diversos tipos de materiais. Por essa batida, caracterizamos diversos objetos, por exemplo: esse é o som da madeira (mão batendo na madeira); esse é o som da pedra (mão batendo na pedra); esse é o som da parede (mão batendo na parede); esse é o som da mão (mão batendo em outra mão). Mas quando nós dizemos “esse é o som dessa mão”, fica algo estranho, pois elas são iguais! Então nós nos damos conta que nas “batidas” anteriores, nos sons anteriores, tinha também uma mão! Se não tem mão, qual seria o som? Não tem som! Ou seja, o instrumento de medida produz o efeito junto, é inseparável do próprio efeito. Então, no Zen se pergunta: Qual é o som que vem só de uma mão? Essa é a pergunta. Ela trata dessa questão. Vejam que há muito tempo atrás as pessoas já tinham se dado conta disso.

O 5º Elo trata dos nossos instrumentos de medida, do nosso corpo, da nossa sensorialidade.



6º ELO SPASHA Contato

TEXTO 1

SEXTO ELO - SPASHA

S hadayatana é como se fosse seis construções, que simbolizam os seis sentidos. Spasha já é a utilização desses seis sentidos, o encontro dos sentidos com seus objetos. Spasha é quando nós usamos aquela materialidade, como se fosse a nossa expressão.

Na Roda da Vida, Spasha é simbolizado por um bebê no seio da mãe ou por um casal de namorados. Quando surge Spasha, surge o corpo que está operando no seu universo. A delusão está operando firme. Por isso é que o corpo da mãe provoca uma delusão que o corpo de uma outra mulher talvez não provocaria. Existem todos esses níveis atuando e spasha é o contato, especificamente.

Na medida que há o contato com spasha, ou seja, na medida que spasha se exerce, surge vedana.

.....

TEXTO 2

SEXTO ELO - SPASHA

A experiência de contato, spasha, é como a experiência de percepção, que não passa de uma outra palavra para delusão. Vamos olhar esse tema a partir da ciência. O cientista diz: “*O experimento é neutro*”. Contudo, na física quântica essa afirmação já está ultrapassada. Niels Bohr diz: “*O objeto que encontramos à nossa frente é inseparável do instrumento que gera o experimento. Não há como separar o instrumento do objeto. O Instrumento e o objeto criam um fato, e depende de nós a decisão de chamar aquilo de manifestação do instrumento ou manifestação do objeto!*”. Quando chamamos aquilo a manifestação do objeto, qual é o papel do instrumento? O instrumento não fez nada? Se é assim, por que o utilizamos?

O instrumento está ali representando inseparavelmente os conceitos, as concepções, as perguntas do cientista, que, por sua vez, está inseparavelmente ligado à sua estrutura cognitiva. Esta está ligada aos pressupostos que ele está operando. Esses pressupostos são inevitavelmente inseparáveis da linguagem e da cultura que ele está operando. Então temos a linguagem, a cultura, os pressupostos, as teorias, a concepção do experimento, o surgimento do equipamento, a leitura do equipamento, mas, quando vemos o surgimento do objeto, esquecemos de todo o resto. Não tem mais equipamento, não tem mais conceito, não tem concepção, nem cientista, não tem mais nada.

Aquele fato revela propriedade como se fosse só do objeto. Isto é uma simplificação grosseira - a própria delusão. Hoje em dia, infelizmente, os cientistas ainda não estão lúcidos. No entanto, Niels Bohr já chegou a essa conclusão em 1925 e, infelizmente, foi *ocultado* pelas teses.

Albert Einstein acha que é possível gerar um som só de um lado, sem nenhuma influência da mão. Ele persegue o fato de que podemos bater aqui, isolar o efeito disso e manifestar só um lado. Ele diz que podemos isolar uma partícula, podemos ver a partícula em si mesma, sem nenhuma perturbação. Essa é uma diferença entre ele e Niels Bohr. Este afirma que temos o evento. Esse evento nós medimos, podemos dizer que aquilo é o instrumento ou objeto se manifestando, é a nossa escolha. O objeto, por sua vez, só se manifesta inseparável do instrumental, das concepções e das perguntas.

Na física quântica nós formalizamos isso. Nós vamos colocar essa questão como formalismo matemático, onde as perguntas estão presentes. É uma estrutura lógica que é utilizada, é diferente. Essa inseparatividade também está presente nessa estrutura matemática.

Olhando sob o ponto de vista de luminosidade, spasha é muito fácil, porque o contato é a própria percepção. Quando fazemos o contato, a percepção (samjana) e o contato (samskara) parecem a mesma coisa. Desta forma, nós temos a operação da delusão (Avydia). A partir de toda essa análise, podemos perceber a delusão como liberdade, vemos seu aspecto criativo e reconhecemos que, junto com ela, existe Avydia, que é um sentido mais geral. A delusão é o aspecto criativo. Quando este surge, surge também o aspecto de ocultação, que é Avydia. Avydia, o aspecto de ocultação, ele mesmo fica oculto pelo fato de que, junto com a luminosidade, brota um significado, um sentido, um impulso, um raciocínio, uma seta que nos indica “faça isso!”. Quando a responsividade brota, ela apaga o fato de que a delusão surgiu e de que Avydia estava se manifestando.

Se entendermos spasha através da luminosidade, podemos nos liberar. Caso contrário, dirá: *“Existe uma coisa muito simples, eu tenho um instrumento que eu boto lá vejo aquilo.”* Neste caso, vamos explicar pelo instrumento, a percepção se explica pelo instrumental, ou seja, a visão se explica pelo olho. Diremos: *“Não é assim? Então feche os olhos e tente ver alguma coisa... Abra os olhos, você vê? É simples, tem alguma coisa óbvia aí, é o olho que está vendo!”* Automaticamente, nos defendemos com o elo anterior.

.....

TEXTO 3

6º ELO - SPASHA - Contato

No 6º Elo vamos ver que gostar ou não gostar está na dependência do contato. Ou seja, quando é que eu digo que gosto ou que não gosto? Eu olho para as flores e digo gosto. Tem o contato visual. Como é que justificamos o 7º Elo? É muito simples! Eu olho e digo “eu gosto”. É muito simples!

O 7º Elo está casado com o 6º. Esse é um processo que vai tocar especialmente o aspecto cognitivo. Como é que eu vejo? Esse é um ponto muito delicado. O 6º Elo é representado por um bebê no colo da mãe ou por um casal de namorados.

Se pensarmos que o contato é sólido como referencial, inferimos que o contato é objetivo. Essa é a posição dos cientistas. Houve um momento, na filosofia, que se introduziu o experimento como a forma de julgar a realidade daquilo experimentado. Isso significa que o contato que fazemos possui uma objetividade que pode nos definir o que é verdadeiro do que não é. Quando dizemos “eu gosto” ou “eu não gosto”, é muito simples; isso não é considerado um processo interno. É porque eu “olho” que eu digo “eu gosto”. O contato parece ser o suficiente.

Esse é um ponto muito delicado e é mais fácil hoje de criticar do que na época do Buda. Hoje já estudamos a fisiologia do olho. Os cientistas sabem que o olho só capta certo tipo de radiação. Na época do Buda não se tinha essa noção de que a luz é uma gama variada de frequências luminosas, das quais só vemos uma parte.

Isso significa que podemos detectar outras luzes através de aparelhos, podemos até mesmo ver outras luzes se usarmos outros aparelhos. Pegamos esse olho e o usamos como um processo de conexão, onde vemos luzes na tela de uma televisão ou vídeo, por exemplo, e a tela manifesta imagens que brotam de outro tipo de aparelho, de outro sensor, que não é mais o olho, olhando o universo a partir de, por exemplo, ondas de rádio. Conseguimos converter ondas de rádio em luz que nós vemos. Então, olhamos e vemos planetas, buracos negros, etc.

Assim, nós descobrimos que o olho pode começar a ver o que ele antes não veria naturalmente. Isso é um ponto importante porque nós percebemos que o nosso olho não vê tudo o que pode ser visto. Assim, passamos a desconfiar das nossas portas dos sentidos físicos. Nos damos conta de que elas são muito limitadas.

Com essa abordagem, nós olhamos os sentidos físicos e somos capazes de nos envergonharmos! Porque, com os sentidos físicos limitados que possuímos – visão, audição, olfato, tato e sabor – temos a pretensão de achar que podemos abarcar todo o universo!

Percebemos, então, que a nossa mente está triplamente definida. É como dizer “não percebemos a limitação com que nós estamos operando”. A maior parte dos objetos que nós conseguimos pensar são gerados como imagens das experiências sensoriais. É difícil para nós pensarmos em alguma coisa que não possamos ver, ouvir, etc. A nossa mente tornou-se limitada à limitação natural dos sentidos físicos.

Isso está ligado à filosofia, à cognição, à linguagem. Aqui começa essa abordagem menos psicológica e mais filosófica desse ensinamento. Vamos perceber que os sentidos físicos não vêem tudo o que há para ver ou perceber. Mas, ainda assim, nós só vemos o que pode ser visto. O nosso mundo se resume ao que podemos ver/perceber. E dentro do que podemos ver/perceber, classificamos se “gostamos” ou “não gostamos”. E assim, estreitamos ainda mais a nossa área de interesse. A partir disso, tentamos nos sustentar como aqueles que são hábeis em só viver as experiências positivas. Tentamos o tempo todo manobrar as circunstâncias para viver dessa maneira, até o ponto em que não é mais possível. E, então, vem a morte.

Esse é o 6º Elo. Nos vemos, nesse momento, com os sentidos físicos, mas muito limitados dentro disso. Vemos que a mente é ampla, mas se torna limitada à capacidade de percepção dos sentidos físicos.



7º ELO
VEDANA
Sensação (de gostar, não gostar
ou indiferença)

TEXTO 1

SÉTIMO ELO - VEDANA

Nós podemos achar que é bom, ruim ou indiferente. Vedana é simbolizada por uma pessoa enfiando uma flecha no próprio olho. Nesse momento, ela ficou cega pela segunda vez. Ela já estava cega por avídia, agora ela enfia a flecha no olho. Todas as etapas anteriores eram inconscientes. A partir desse momento, elas se tornam conscientes. Tudo o que ela poderá ver será o gostar ou não gostar. Ela simplifica todo o processo anterior pelo gostar ou não gostar. É o que nós fazemos, não é verdade?

Pergunta: Gostar ou não gostar do quê?

Lama: De um modo geral, ela sente apenas. Quando uma pessoa toca na mão de uma outra que ela ama, ela diz que gosta. Mas isso não está na pele, não é verdade? Se você toca em alguma coisa e gosta. Então você descobre que aquilo era uma cobra, qual é a sua reação? Onde estava aquele gostar? Onde estava aquela sensação agradável? Ela não estava no objeto, estava em um aspecto sutil.

De um modo geral, tudo isso está no inconsciente. A pessoa acha que sensualidade é contato físico. Na verdade, é um outro processo mais sutil. A pessoa pode perceber isso ou não. A pessoa acha que a beleza está no aspecto de visão, na forma, mas também não é.

Com vedana, nós simplificamos todo um conjunto de operações mentais e, então, surge o gostar e o não gostar. Assim, nós ficamos cegos da camada para baixo. As pessoas têm muitas certezas... Elas se movem dizendo: *“Eu gosto disso, eu quero isso, ou não quero isso”*. Aquilo dá um sentido de propósito, uma sensação de vida, de identidade, de movimento.

.....

TEXTO 2

SÉTIMO ELO – VEDANA

Vedana é simbolizado por uma flecha no olho, nós ficamos cegos pela segunda vez. Nós simplificamos todas as etapas anteriores e baseamos todas as etapas seguintes em uma sensação. Baseamos todo o estreitamento de visão em uma sensação. Ocultamos, então, as seis etapas anteriores. Não olhamos mais a micro estrutura. O fato de termos uma sensação boa justifica tudo. Avidia ganha um grande poder neste momento.

Socialmente, culturalmente, quando uma coisa é boa, agradável, já está justificada por si mesma, não é? Isto significa a flecha no olho. Observem que as pessoas que usam drogas dizem que a droga é muito boa. Até querem sair disso, mas o problema da droga é que ela é realmente muito boa. Existe um mecanismo de fixação. O fato de alguma coisa ser boa nos tira toda a defesa. Nós temos esse referencial quando aquilo é bom, ótimo. Estamos aprisionados ao processo de vedana. É muito difícil gerarmos liberdade com relação à vedana, porque nós não queremos, não estamos interessados. Tudo está indo bem, estamos gostando, estamos satisfeitos. Ao contrário, o que nós queremos é garantir vedana.

A dificuldade no primeiro passo do Nobre Caminho se solidifica a partir disso, porque **o nosso referencial é vedana**. Se fosse necessário abandonar vedana para seguir um caminho espiritual, 90% das pessoas desistiriam. Nós entramos em um caminho espiritual porque queremos nos sentir bem. Esse é um ponto muito delicado. É um ponto onde os santos se defrontam. Eles dizem que se sentir bem ou não, não importa. Na verdade, até preferem não se sentir bem. Mas isso não é uma boa solução, porque isso não é liberação. Eles continuam usando o mesmo referencial, só que eles apontam em outra direção.

Novamente chamo atenção para avidia - nós vemos algo, e aquele algo simplifica tudo, oculta a profundidade e oculta que ocultou. Nos oferece os propósitos e, então, surge o sentido de carma operando. Ele nos retira o desejo de liberação. O processo substitui o desejo de liberação pelo impulso de atender à satisfação que parece vir de outra direção e, assim, giramos a roda.

Ainda assim, tudo isso está perfeito. Reconhecemos todo o processo, reconhecemos delusão operando, reconhecemos que a delusão tem uma energia mágica que chamamos de luminosidade. Reconhecemos que, quando a luminosidade se oferece, produz significado, produz impulso, produz beleza. Ao mesmo tempo, porque aquilo se oferece de um certo jeito, reconhecemos que não está no objeto o que vemos nele, nem a satisfação que ele produz, nem o brilho, nada disso está dentro dele. Isso tudo é a natureza da delusão. Quando percebemos isso, reconhecemos que a essência da delusão é o aspecto magnético dela. Ela é similar a um sonho, mas atua.

Quando percebemos que a essência não está no objeto, mas atua, isto significa compreender a vacuidade do objeto, compreender a liberdade. Porque vemos o objeto se manifestando com a cara que ele tem e entendemos como ele aparece com aquela cara, nesse momento, percebemos que a luminosidade produz nele esse efeito. Isso acontece porque há liberdade para que esse efeito possa ser produzido, e outros também. A maior prova de que a liberdade existe é a aparência surgindo. Vacuidade não é um buraco, uma ausência de aparência. Quando a aparência surge, isso é prova de que a liberdade de produzir a aparência está ali. Aquela aparência não tem solidez. Curiosamente, no mesmo fenômeno vemos luminosidade e liberdade. Vemos prisão e liberdade se manifestando como prisão, tudo junto. Se conseguirmos reconhecer isso, nesse momento sorrimos para vedana. Podemos, então, pegar um quindim e comer, dizendo: *“Isso é a prova da vacuidade, quindim é vazio!”*, ainda assim, acontece um milagre, nós comemos quindins e o estômago se enche, e engordamos!

Olhamos o aspecto de vedana sob a óptica da luminosidade, observamos como isso surge. Assim, reconhecemos os vedanas – gosto, não-gosto; quero, não quero – como um processo que não pertence ao objeto que estamos contemplando. Sabemos agora que a experiência do gosto, não-gosto sempre se refere a algum dos objetos dos cinco sentidos físicos ou do sentido abstrato. Esses objetos passam a ganhar essa característica; nós respondemos a eles com um “gosto” ou “não gosto”; “quero” ou “não quero”.

Sendo assim, percebemos que o gosto, não-gosto é uma experiência de gostar ou não gostar. Então prosseguimos como aprendemos, substituímos o gostar ou o não-gostar pela “experiência de”. Logo, percebemos que temos uma liberdade. Olhamos então para a experiência e dizemos: “*Essa experiência é uma experiência de delusão*”. Nesse momento, não dizemos mais “eis uma maldita delusão!”, mas “eis uma maravilhosa delusão!”, porque já percebemos o aspecto criador, o aspecto de brilho, de magia, que existe na característica que passamos a ver no objeto. Nós gostamos, temos uma atração – ou uma aversão.

Nós temos abundantes exemplos, podemos contemplar por todos os lados dessa maneira. Existe uma prática, a de Tsog, na qual nos alimentamos e vamos contemplando os variados sabores dos alimentos e a delusão que está associada à experiência de cada alimento. Da mesma forma que contemplamos isso a partir do sabor, podemos contemplar a partir da visão, da audição, do olfato, do tato e, assim, vamos classificando as coisas.

Podemos agir da mesma forma com os objetos abstratos. Dizemos: “*Tais coisas são terríveis!*” Percebemos uma perspectiva, uma paisagem mental atuando em um a um desses itens. Essa paisagem mental dá significado, serve de base para aquela característica que estamos vendo. Aquela característica é uma experiência, nós a vemos sendo sustentada. Existe uma energia sustentando aquilo. Podemos espreitar essa energia surgindo ou não surgindo.

O mundo externo brota de luminosidade. A nossa habilidade é trabalhar de forma cada vez mais sutil, sustentando luminosidades cada vez mais sutis. Nós atingimos muitos siddhis nisto. Nós transformamos, por exemplo, pedras em naves espaciais, enviamos para Marte, pegamos as imagens disso e espalhamos pelo planeta inteiro ao vivo.

Estamos examinando esse aspecto criativo e vemos que avidia está ali dentro. Quando avidia se manifesta como gosto ou não gosto, produz uma ocultação que, por sua vez, também fica oculta. Assim, nós ficamos presos independente do reino em que estejamos.

Voltemos ao exemplo do cubo. Quando um cubo surge o outro desaparece. O aspecto mais importante não é o surgimento de um cubo, mas o desaparecimento do outro. Nesse processo, é importante perceber que não é apenas um cubo que desaparece, mas que qualquer coisa também desaparece, quando focamos uma outra. O outro aspecto que sela o primeiro é a ocultação da ocultação. Avidia oculta, e oculta o fato de ter ocultado. Com o cubo que agora vemos, surge uma realidade inteira, e nós reagimos a ela, nós temos a responsividade. Quando o objeto surge, ele surge como se fossem setas dizendo: “*Faça tal coisa!*” Nós, então, olhamos a mensagem e fazemos. Esse “Faça tal coisa” é a mensagem sutil de dentro do objeto. Essa mensagem sutil nos cega frente ao fato de que já estamos cegos. Ela oferece um propósito. Nós não percebemos a realidade que é a própria experiência do surgimento do objeto.

Um exemplo disso é o chocolate. Ele não é uma boa opção, mas ele nos *olha*, e nós podemos comê-lo ou não. No entanto, nós não podemos evitar a atração do chocolate, não olhamos sua atração como um fato em si. Tem uma avidia operando na atração do chocolate, e nós não vemos esse fato, mas apenas nos comportamos frente a ele. Podemos nos filiar ou gerar aversão ao chocolate. Nem percebemos que existem liberdades dentro da própria aparência do chocolate. A prisão já está no fato de considerarmos o fato de que o chocolate se oferece como chocolate de forma completamente natural. Ela não está em comer ou rejeitar o chocolate, essa própria opção já é o chocolate me enganando. Existe uma ocultação desse fato. Quando o chocolate aparece, ele oculta o fato de que ele está aparecendo. Toda a nossa experiência sensorial é legitimada pelo fato de que ele aparece.

É dentro desse processo que atuam os seis ladrões, eles roubam a nossa liberdade sem que percebamos. Quando dizemos: *“Eu vejo tal coisa, e ela é linda!”*, estamos achando isso maravilhoso. O ladrão está nos oferecendo aquilo, nos enganando, tirando-nos toda a liberdade, e nós ainda consideramos todo esse fato maravilhoso. No entanto, não precisamos nos posicionar nessa perspectiva de ver avidia como um obstáculo. A única forma de superar esse processo é reconhecer que a liberdade segue e que temos uma operação maravilhosa da mente produzindo essa experiência.

Porque a própria aparência do objeto surge, podemos, na própria aparência, reconhecer a vacuidade. Por que? A delusão está operando, o teor daquele objeto é virtual. Como podemos compreender isso? A luminosidade cria aquela aparência do objeto. Nós vemos que aquela aparência está ali, mas não está na materialidade do objeto. Quando vemos a aparência, só a vemos, porque temos a liberdade de criar isso daquela forma.

O surgimento de cada um desses doze elos é um produto deste tipo, desde a experiência de sofrimento, a experiência de propósito da vida, de mundo e identidade, a experiência de sucesso, de planejamento e, agora, a experiência de vedana. Enquanto que um não-praticante vai automaticamente reagir à mensagem com um “eu devo fazer isso, não devo fazer aquilo” quando surge o “eu gosto”, só mesmo o fato de surgir um “eu gosto”, já é um objeto para um meditante. Ele diz: *“Nossa, que espantoso, eu gosto!”*. Ali está o praticante contemplando essa experiência. Assim fazemos a prática de Tsog, com alimentos, ou frente a todos os sons. Isto é a prática dos ridzins, a prática de atenção, de lucidez, a prática dos bodisatvas Mahasatvas, a prática do Sutra do Coração. No Sutra do Coração nós temos uma cartografia, um mapeamento. Nós utilizamos 46 itens para mapear a nossa possibilidade de ação.

Quando não entendemos o procedimento de luminosidade, vamos usar o procedimento usual. *“Para mim é muito simples, eu tenho essa sensação porque eu ponho o quindim na boca e é muito simples: eu gosto!” Não adianta querer complicar as coisas, eu sempre gostei de quindim e sei que é gostoso*”. Observem como isso é concreto. Desta forma, passamos imediatamente para o plano causal. Como explicamos a nossa sensação? Pelo elo anterior, ou seja, spasha, contato.

.....

TEXTO 3

7º ELO - VEDANA

SENSAÇÃO (DE GOSTAR, NÃO GOSTAR OU INDIFERENÇA)

O 8º Elo é explicado pelo 7º. O 7º Elo é chamado “vedana” e é simbolizado por uma pessoa enfiando uma flecha em seu próprio olho. Logo, vocês vêem que é uma coisa grave! A pessoa perde a visão. Mas como é que nós perdemos a visão? Como é que nós ficamos estreitos? Esse processo de apego é um estreitar. Para estreitar, nós precisamos primeiro perder a visão.

No processo dos 12 Elos, perder a visão está ligado à experiência de sensação de gostar, sensação de não gostar ou sensação de indiferença. Quando nós gostamos, nós ficamos focados. Quando não gostamos, nós também temos um foco. E quando somos indiferentes, parece que não há um foco, mas a indiferença é um processo ativo que a gente não percebe.

Por exemplo, meninos que passam por cima da roupa suja espalhada no chão do quarto sem perceber. Deixam o banheiro todo desarrumado e não vêem a bagunça. Isso é a indiferença. Muitas vezes temos que ser treinados para ver. Uma pessoa sai desarrumada ou crianças sentam na mesa depois do jogo de futebol, sequer lavam as mãos, e já vão comendo. Eles não estão vendo.

Nós somos passíveis dessas ações quando ficamos com a visão limitada. A visão limitada vem do apego focado. Esse apego focado vem da sensação de que eu gosto, não gosto ou sou indiferente. Isso é o 7º Elo.

De um modo geral, nós não conseguimos ver nada antes do 7º Elo. Podíamos pensar assim: a psicologia budista começa no 7º Elo! O aspecto mais parecido com psicologia começa neste Elo. Daqui para os Elos anteriores ao 7º, é mais filosofia, ou uma psicologia filosófica. Isso se dá porque a nossa sensação de identidade parece que surge justamente do gostar ou do não-gostar.

A maior parte das pessoas têm a sua experiência de observação mais íntima, mais sutil, justamente neste aspecto do gosto e não-gosto. A última coisa que eles conseguem ver dentro de si é se gostam ou se não gostam. Às vezes temos a sensação de que somos mais nós mesmos quando fazemos o que gostamos e não fazemos o que não gostamos.

Eventualmente, nós somos treinados para romper os obstáculos que nos impedem de expressar o que gostamos e o que não gostamos. Nós temos essas complicações dentro de nós, ou seja, nós gostamos ou não gostamos, mas, às vezes, nós ocultamos isso. Nós nos construímos com um outro apego que se derrama por cima disso. Nós construímos uma identidade que oculta porque ela muitas vezes já ocultou, ela descobriu que é melhor ocultar. Então ela oculta certas estruturas de gostar e não-gostar. Isso é o processo civilizatório. Essencialmente, nós não vamos fazer tudo o que gostamos, nem evitar tudo o que não gostamos, nem tampouco ser indiferente a tudo o que desejaríamos ser.

Nós vamos ser escolarizados, vamos ser instruídos em como ficar atentos a coisas que não veríamos, de como passar pelo que a gente não gosta e de como ficar bem quieto frente ao que a gente gosta. Vamos nos domesticando.

E aí aparecem os psicólogos para nos ajudar a revelar essas estruturas que estão por baixo, liberar essas couraças, esses sofrimentos, para que nós possamos nos expressar de uma forma mais livre, para que possamos cometer facilmente mais erros e suportar o cometimento desses erros, dessas fragilidades. Para que possamos nos expressar de uma forma mais nítida, mais clara, mesmo que não tenhamos certeza. Nós não precisamos estar certos sempre! Esse é um trabalho importante para nos recompormos, nos estruturarmos para operar no mundo de uma forma melhor.

No entanto, na psicologia budista vamos fazer uma outra coisa. Nós vamos dinamitar um por um desses processos. Ou seja, nós vamos reconhecer que essa estrutura de gostar, não gostar ou ser indiferente não é uma boa conselheira.

Por exemplo, se conseguimos, através de um processo de liberação, expressar claramente do que é que gostamos, do que não gostamos, ou do que somos indiferentes, conseguiremos transitar no mundo de uma forma clara, autêntica, visível, mas não resolve o nosso problema. Por que? Porque vamos continuar tendo contradições internas. Há coisas que gostamos. Perseguimos essas coisas e vemos que produz sofrimento em outras pessoas, o que termina nos atrapalhando também. Nós mesmos passamos, então, a perceber que aquilo não resolve.

Podemos também olhar profundamente dentro de nós e perceber que aquilo de que pensamos gostar, às vezes, sobre uma outra perspectiva, nos pareça não-gradável. Vemos, então, que esse referencial do gosto e do não-gosto não é sólido o suficiente. E é nesse exato momento que recuamos para o 6º Elo.

Mas antes de recuarmos, percebemos que esse gostar ou não-gostar é produzido pela central de luminosidade. Até mesmo porque esse gostar ou não gostar também é impermanente. Às vezes nós gostamos de algo, que, após um tempo, passamos a não mais gostar. Então, como aquilo é impermanente, nós vemos que o gostar foi sustentado por um tempo por essa luminosidade e que, agora, passamos a sustentar o não-gostar. Todos nós temos essas experiências em relação aos nossos carros, aos nossos objetos, em relação ao nosso trabalho e em relação às pessoas com quem convivemos.

Esse é um ponto quase hilariante no budismo porque, em função do gostar ou do não gostar, nós geramos o apego; em função do apego, nos estruturamos para obter aquilo; aí, nós obtemos; sustentamos, e, lá pelas tantas, nós não queremos mais, ficamos cansados. Não dá nem para pedir coerência, porque é assim o processo de tudo. Então, nós estamos imersos nessa coisa.

Os psicólogos vão encontrar pessoas que têm tudo o que queriam, mas já não querem mais. O problema é esse. Então eles perguntam: “Mas, então, o que é que você quer?” Eles respondem: “Eu também não sei.” Essa é a tragédia da nossa vida. Tudo isso é impermanente porque foi produzido por essa luminosidade como se fosse real, concreto, vivo, permanente. Nós sentimos que temos que viver aquilo. Então vivemos e vamos dizer: “O carma se esgota.” Como uma vela que, ao terminar o combustível ela se apaga, o carma cessa. Ou seja, aquele impulso, aquela estrutura toda que nós não sabemos de onde veio, ela cessa. Isso é espantoso!

Logo, essa estrutura de gostar ou não gostar não vai servir. Se os pais educam os filhos tomando esse referencial como um referencial sólido, os filhos vão ter problemas! Mesmo que queiramos potencializar, oferecendo tudo o que o outro queira, ele vai se enroscar na vida. Não vai adiantar, pois esse não é um bom referencial. Mas esse é o referencial que nós usamos. Então, é natural que tenhamos muitos problemas.

Na verdade, todos nós tropeçamos nesse ponto. Mesmo os praticantes do dharma tropeçam nesse ponto. Por exemplo, a pessoa vai melhorando, vai ficando mais luminosa. Aí, lá pelas tantas, aquela luminosidade é vista por outros seres. Então, a pessoa resolve manobrar o mundo a partir disso. Ou, eventualmente, só a pessoa vê a sua “luminosidade”. Ou então a pessoa vai fazendo a prática e, ao perceber como funciona a mente, pensa em como usar isso para dominar, manobrar os outros. A pessoa vai descobrindo jeitos de viver Samsara, de voltar para o mundo condicionado com algumas outras habilidades.

No 11º Elo nós estamos lá, andando no mundo, com as habilidades que descobrimos. Mas, quem sabe a meditação não nos ofereça mais algumas? Então, vamos descobrindo outros métodos, outros processos de girar a realidade para o lado que queremos. No entanto, ainda assim estamos lá no 11º Elo.

Vocês vão ver pessoas que fazem prática e que efetivamente melhoram. Aí elas pedem: “Lama, agora o que eu preciso para completar a felicidade é de um namorado.” Então, eu aconselho: “Não é bem por aí. Você precisa ficar melhor para poder enfrentar isso. Porque, ao invés disso lhe ajudar a estabilizar, essa nova relação vai exigir a sua estabilidade. Na verdade, o namorado vai ser um mestre que vai lhe testar quanto à sua lucidez. Você não vai encontrar nesse relacionamento a sua estabilidade.” Mas nós temos esse ideal, que é o ideal do Reino dos Deuses. Nós vamos melhorando e dizemos: “Sim, agora eu vou para o Reino dos Deuses, agora a felicidade do mundo está garantida.”

Nós temos recaídas sempre a partir do 7º Elo. Dizemos: “Eu estou bem agora. Mas o que é que eu quero mesmo? Ah! Quero tal coisa!” Aí retornamos ao 7º Elo, que é quando começamos a ter problemas de novo.

Isso também acontece com os praticantes. Porque melhoram nas suas práticas, se reintroduzem na vida, no seu sentido convencional, e abandonam a própria prática. Mas o Buda é paciente, ele aguarda. As coisas são assim mesmo. De vez em quando vejo os praticantes voltando, com a cara de “faz tanto tempo que não venho, não é mesmo!”. Então penso: “Alguma coisa aconteceu!” Mas nós temos essa possibilidade. Vamos fazendo práticas, ganhando méritos, nos tornando capazes de criar mais felicidade no mundo. Esse é um ponto delicado. Deveríamos persistir no processo e ‘não capitalizar, trocar as ações por dinheiro e gastar tudo’. Vamos precisar de todos os méritos para cruzar em direção à liberdade. Depois de conquistada a liberdade, aí sim, nós podemos entrar no mundo, livres. Mas enquanto estamos sendo geridos pelo 7º Elo, nós voltamos ao processo convencional.

Se tudo continua indo bem, estaremos, no mínimo, perdendo tempo!

Vocês imaginem uma pessoa que nasceu protegida. A mãe, maravilhosa e carinhosa. A pessoa sorria para a mãe e a mãe sorria para ela. O pai não ficou invejoso ou ciumento. Ao contrário, tinha grande amor pelo filho. E os três se davam maravilhosamente, sem tensões. Foi crescendo bem, aprendeu tudo rápido, foi bom profissional, um bom marido, teve filhos e agora está morrendo. Nesse momento a pessoa se deu conta de “o que é que eu vim mesmo fazer aqui?” A pessoa passou a vida inteira como se estivesse no Reino dos Deuses. Fez coisas prazerosas, mas não focou o ponto central. Ela tinha muitos méritos, mas gastou tudo e não fez nada. Outra pessoa pode ter muitas dificuldades, mas olhou a vida o tempo todo com lucidez. Fez uma diferença naquela vida, avançou verdadeiramente.

Às vezes, os períodos bons da vida são períodos em que nós perdemos tempo. Vamos supor que alguém viveu períodos bons da vida até que teve um tropeço (uma doença, uma incapacidade física, morte de filho, perda de emprego, separação). Quando aconteceu o tropeço, ela parou e disse: “Essa minha dor é insuportável. Eu preciso de ajuda.” Ela teve a ajuda que precisava. Quando teve a ajuda, seus olhos se abriram. Ela entendeu a vida que ela tinha vivido até então. Aí a pessoa olha para a vida que viveu até então e diz: “Nossa, vivi essa vida inutilmente. Não entendia nada!” Esse período anterior foi como um sonho. Os bons períodos, às vezes, têm essa armadilha dentro.

Isso que estou dizendo não é um elogio aos períodos ruins, pois também os períodos ruins podem ser um período de sonho. O que estou elogiando é a LUCIDEZ. Ou seja, a lucidez produz essa capacidade de nós vermos a vida de forma útil. Quando nós olhamos os períodos ruins, podemos também constatar isso: “Vivi muitas coisas ruins, mas não me dei conta de nada. Agora eu me dou conta!”

Para nós, é melhor olhar a lucidez. Mas não é pré-requisito que alguém tenha que sofrer uma coisa grave. Então, a melhor forma é aproveitarmos todas as facilidades para avançar. Mas os períodos bons às vezes surgem como forma de perda de tempo. Nós ficamos simplesmente classificando “disso eu gosto, disso eu não gosto”, procurando viver apenas o que gostamos. Se ficarmos reduzidos a isto, perdemos a lucidez.

O Trupa Rimpoché, no livro “Além do Materialismo Espiritual” vai abordar muito esse ponto. O que seria o materialismo espiritual? Seria avançar no caminho espiritual e usar isso sob o ponto de vista convencional do mundo. Surgem muitos enganos sempre que quisermos capitalizar esses avanços para a nossa identidade. Esse é um ponto delicado. A pessoa pode desenvolver orgulho: “Eu sou um erudito”, “eu sou uma pessoa esclarecida”, “eu isso, eu aquilo”. A pessoa vai ter problemas. E os exemplos são múltiplos.

Vamos encontrar pessoas que tem inteligência, brilho, capacidade de levar as coisas adiante, mas, no entanto, permanecem auto-centradas. Apesar das qualidades, pelo auto-centramento, já está passando por carmas. Ela pode não perceber, mas em sua própria linguagem ela começa a se queixar de coisas. Por exemplo, vocês encontrarão eruditos que vão dizer que tem cinco livros prontos, mas não têm editora. Provavelmente, devem ser pessoas orgulhosas, que não estão escrevendo para o benefício dos seres. Estão escrevendo como um ornamento da sua identidade.

A pessoa que desenvolve orgulho porque pensa que avançou, tem dificuldade de sentar e ouvir alguém falando. Portanto, ela tem dificuldade de avançar, pois vai se fechar naquilo que gerou. É muito perigoso. Mesmo que nós avancemos, temos que avançar com muito cuidado para não perder essa capacidade de ouvir ensinamentos, de criticar nossa própria realização, de nos submeter a uma condição onde os outros podem nos ensinar e que possamos receber as bênçãos dos Budas através do universo ao nosso redor. Deveríamos estar abertos a isso.

Mas quando nós geramos um auto-centramento, pode ser um auto-centramento na própria meditação. Sentamos em meditação e podemos transformar essa experiência de equilíbrio em nossa própria vida. Isso é uma forma de auto-centramento, uma forma de nascimento no Reino dos Deuses. A pessoa vai ter dificuldades. Às vezes olho para os indianos e penso que eles tiveram esse pequeno problema. É como se eles tivessem usado a meditação para gerar estados de satisfação e, com isso, eles se desinteressaram um pouco pelo mundo. Eles têm essa coisa maravilhosa de mostrar dignidade em meio à pobreza, à doença, mas, por outro lado, é como se faltasse uma faísca que fizesse eles se moverem com compaixão e fizesse aquilo sacudir.

Por exemplo, quando o equilíbrio interno não se manifesta como compaixão, ele é um equilíbrio auto-centrado. A compaixão é sinônimo de liberdade, liberdade do autocentramento. Se estamos sentados, equilibrados, e vemos pessoas que não estão bem, naturalmente nos levantamos e vamos ajudar os outros. Isso é liberdade. Mas se continuamos sentados, numa experiência particular, fechamos os olhos aos outros.



8º ELO TRISHNA Desejo (decisão de agir/fazer)

TEXTO 1

OITAVO ELO – TRISHNA

Como seguimos adiante? Com base em vedana, o que fazemos? Nós achamos que vedana é ótimo. Seguindo o exemplo de um vedana positivo, se achamos que uma coisa é boa, nós tentamos sustentar e reproduzir aquilo. Quando não gostamos de algo, tentamos também sustentar a nossa proteção frente àquilo. Seja como for, tentamos construir, elaborar. A etapa seguinte, tomando vedana por base, seja agradável ou desagradável ou indiferente, pensamos sobre aquilo, elaboramos, construímos de novo, pomos luminosidade a operar. Descobrimos que *“para isso funcionar, nada melhor do que...”*. Aí, temos um bom propósito, que não sabemos bem qual é, depende das circunstâncias. Vejamos o exemplo de uma pessoa que tem um trailler de cachorro quente. No momento em que ela percebe que tudo vai indo bem, ela planeja ter dez traillers. É o momento em que ela faz a conta no final do mês e percebe que está ganhando dinheiro. Agora, ela quer multiplicar.

Trishna é potencializar. Está representada na roda da vida por uma pessoa tomando chá. Também poderia ser representada por amigos conversando na mesa de bar, planejando, plantando, construindo. Podemos, também, dizer que trishna é a aspiração da expansão daquilo que se provou. Podemos, neste caso, incluir a ação também - a ação de “plantar a árvore”.

.....

TEXTO 2

OITAVO ELO – TRISHNA

Quando chegamos no oitavo elo, podemos, de novo, perceber *“Sim, claro, planejei isso. Da mesma forma, poderia ter planejado outras coisas. Eu construí isso, mas não precisava ter sido assim”*. Outra vez, existem abundantes exemplos de que isso é uma liberdade que exercemos, mas não precisamos ficar presos. Vemos que, enquanto planejamos aquilo, estreitamos a nossa visão, avidia está operando. Avidia produz ocultação que, por sua vez, fica oculta. Nos damos conta de que aquele processo é uma delusão. A delusão é luminosidade, que é a liberdade atuando. Então, reconhecendo todo esse processo, podemos sorrir para ele, vemos que ele está atuando, vemos a beleza disso. Podemos até continuar com aquela árvore, se for o caso. Caso contrário, seguimos.

A própria restrição é uma liberdade. Se a liberdade for uma restrição à restrição ela deixa de ser uma liberdade. A liberação é mais bem aplicada. A liberação permite o efeito pontual. A pessoa está operando com uma restrição de liberdade, mas aquilo é uma liberdade maior do que a própria liberdade, porque aquilo é liberação. Só porque ela tem liberação, ela pode utilizar uma restrição à liberdade. A pessoa percebe, por exemplo, que, se ela opta pela liberdade, aquilo é uma opção, como qualquer outra.

O Buda surge com braços e pernas, ele manifesta o infinito por se fazer finito. Essa é uma dimensão muito importante, devemos nos lembrar sempre disso. Isso é a razão pela qual os bodisatvas retornam. A expressão de Nirmanakaya está ligada a isso - o ilimitado se faz limitado, o infinito se faz finito. Ainda assim, quando o finito se dissolve, ele diz: *“Eu não vim, eu não vou”*, ou seja, “eu nunca fui finito, eu só manifestei o infinito na aparência finita!”

No oitavo item, nós planejamos a árvore. Estamos planejando como vamos fazer para colher todos os frutos que desejamos, um após o outro. Se alguém nos tentar mostrar que tudo isso não é necessário, contestamos dizendo: *“Não, você não entende porque você não provou chocolate. Se tivesse provado, saberia porque eu tenho uma fábrica agora.”* Vamos, então, encontrar pessoas fazendo coisas que um dia gostaram de fazer. Talvez já não gostem mais muito, mas durante um período aquilo as mobilizou. Como justificamos o planejamento, a nossa construção? Pela sensação anterior. Tivemos uma sensação de que aquilo era bom. Essa sensação é o sétimo elo.

.....

TEXTO 3

8º ELO - TRISHNA

Desejo (decisão de agir/fazer)

No 8º Elo surge a nossa decisão de fazer aquilo. Vamos supor alguém que está estudando para ser engenheiro, médico ou dentista. Essa pessoa em algum momento manifestou essa vontade. Ele faz certas coisas e toma uma decisão de fazer aquilo de novo e de novo. Tem um APEGO aqui. E porque ele faz muitas vezes, ele termina gerando a capacidade.

No entanto, vamos encontrar pessoas que entram num curso, mas não vão até o final. Elas não passaram pela prova do 8º Elo, ou seja, não tiveram essa persistência, isso que nós vamos chamar de DESEJO. Então, todos aqueles que surgem como um profissional, em algum momento vão dizer que estudaram de manhã, de tarde e de noite, nos finais de semana, feriados, tendo deixado de fazer isso e aquilo, e tendo pago determinado preço. O que é que mantém a pessoa fazendo isso? É uma DECISÃO. Então, ela paga o preço, se concentra, se limita num certo sentido e faz as coisas acontecerem daquela maneira.

Isso é chamado, no budismo, de DESEJO. Ou seja, o desejo produz isso. Eu me fixo em algo e assim eu termino gerando muitas experiências que conduzem a uma noção de identidade. Essa identidade exerce a sua função, que é o 11º Elo. Mas um dia, ela não consegue mais equilibrar. Aí ela se dissolve, é a morte, o 12º Elo.



9º ELO UPADANA Apego (fixação)

TEXTO 1

NONO ELO - UPADANA

Porque planejamos, plantamos, vamos com certeza colher. Neste elo, estamos diante de uma árvore colhendo os frutos, ou seja, deu certo! O planejamento deu certo. É como se tivéssemos plantado uma árvore e, agora, estamos colhendo os frutos. Por que plantamos a árvore? Porque um dia provamos do fruto e gostamos, agora queremos mais, então, planejamos um pomar. Aquilo está produzindo e nós, muito felizes, estamos colhendo o resultado.

.....

TEXTO 2

NONO ELO – UPADANA

Porque colhemos com sucesso os frutos de uma árvore, a árvore é o mundo. Dizemos: *“Eu sei me relacionar com o mundo! É dele que eu obtenho o que preciso. O mundo é assim, e eu sou assim”* Nós sabemos o que o mundo é. Logo, a nossa experiência de mundo tem por base a experiência de Upadana.

Existem vários exemplos que podem caracterizar esses universos operando. Um deles é a soberba da cavalaria polonesa na segunda guerra mundial. Todos os cavalos gordinhos, tudo funcionando muito bem. Toda aquela hierarquia operando bem, e aí vem os tanques. Foi uma guerra rápida, os poloneses não tiveram a menor chance. O mesmo aconteceu com os tibetanos, eles não tiveram nenhuma chance. Os chineses construíram primeiro as estradas, depois entraram com as divisões blindadas.

No entanto, quando estamos montados em um cavalo com uma lança na mão sabemos o que podemos fazer. Temos sucesso naquilo, fazemos demonstrações, participamos de competições, tudo está legitimado. Estamos colhendo os frutos de uma árvore, mas essa árvore já está morta. Aquele universo inteiro já não existe mais. No entanto, continua produzindo frutos. Tudo aquilo é um universo, nós podemos criar um ranking: *“eu tenho sucesso, eu sei fazer isso, eu sei fazer mais rápido do que todos.”* No entanto, aquele universo inteiro que está produzindo frutos não alcança mais do que um certo limite. No entanto, quando estamos presos àqueles frutos que estamos colhendo, nem nos damos conta disso, tudo parece perfeito. Então surge o décimo elo, que é um universo inteiro limitado. Mas esses universos existem paralelamente, eles se chocam como continentes que se chocam. Tudo voa em pedaços. Quando estamos colhendo frutos, é bom que olhemos de que tipo de árvore estamos colhendo, é bom que nos demos conta de que aquilo é uma opção.

Outra vez, podemos olhar aquela experiência de sucesso como liberdade, ou seja, uma ação sob um universo de avidia, que está oculto. Quando nós olhamos e reconhecemos as liberdades, constatamos que podemos escolher a árvore que estamos vinculados ou não. Se não tivermos a experiência de escolher a árvore, seguimos colhendo os frutos e tudo parece perfeito. A nossa vida fica presa àquele tipo de árvore que estamos focando. Isto não quer dizer que não funcione. Funciona! Nós estamos fixados naquela árvore, produzindo aquele movimento e os frutos vão surgindo e nós temos a satisfação correspondente. Tudo está perfeito até Maharaja aparecer...

Se percebermos a liberdade, tudo está resolvido. Caso contrário, vamos justificar: *“Me custou muito para montar tudo isso. Eu planejei tudo com muito cuidado, isso não caiu do céu, eu pensei, estudei, organizei. Nunca vou abrir mão disso...”* Assim está a cavalaria funcionando. Ela funciona e está perfeita. As locomotivas a vapor, também, funcionam. Os computadores de dez anos atrás continuam funcionando. Só que ninguém precisa mais deles, aquilo passou. Mas nós não percebemos isso porque estamos fixados. Assim, justificamos a montagem de tudo aquilo como a razão pela qual nós não vamos abrir mão da árvore que está produzindo frutos.

Se, no nono elo, reconhecemos a luminosidade, a liberdade e avidia, nós voltamos diretamente do nono para o primeiro elo, por onde, então, saímos. Caso contrário, significa que estamos fixados e descemos para o oitavo.

.....

TEXTO 3

9º ELO – UPADANA **Apego (fixação)**

Nesse momento, a pessoa está se referindo ao 9º Elo. A pessoa é produto, ela surgiu, mas, antes disso, ela construiu muitas diferentes experiências onde ela treinou aquilo que vai eclodir no 10º Elo.

O 9º Elo é simbolizado por uma pessoa colhendo frutos numa árvore. Ou seja, a pessoa colheu muitas vezes aquele fruto. Ela se tornou capaz de fazer alguma coisa, como um médico que, aos poucos foi treinado, primeiro dissecando cadáveres, até aprender a lidar com o ser vivo. Através de um processo lento, gradual e sistemático, ele vai gerando aptidão que permite que um dia ele possa dizer “eu sou médico, eu tenho um diploma”. Então, esse conjunto de experiências anteriores ao surgimento, corresponde ao 9º Elo. Ele é simbolizado para alguém colhendo frutos.

Esse 9º Elo também representa a origem do nosso surgimento. Fizemos muitas vezes alguma coisa, portanto, nós dizemos: “Eu sou alguém que sabe fazer isso.”

**10º ELO****BHAVA - Existência**

Preparação para o surgimento da identidade

TEXTO 1**DÉCIMO ELO - BHAVA**

Bhava é representado por um casal fazendo amor. Poderia também ser perfeitamente representado por uma pessoa contemplando um cosmo inteiro. Nesta etapa, surgimos dentro de um universo. Solidificamos nosso universo. Em um sentido, se trata de um nascimento. Entretanto, o sentido de nascimento não precisa necessariamente ser representado por um casal que vai tornar isso realidade. O melhor sentido de renascimento é quando uma pessoa se descobre dentro de um universo. É alguém fitando o céu, sem perceber que ela e o universo são inseparáveis. Surgimos pela experiência de upadana.

Também surge uma soberba. Dizemos: *“O mundo eu conheço, eu sei como as coisas funcionam, eu tenho experiência. Eu vou lhe explicar, o mundo é assim. Se você quiser ter sucesso, faça como eu.”*. Temos uma soberba. Quando descrevemos o mundo, descrevemos a nós mesmos. Vamos encontrar muitas pessoas com sucesso na vida e todas elas descreverão o mundo, mas os mundos não coincidem, porque são mundos particulares. Todos esses mundos são perecíveis. Na verdade, nos vemos como uma identidade, dizemos: *“Eu....”* e aí nos descrevemos bem. Nós descrevemos o mundo como nós somos e explicamos porque somos assim. Explicamos porque aquilo é esperto, porque aquilo é inteligente. Temos a emoção daquilo também. Nos sentimos integrados, estamos realizados na vida.

A experiência que temos é perecível. Como sabemos que essa experiência é perecível? Vejamos o passado. Nós podemos ver que as nações eram cosmos e elas desapareceram. Os deuses desapareceram, a teoria clássica da física desapareceu. As visões cosmológicas desapareceram, tudo desapareceu, uma coisa após a outra. Tínhamos a cosmologia grega e desapareceu, a cosmologia geocêntrica desapareceu, a cosmologia de Descartes desapareceu. Uma por uma dessas cosmologias foram desaparecendo.

A visão bíblica de mundo também não é mais levada ao ponto de concretidade material. Vocês vejam que um dos argumentos contra o Copérnico, quanto à teoria heliocêntrica, foi que Josué tinha feito o sol parar com suas trombetas. Se na bíblia diz que o sol parou, então, era o sol que se movimentava em torno da terra. Assim sendo, é uma heresia, uma afronta à bíblia, um livro completamente sagrado, imaginar que a terra se movimenta em torno do sol. Como pode uma mente humana diminuta ter a pretensão de se posicionar de forma diferente! Esse tipo de visão também sucumbiu. Imaginem como essa visão era forte. Essa visão é forte hoje. Vocês vejam que também isso vem e vai.

Isso diz respeito à bava. Quando, por exemplo, um ex-oficial nazista está sendo julgado, ele está sendo julgado fora do contexto dele. Quando ele matou, seu universo era completamente diferente, ele estava dentro de uma construção totalmente diferente da construção na qual ele está sendo julgado. Isto diz respeito à bava, aquele mundo desabou, morreu.

Em Bhava, a pessoa está suscetível à tragédia. Dentro de Bhava nós cometemos ações. Quando nós olhamos as nossas ações de um outro Bhava, aquilo parece trágico. Se olhamos a nossa infância à luz dos dias de hoje, nós também temos visões completamente diferentes. Essa é a razão pela qual o passado muda. Os bavas mudam!

Bhava é um conceito muito importante. Ele é, ao mesmo tempo, identidade e mundo. Os dois são inseparáveis. É um processo de delusão, mas uma delusão já cósmica. A delusão se oferece em vários níveis, desde avidia nós estamos com delusão. Ela vai se oferecendo em camadas e vai selando os níveis inferiores que, então, têm uma conexão por um aspecto muito simples. Agora, neste momento, nós selamos novamente. Nós selamos todas as nossas experiências anteriores, o “gosto e não-gosto”, está tudo selado. Agora, tudo brotou na forma de visão de mundo, visão de identidade. Surgimos com uma identidade em um mundo. O “gosto, não-gosto” já quase que desaparece porque nós, simplesmente, automatizamos o processo, nós “sabemos como as coisas são, como elas funcionam.

“Eu, sentado aqui no jardim Jatawana,
percebo os mundos ilimitados em todas as direções.
Em cada um desses mundos existe uma Roda da Vida específica,
existem seres específicos, existem Budas específicos,
existe uma lucidez que dissolve a Avidia específica.

Da coroa da cabeça de cada um desses Budas
brotam luzes que me conectam a eles e a todos nós.
Essas luzes se espalham e se reconvergem no topo da cabeça
e atingem todas as manifestações incessantemente.

Quando essas luzes atingem todas as manifestações,
todas as manifestações dançam a música do Dharma.
Todas as ondas do mar oscilam com o som do Dharma,
todas as plantas, todas as cores,
tudo oscila com a música do Dharma.
Todos os cantos dos pássaros, todas as manifestações
oscilam revelando o som intrínseco de Avalokteshvara.

O som que cura todo o sofrimento,
o som que pacifica toda a ansiedade, toda a dualidade.
Toda a realidade aparece cosmicamente bela
e toda ela se revela completamente perfeita
e completamente emancipadora.

Quando o Buda está sentado em um lugar espaço-temporal
ele olha e seus olhos abarcam tudo,
porque o universo inteiro, ou a soma dos universos, são um diamante.
Os olhos não param nas paredes.

Esse olho que nós estamos desenvolvendo,
compreendendo, ele ultrapassa as paredes.”

Buda Sakyamuni

.....

TEXTO 2

DÉCIMO ELO - BHAVA

N o décimo primeiro, estamos examinando a prisão, os propósitos da vida, avidia atuando como o nosso horizonte de urgências. Se não conseguimos liberar isso através desse processo de reconhecimento, se não conseguimos reconhecer a nossa liberdade natural, nem a liberdade de seguir fazendo o que estamos fazendo como expressão da própria liberdade, começaremos a justificar as nossas urgências: *“Faço isso porque o universo é assim.”* Neste ponto, descrevemos a nós mesmos e o nosso universo. Não nos damos conta da inseparatividade, de que o universo é inseparável de nós, que o universo é a experiência de universo.

Estamos dominados por avidia. Se alguém tentar nos convencer de que aquela visão não está correta, o que vamos usar como elemento de solidez? O nono elo, upadana. O décimo é a descrição da nossa identidade e do mundo. O nono é simbolizado por uma pessoa colhendo com sucesso os frutos de uma árvore. Dizemos: *“O décimo elo é completamente natural. São as evidências da vida”*. Neste caso, estamos usando a causalidade, “eu tenho a experiência, portanto o mundo é assim”. Não percebemos que não precisamos fazer esse raciocínio. Se nós percebermos o décimo elo em si mesmo como liberdade, vemos a limitação de nossa visão como avidia, a ocultação que isso proporciona e a ocultação da ocultação. Se tivermos instruções sobre isso, podemos bater na testa e dizer: *“Realmente!!!”*. Assim, temos liberdades e podemos simplesmente transitar. Se transitarmos para uma outra paisagem, o sofrimento correspondente do décimo elo é uma opção. Podemos seguir com o sofrimento ou não, porque temos a liberdade das paisagens. Quando temos a liberdade, extinguimos o décimo elo pelo reconhecimento de avidia atuando. Assim, saltamos do décimo para o primeiro elo.

Se não percebemos isso, se não temos a liberdade das paisagens e das identidades, esse processo de prisão precisa ser tratado de uma forma causal, porque nós estamos rígidos. Dizemos: *“Não, eu sei como é que é...”* Neste caso, vamos analisar o nono elo.

.....

TEXTO 3

10º ELO – BHAVA - EXISTÊNCIA

Q uando estamos no 11º Elo e alguém nos diz: “Mas você não é isso!” Nós dizemos: “Mas como não sou?” Aí nos dizem: “Você não precisa fazer isso o tempo todo!” Então retrucamos: “Sim, eu preciso. Porque eu sou `tal coisa´. Quando dizemos “eu sou tal coisa” isso é o 10º Elo, onde nós pensamos que somos aquilo. Nós justificamos “eu sou médico”, “eu sou dentista”, “eu sou psicólogo”, etc. O 10º Elo é simbolizado por uma mulher grávida, ou seja, tem um embrião. Esse embrião virá à luz no 11º Elo, começará a agir no 11º Elo. No 12º Elo é a morte. Esse ser atinge a maturidade e morre. No 10º Elo ele tem nascimento que significa EXISTÊNCIA.

Vocês observem os nossos nascimentos. Nós tivemos vários nascimentos nesta vida. Hoje, na verdade, nós somos vários seres. Por exemplo, se estamos casados, somos o marido ou a esposa; se somos estudantes de pós-graduação, somos aqueles que tem certas obrigações e que nasceram em um dado momento; se somos profissionais, se trabalhamos em algum lugar, isso também teve um nascimento. Somos múltiplos, temos vários nascimentos. Mas, em todos esses processos, teve um momento em a gente nasceu, surgiu. Porque surgimos daquele jeito, aí vem o 11º Elo, pois temos que trabalhar, sustentar a identidade que surgiu. E, infelizmente, vem o 12º Elo, quando tudo termina.

Nós podemos observar em nós mesmos esses nascimentos. Nós surgimos dessa maneira. Deveríamos olhar com cuidado os nossos nascimentos e ver se são sólidos ou não. Vamos descobrir que esses nascimentos são convencionais. Poderia haver outras formas de nascimento. Mas, essencialmente, se esses nascimentos foram produzidos é porque a central de produção se manifesta neste processo. Nós contemplamos no 10º Elo esse processo luminoso que produz. Se a pessoa observar com cuidado, descobrirá que esse processo não foi gratuito. Ela descobrirá que se preparou, que estudou, que fez muitas ações, que foram sendo aperfeiçoadas, até se transformar no profissional que é hoje.



11º ELO JETI - NASCIMENTO

A atividade incessante de nossa vida

TEXTO 1

DÉCIMO PRIMEIRO ELO - JETI

Jeti significa “circunstâncias da vida”. Ele é simbolizado por uma criança nascendo, ou seja, ela vai passar por nascimento, crescimento, envelhecimento, decrepitude e morte. Mas o ponto importante das circunstâncias da vida é o fato de que estamos sempre ocupados, tentando equilibrar alguma coisa. É esse elo que vai nos provocar a sensação do décimo segundo elo. Enquanto nós crescemos, estamos buscando estabilizar alguma coisa. O mesmo acontece quando amadurecemos e envelhecemos. Tudo isso faz parte desse processo. Os aspectos de crescimento, envelhecimento e decrepitude são o aspecto externo somente. O que movimenta tudo isso? É o nosso esforço de nos manter equilibrando aquele universo.

Esse elo poderia ser perfeitamente simbolizado por um equilibrista girando pratos. Ao longo da vida, ele tenta aumentar o número de pratos até que ele atinge um ponto. Depois, no envelhecimento e na decrepitude, o número de pratos que ele consegue cuidar começa a diminuir. Então, chega um ponto em que ele está girando um só prato, seu corpo, ele come e dorme, é tudo. Mais tarde, eventualmente, ele ainda vai precisar de um apoio mecânico para ajudar o prato a girar. Mais adiante, nem assim dá. Então ele morre. O envelhecimento é caracterizado pela perda de habilidade, pela redução das facilidades de mover em meio ao Bava e a sua identidade. Tudo aquilo começa a não mais funcionar direito.

.....

TEXTO 2

DÉCIMO PRIMEIRO ELO – JETI

No décimo primeiro elo, se nós vamos operar dentro da perspectiva da luminosidade, veremos a situação da seguinte maneira: *“Estou em uma paisagem mental, na qual eu tenho urgências, ou seja, tenho que levar as crianças para o colégio, tenho de trabalhar, preciso fazer tudo girar, preciso pagar as contas...”* Todas essas exigências são sólidas, isso é a nossa vida, não pensamos como poderia ser de outra forma. Nem temos nem mesmo tempo para avaliar, seja lá o que for.

Sentimos claramente que temos mais exigências práticas do que somos capazes de atender. Temos exigências que adiamos para quando nos aposentarmos, aspirações para um fim de semana ou férias que nunca surgirão. Nós ficamos com aquilo guardado. Nós temos as urgências, temos as coisas médias que tocamos para a frente de uma forma incompleta, insuficiente, e temos coisas que deixamos para um futuro que talvez não surja. Consideramos todas essas exigências naturais, normais, corretas, legítimas. Esta é a situação da prisão no décimo primeiro elo.

Quando analisamos isto de forma causal, alguém vem e nos diz que isso não precisa ser assim, alegamos: *“Não, você não está entendendo.”* Neste momento, começamos a descrever o décimo elo. Nós nos justificamos com o elo anterior. Dizemos, neste caso: *“Eu sei como a vida é, eu sou um professor, portando, tenho minhas tarefas, tenho minhas responsabilidades, que não são poucas. Eu não posso fugir das minhas responsabilidades”*.

Quando descrevemos porque estamos fazendo as coisas no décimo primeiro, descrevemos o décimo elo. Descrevemos o universo e a nossa identidade dentro daquele universo. Dizemos: *“Por que sou assim e o universo é assim, eu preciso fazer tais coisas”*. A nossa ação prática e o nosso impulso de movimento estão totalmente justificados por uma visão de mundo e pela nossa identidade. Se a nossa visão de mundo for, por exemplo, preguiça, também está justificada. Dizemos: *“Olha, eu não vou nem me mexer, não vale mesmo à pena, com licença que já vou indo”*.

É muito incrível o fato de que, quando explicamos a nossa situação em um elo, sempre começamos a descrever o elo anterior. Nós vamos descendo os elos um por um. Isso acontece naturalmente, sem nenhum esforço. Estamos estruturados dessa forma. O Buda olhou isso e viu. Não foi ele quem criou a roda da vida, ele só percebeu que a sua estrutura se dá dessa forma. Para nós é necessário furar isso. O Buda fura de duas formas que, enfim, são a mesma. Nós podemos entender do seguinte modo: Estamos no lufa-lufa da vida, nas atividades, sejam elas de indolência ou de movimento. No décimo primeiro elo surge a atividade que consideramos incessante. Nós dizemos: *“Eu preciso fazer isso!”*. No entanto, nunca surge aquela pergunta *“Ou não!”* Se colocarmos o *“ou não”* surge uma dimensão de liberdade que, quem sabe, vamos ousar.

Muitas vezes, não nos damos conta de que ninguém é insubstituível. Pensamos que se nós faltarmos o universo desaba. No entanto, quando estamos ocupando uma posição, estamos impedindo que outra pessoa a ocupe. É necessário percebermos o outro lado da moeda também. Pode ser que não sejamos a melhor pessoa naquela posição. Quem sabe uma outra pessoa vai desempenhar aquela função melhor do que nós. Estamos ocupando aquele espaço até por uma necessidade de uma identidade, de uma indexação. Precisamos de uma face.

Olhando com cuidado esse aspecto, dizemos: *“Eu tenho tais urgências.”* No entanto, podemos melhor - ou mais corretamente - dizer: *“Eu tenho a experiência de ter tais urgências.”* Olhamos, então, o décimo primeiro elo, como aquilo tudo sendo uma experiência de urgência, experiência de um propósito completamente definido e rígido. Depois olhamos para aquilo e dizemos: *“Essa experiência é uma delusão, é um processo inseparável da minha própria estrutura, de uma paisagem mental, na qual eu estou operando”*.

Isso surge não como uma conclusão mental, mas de uma forma visível. Neste caso, estamos vendo com a mente. É um objeto da nossa mente - estamos vendo, estamos constatando aquilo. Não parece que haja qualquer raciocínio, aquilo é auto-evidente. Tudo o que é auto-evidente está manifestando avydia. Quando vemos uma coisa, não vemos outra e provoca a responsividade. Avidia tem, inevitavelmente, a dupla ocultação. Tem a ocultação e mais a ocultação de que uma ocultação está ocorrendo. Assim, ficamos realmente presos naquilo, pois não vemos qualquer outra alternativa. O não ver qualquer outra alternativa é a própria manifestação de avidia - isto é a avidia! O “não ver” não é a ausência de ver, mas um fenômeno construído, é a cegueira do primeiro elo. O “não ver” é uma ação e não uma ausência de ação.

Então, nós percebemos que tudo isso é a luminosidade e que a luminosidade é a ação correspondente da mente. Nesse momento, vemos que isso também é uma liberdade. Podemos escolher manifestar-nos assim, fazer surgir essa paisagem mental, operar aí dentro, fechar a sensibilidade para certas coisas, ocultar a não sensibilidade, operar focados em um certo aspecto. Então, todos os significados brotam, e a nossa ação segue. Podemos escolher fazer isso.

Quando dirigimos, por exemplo, é melhor que não olhemos a paisagem. Deixamos a paisagem na ocultação, pois nós temos de nos concentrar na estrada. Nos restringimos para termos sucesso em diversas ações. Enquanto nos restringimos, isto é a ação de avydia. Nos descobrimos passando pela infância dos filhos e não olhando para eles. De repente, eles já cresceram. Às vezes, temos a noção de que estivemos cegos por anos, e isso é realmente uma cegueira, é a cegueira legítima, é avidia – a cegueira com os olhos abertos, com tudo funcionando.

A loucura é uma espécie de cegueira desse tipo. A pessoa afunda para dentro de um mundo de ações e perturbações e cada placa que ela encontra manda ela urgentemente em uma certa direção. Assim, a pessoa fica fazendo círculos dentro de um mesmo universo. Ela não está louca, só está presa.

Como romper isso? Às vezes, o processo causal não oferece saída, porque a pessoa está especializada nesse processo, ela está presa em uma armadilha que ela não consegue sair pelo processo causal. Então, precisa usar um outro processo. É necessário descobrir se ela tem receptores para escapar, se tem receptores para qualquer coisa fora daquele circuito. Os receptores, neste caso, são chamados de méritos. Quem for ajudar precisa observar a situação. O mérito que eventualmente exista em uma pessoa é o receptor que poderá retirá-la daquela situação. Até então, ela está com toda a sua sensibilidade presa no circuito.

O mesmo também acontece conosco, a nossa sensibilidade está igualmente presa em circuitos. Como saímos disso? É necessário que alguém venha e nos fale. Os quatro pensamentos que transformam a mente estão voltados a ativar os receptores para nos retirar desse processo. Todo esse exame dos doze elos também. É o que estamos fazendo, ativando os eventuais receptores que estejam ali para nos retirar.

O Dalai Lama usa em seus discursos uma extraordinária habilidade, que é a de utilizar os dois maiores receptores que temos para a desgraça – o nosso desejo de obter felicidade e o desejo de afastar-nos do sofrimento, o processo dual de reconhecer isso – e transforma no caminho da transcendência. Ele transforma a porta da prisão da roda da vida na porta da liberação. Para isso, ele utiliza uma série de argumentos e raciocínios. As pessoas vão contemplando isso de uma forma cada vez mais profunda e desenvolvendo seu caminho espiritual.

A ação do Dalai Lama já é um bom exemplo de como atuar no décimo primeiro elo de forma livre. Ele está manifestando uma forma, ou seja, o décimo elo, onde afirmamos: “Eu sou isso e estou no mundo como eu vejo”. Ao mesmo tempo, ele está manifestando uma liberdade. Ele não está fixado nas urgências, no processo do elo, mas livremente manifestando a liberdade de agir, de se movimentar, de trazer benefício aos seres. Ele também manifesta isso quando menciona: “Eu talvez seja o último”. Ele diz isso sem dor.

Na medida em que nos engajamos nas diversas atividades, ficamos dominados por avidia, ou seja, nossa atividade é o aspecto aparente, o aspecto de ocultação. Porque focamos aquilo, usufruímos a experiência do cego, que é o símbolo de avidia. Porque focamos alguma coisa, perdemos a amplidão da visão. Como focamos algo, do objeto focado surge um impulso de movimento. Quando este se oferece, nós esquecemos, perdemos a percepção de que a nossa visão já se limitou. Isto é a ocultação do que estava escondido. Ocultamos o fato de que estamos ocultando alguma coisa. Assim a visão é selada, desta forma surge a visão completa de um mundo onde nada falta, onde tudo parece suficiente, onde não há dúvidas. Aquilo responde tudo, o nosso coração está preenchido, nos sentimos com todos os propósitos.

Nós vamos ver uma pessoa de manhã no mercado financeiro chegando alegremente com uma pasta preta e dizendo: “Bom dia, gostariam comprar as ações...”. Ela está presa em um tipo de mundo. Não tem nada ali dentro. Não há alguma realidade naquilo, mas a pessoa está inteira ali dentro. Podemos observar infinitos outros exemplos desse tipo. Às 8 da manhã, diferentes pessoas atuando em diferentes funções e todas inteiras ali dentro, com sua respectiva visão de mundo. As que ainda dormem, também estão inteiras, dormindo. As urgências todas fazem sentido e as pessoas estão presas, cada uma em seu mundo específico.

Quando elas se encontram, elas se olham, talvez até conversem, mas os mundos não se misturam. Um trazendo cafezinho para os outros, mas, nem mesmo aquele café é visto da mesma forma. São mundos, universos diferentes. Observem que também a linguagem não funciona muito bem quando os universos são diferentes. A linguagem não é o som, mas a delusão associada ao som. Essa delusão está na dependência dos universos, que dotam o som do significado. Nós temos receptores para som. Assim, podemos seguir contemplando tudo isso. Quanto mais contemplarmos, mais entenderemos. Nós vamos contemplando e escrevendo livros. Quanto mais claro isso fica para nós, melhor.

Estamos limitados em um processo deste tipo. Qual é a origem dessa limitação? Como podem duas pessoas caminharem lado a lado, viverem na mesma casa ou dormirem na mesma cama em universos diferentes? Mas isso acontece muito frequentemente, é incrível! Como é possível esse fechamento? A outra pessoa nos sacode e pergunta: *“Em que mundo você está?”* E nós respondemos, surpresos: *“Como? Eu sou eu mesmo... Não estou em mundo nenhum.”* Mas ela diz: *“Você não reage, você não me vê, olhe para mim!”* A outra pessoa não entende mais nada, ela está em um outro universo e não se dá conta disso.

Come surge o fechamento? Temos que contemplar muito avidia - ela é mágica, atua de forma mágica. Precisamos dar-nos conta disso, perceber isso! Quando uma coisa aparece, produz uma ocultação, e essa ocultação fica oculta, selada. A ocultação da ocultação se produz pela responsividade. Quando um objeto surge, surge a delusão e o impulso da ação correspondente. Dentro disso tem tanta, que é a qualidade de hábito, de teimosia. Como podemos ver tanta agindo? Precisamos de exemplos para isso.

Avidia é a estreiteza da visão - uma estreiteza tão interessante, que parece amplidão. Tem todo um panorama que se descortina. É o paradoxo da educação, *“quando eu entendo, nesse momento, estou aprisionado; posso não estar, mas estou”*. Então, esse “posso não estar” é a nossa porta de saída, *prajna*. Podemos operar daquela forma, mas com a lucidez correspondente.

Quando entendemos isso, então, avidia fica perfeita. Podemos fazer prostrações para ela, dizemos: *“Que espantoso, que maravilhoso! Se Avidia não existisse, tinha de ser inventada!”* Aquilo que nos permite focar a mente, operar no mundo, operar ali dentro é avidia. Imaginem um cinema sem avidia! Como poderíamos entrar no filme? Avidia é um milagre, é espantoso, é a liberdade da nossa mente se manifestando. Nós treinamos as crianças a focarem uma coisa e não olharem para a outra, sempre. *“Não faça isso, não vá a festa, não saia com os amigos, estude!”*

O cinema é um bom método de meditar. Parece uma brincadeira, mas percebemos exatamente quando nós entramos naquilo e a responsividade começa a atuar. Nós podemos testar isso para os seis reinos. Toda sala de Dharma deveria ter uma locadora, já classificada nos seis reinos...

Nós estamos no cinema e começamos a sofrer. Mesmo que tenhamos um pacote de pipoca em uma mão, uma coca-cola na outra, estamos sofrendo. Como isso é possível? Isso é avidia operando, está ali! Não estamos mais vendo pipoca ou coca-cola. Estamos presos no filme, e tudo aquilo está operando, nós choramos, rimos, nos assustamos, temos temores. Se a televisão existisse na época do Buda, ele certamente iria apontá-la como um bom método de prática. Ele usou as coisas semelhantes da época, como a pintura e o teatro.

Outro exemplo maravilhoso é, quando vemos um filme de guerra, com bombardeios, tiros, após o término do filme, podemos examinar a tela e veremos que ela não tem um furo. Como pode ser? Da mesma forma, a nossa natureza também não leva tiros. Apesar de todas as peripécias que passamos, a nossa natureza que faz surgir as coisas, essa natureza não nasce e não morre.

A percepção da atribuição do poder sobre os objetos é uma meditação muito importante. Começamos a ver um filme, temos vontade de chorar e pensamos: *“Essa minha vontade de chorar é completamente tola.”* No entanto, se desviarmos o choro, isso é uma construção, se chorarmos é uma construção da mesma forma.

Às vezes, quando vemos em um filme uma circunstância que parece a circunstância de nossa vida, choramos e paramos, achando-nos ridículos. Depois, voltamos a chorar. Mais uma vez, nos sentimos ridículos, achamos que não precisamos daquilo e paramos novamente. Assim, vagueamos por várias paisagens.

No entanto, se tivermos lucidez nesse processo todo, poderemos optar por chorar ou não, tanto faz. O importante é estarmos lúcidos. Tendo lucidez podemos pensar: “O choro é perfeito, também... Dentro desse conjunto de situações, eu estou dentro dessa paisagem; dentro dessa paisagem o choro é completamente natural.” Para elucidar o processo, podemos avançar por dentro daquela paisagem. Podemos também chorar para perceber toda a experiência de sofrimento que os seres estão imersos. Neste caso, não estamos com a ocultação da ocultação, não estamos presos, propriamente. Nós andamos por dentro daquilo, temos aquelas experiências, aquilo produz o efeito todo, mas temos uma liberdade no meio disso.

O espantoso nisso é que é nesse processo de prisão, avidia, que a solidez das paredes da prisão é oferecida. Como avidia tem a ocultação e a ocultação da ocultação, aquilo que nós vemos parece que é a única realidade. Como aquilo parece que é a única realidade, a nossa ação parece plenamente justificada, a responsividade parece plenamente justificada, e nós reagimos. No meio dessa reação, nós nos comportamos dentro de cada um dos reinos. Nesse momento, cada um dos seis reinos nos parece completamente sólido, nós não vemos outra coisa, tudo está nítido. Todos nós justificamos: “*Isso é assim!*” Descrevemos, desta forma, a nossa realidade de forma completa. Se alguém vier e disser que não precisamos passar por isso, dizemos que a pessoa está delirando, “*Isso é assim!*”. Nós não vemos saída, nós estamos presos no processo.

Quando olhamos esse processo da prisão, ele não parece tão complexo. No entanto, ele se completa em corpo, fala e mente. Quando choramos, as lágrimas descem, não é verdade? O corpo está ali atuando, a fala, ou seja, a emoção está atuando e a mente está presa naquele processo - tudo está completo! O processo pode ser completamente abstrato. A prisão é irreal, mas nós temos os inimigos. Os inimigos podem não ser verdadeiros, a outra pessoa pode até mesmo não considerar-se inimiga nossa, por exemplo. Ela não deseja causar mal, mas nós estamos com essa sensibilidade. Nós dizemos que o outro está buscando nos causar mal. Assim podemos até adoecer! A sensação, a constatação de que existe alguém nos desejando mal já nos provoca uma forte reação dentro do corpo. Se isso se torna repetitivo, vamos certamente adoecer. Quando a pessoa vem e diz: “*Mas eu tenho o maior carinho, o maior respeito por você...*”, sentimos um grande alívio. Vemos o peso que tínhamos em cima de nós cair, dissolver. Mas esse peso era um peso que vinha da delusão, de avidia.

Todos nós temos liberdades. Se há realmente alguém com um olho ‘pesado’ em cima de nós, não precisamos nem reagir! Aí vem a liberdade da ação, a liberdade da prece. Nós temos liberdades nesse processo. Essa liberdade vai até o ponto da morte. Nós temos liberdade frente à morte também. O processo, a experiência de viver vem a partir da experiência que nos brota dos sentidos físicos, ou seja, nós estamos presos a um corpo. Essa é uma prisão que tem o conteúdo de avidia. Por esse motivo, o Buda, no final de sua vida disse: “*Eu não vim e eu não vou...*” - ele nunca esteve preso. Ele dizia: “*Eu ensinei o Dharma de sonho, para seres de sonho, imersos em sofrimento de sonho...*” Enquanto não percebermos que o sofrimento tem esse conteúdo, nunca teremos como ajudar.

A emancipação de avidia é o reconhecimento da liberdade. Nesse ponto, vamos olhar avidia como uma maravilha, como uma experiência realmente extraordinária. Tanto avidia, como ocultação, como a própria ocultação da ocultação, quando se revelam, olhamos aquilo e achamos aquilo espantoso, tudo maravilhoso. Podemos seguir contemplando, e veremos que se trata de uma contemplação infinita, pois existem exemplos em todos os lugares.

Acredito que nos tempos em que estamos vivendo, veremos isso incorporado na cultura. Acredito realmente que isso vai acontecer. Isso vai se tornar domínio público. Não tem razão para não ser, não existe nenhuma razão para isso estar oculto. Acredito que ainda vamos viver esses tempos. Isso aflorou de uma certa medida dentro da física quântica, e na arte. É um processo lento que vem vindo.

Quem se conecta com isso ganha uma *chave*, os olhos brilham. Vejo que novas identidades humanas surgem a partir disso, é um processo. Em uma linguagem do terceiro milênio, vamos dizer que isso é *um portal* que a humanidade cruza, e esse portal já está aberto. Não tem mais obstáculos para cruzar isso. Quem cruza é uma outra pessoa, ela se torna um outro ser. Ela vai olhar a realidade de uma forma muito mais profunda, muito mais hábil, e a compaixão natural surge. Sem haver o “cruzar por isso”, a compaixão natural não tem como se exercer. Para que isso aconteça, temos de entender qual é a dor dos seres, pois essa dor é a prisão, a origem de todas as dores.

Se o processo de lucidez exigisse esforço, talvez não tivéssemos chance. Mas ele é prazeroso, é alegre, ele ofusca o processo de obtusidade mental. Quando o processo de lucidez surge, não queremos mais a obtusidade. Isso significa que, na luta do bem com o mal, o bem ganha. Por outro lado, na luta do bem com o mal, o mal não tem raiz. Onde é que está a raiz do mal? Só existe a lucidez, e ela é a base de tudo, ela é quem constrói a prisão. Não tem como dissolvê-la ou como destruí-la. Mesmo que os universos sucumbam, a natureza última está sempre livre.

No décimo primeiro elo, estamos examinando a prisão aos propósitos da vida, avidia atuando como o nosso horizonte de urgências. Se não conseguimos liberar isso através desse processo de reconhecimento, se não conseguimos reconhecer a nossa liberdade natural, nem tão pouco a liberdade de seguir fazendo o que estamos fazendo como expressão da própria liberdade, vamos justificar as nossas urgências, dizendo: “*Faço isso porque o universo é de um certo jeito.*” Neste ponto, descrevemos a nós mesmos e o nosso universo. Não nos damos conta de que eles são inseparáveis, que o universo é inseparável de nós, que o universo é a experiência de universo.

Estamos dominados por avidia. Se alguém tentar nos convencer de que aquela visão não é a visão correta, o que vamos usar como elemento de solidez? O nono elo, Upadana. O décimo é a descrição da nossa identidade e do mundo. O nono, Upadana, é simbolizado por uma pessoa colhendo com sucesso os frutos de uma árvore.

.....

TEXTO 3

DÉCIMO PRIMEIRO ELO – JETI

A experiência da vida se traduz como a experiência de um equilibrista. Pensamos que a vida é simplesmente a ação do equilibrista. Mas a vida está ligada à motivação do equilibrista em equilibrar.

Por exemplo, no cotidiano, nós nos vemos trabalhando. Temos que fazer muitas e muitas coisas. Viver é fazer muitas e muitas coisas. Nós não temos sequer tempo de perguntar quem foi que inventou a necessidade de termos que fazer muitas e muitas coisas, pois estamos sempre fazendo muitas e muitas coisas. Estamos sempre seguindo. Nós não temos bem a noção de como isso começou. E não só começou, como temos que fazer a nossa parte. Nós sentimos claramente que estamos engajados dentro disso.

Às vezes, algumas pessoas têm uma surpresa. Por exemplo, uma mãe que sai de casa para fazer um retiro budista, surpreende-se quando volta para casa e encontra tudo em ordem. Ela diz: “Como? Eu não sou insuperável, indispensável? Como eles ousam imaginar que podem se equilibrar sem mim?” Então, essa é uma surpresa. Às vezes, os filhos dizem: “Sim, sim, mamãe, vá para o retiro. Alivia a situação aqui em casa. Deixe que aqui nós tomamos conta!” Aí a mãe se surpreende com essa magnanimidade toda!!! Mas nós vamos nos dando conta de que nós não somos indispensáveis como pensávamos. Mas, mesmo assim, voltamos e nos sentimos indispensáveis de novo, e continuamos trabalhando, disparando ordens, colocando tudo em seus devidos lugares, sem o que, imagine, tudo desapareceria, claro!

Mas de tanto em tanto, podemos começar aos poucos a desconfiar de que nós não somos insubstituíveis. Mas não importa, nós nos tornamos insubstituíveis e continuamos fazendo, trabalhando e nos inserindo. Esse é o 11º Elo. Estamos incessantemente ativos.

Esse processo do 11º Elo começa naturalmente quando nós nascemos, quando começamos a respirar. A gente não se dá conta de que aquela primeira respiração vai ser seguida por outras dez, vinte por minuto, seja lá quanto for, pelo resto da nossa vida. No final, também, a última coisa que faremos também é respirar. Vamos nos concentrar nisso e, então, vai se estar extinguindo a nossa vida. Então, vamos estar presos a um processo incessante, cíclico, a um equilíbrio que nós temos que manter. Após o nascimento, vamos adicionando outras coisas, vamos aprendendo a fazer outras coisas e vamos expandindo a nossa atividade. Mas todas as atividades que nós vamos incorporando, operam por um tempo e, depois, vão se fechando, e, no final, fecha tudo e paramos de respirar.

A vida, inevitavelmente, está ligada a um processo de equilíbrio. Por exemplo, se agora tentarmos parar de respirar, vamos ficar aflitos e passaremos a querer respirar de novo. Vamos estar sempre tentando equilibrar alguma coisa que está se desequilibrando. Se nós só inspirarmos, ficaremos aflitos e vamos querer expirar. Se expiramos, ficamos aflitos e vamos querer inspirar novamente. Então, uma posição produz a necessidade da outra. E assim vamos nós.

O nosso movimento durante a vida vai ser sempre esse. Temos uma coisa, depois temos que compensar com outra, depois com outra mais, e vamos sempre buscando equilibrar aquilo. Não há um momento em que nós possamos parar efetivamente de fazer isso. Assim, é natural que o sofrimento vá surgir quando nós já não estamos mais podendo equilibrar.

Quando começamos a ter dificuldade de equilibrar aquilo, começa o 12º Elo, ou seja, começa o sofrimento, o sofrimento ligado a isso. Por exemplo, se estamos com insuficiência respiratória, nós não morremos ainda, mas estamos respirando mal, qual pessoa em crise de asma, que aflige a todos que estão ao redor, além dela própria. Ou seja, quando nós não conseguimos equilibrar direito, nós começamos a passar mal. Essa é a 12ª etapa.

A 12ª etapa está ligada à 11ª, porque na 11ª nós temos que equilibrar coisas o tempo todo e isso é a vida. Mas então vem a 12ª e nós não conseguimos mais equilibrar. E quando o desequilíbrio passa de um ponto, o sistema que produz o equilíbrio se desfaz, se fragmenta. E isso é a morte.

Podemos considerar a morte ao nível de corpo, mas também, por exemplo, ao nível de emprego. Temos sempre que estar trabalhando, promovendo alguma coisa mais. Com isso, equilibramos a nossa função, sustentamos a nossa identidade de funcionários ou de profissionais liberais. Se passarmos uma semana não justificada sem ir ao trabalho, a situação se torna grave. Se não conseguirmos resolver esse desequilíbrio, nos aproximamos de uma morte rápida. Ou seja, a unidade de recursos humanos nos chamará e aquilo já será o fim.

Isso também se verifica nos relacionamentos. Em todas as relações de grupo (casamento, trabalho, escola, amizades, etc.) percebemos um certo movimento. Tem dias que tudo está bem; noutros, não está nada bem. Na família, a mãe sustenta equilibrando, harmonizando a energia, percebendo pela “cara” dos filhos ou do marido, se tudo está bem ou não. Se não está, ela pergunta: “O que foi, meu filho? O que você tem?” Ela tenta melhorar a situação soprando um pouco de energia ali, tentando resolver o problema. E isso é uma coisa que tem que ser feita todos os dias, ou várias vezes por dia, o tempo todo olhando para as pessoas e equilibrando. E assim se mantém a família.

Agora, vamos supor que as várias pessoas não olham umas para as outras e não se sustentam. Esse grupo rapidamente se separa, se não tiver alguém que faça essa tarefa, que cuide de todos, fazendo com que os demais se sintam cuidados, e assim, vão se mantendo juntos. Vemos, então, que as relações têm que ser cuidadas. Sabemos que um dia está melhor, noutro está pior, tem dias que está em coma, mas depois, milagrosamente, volta do coma e assim vai. Às vezes morre, e depois, ressuscita. E isso são as relações.

Esta sustentação incessante é o 11º Elo. Mas justo porque nós sustentamos, sabemos quando não conseguimos mais sustentar. Então, entramos no 12º Elo. Tudo se desorganiza, até o ponto onde a dissolução ocorre.

Mas vocês vão perceber que, mesmo em relação ao corpo, se nós tentamos sustentar o que é insustentável, nós entramos em agonia. Temos a sensação de grande desgaste. Isso prolonga a nossa passagem. Vocês verão pessoas que quando se aproximam da morte não lutam, e porque elas não lutam, a morte é mais fácil. O lutar representa o 11º Elo. Enquanto há luta, a pessoa está no 11º, entrando para o 12º Elo. Se ela se aferrar nessa luta, ela prolonga esse processo que, eventualmente, é inevitável mesmo. Quando estamos no 11º Elo, é certo que virá o 12º. É por isso que podemos afirmar que cada um de nós vai morrer. Estamos todos nós com o 12º Elo garantido.

Agora, nós podemos experimentar isso melhor. O Guru Rimpoche dá esse ensinamento dizendo que o 12º Elo é um BARDO. Essa palavra bardo é muito importante, pois significa “experiência construída”, “não-verdadeira”. Não é uma realidade, é uma “experiência de”. Lembrem sempre dessa palavra BARDO. É a mesma coisa de dizer: “Isso é vazio”, “isso também é impermanente”, “isso também é um bardo”.

Também, se vocês têm uma namorada maravilhosa, vocês lembrem: “Isso também é um bardo!” Se vocês encontraram o homem da sua vida, vocês olhem: “Isso também é um bardo”. Vocês podem botar entre parênteses a palavra “carma”. “Isso também é um carma”, pois o bardo brota por carma. Bardo é uma experiência que é produzida pelo carma. Mas aqui não discorreremos sobre o carma.

Por que é que a morte é um bardo? Porque ela é uma “experiência de morte”. Ela está na dependência da tentativa de sustentação. Quando estamos condicionados a sustentar, inevitavelmente, vamos encontrar a dissolução, o 12º Elo. Isso nos ajuda muito. Vamos supor que nós estejamos próximos à demissão ou a uma derrota. Vemos que isso também é um bardo, pois seguimos vivos, a natureza ilimitada segue intacta. Mas a experiência de morte é isso, ou seja, eu crio algo, e ao vir a dissolução disso – que, por ser artificial, temos que estar sempre tentando sustentar, equilibrar, uma vez que vai se dissolver em um certo momento – essa é a experiência de morte.

Acho que todos vocês já passaram pela experiência de abandono, pelo namorado ou namorada, por exemplo. A pessoa vive uma experiência de morte. Depois de um período muito longo de sofrimento, a pessoa, de repente, numa sexta-feira, o impossível acontece: encontra um outro ser maravilhoso!!! E aí ela entende porque o outro tinha que ter ido embora. Isso significa uma experiência cíclica, um bardo. Essa experiência cíclica pode ser nossa respiração, que é sempre cíclica. Todas as demais coisas que vamos movendo, representam experiências cíclicas. Os pensamentos, as nossas energias (fome, frio, etc.), as nossas conexões, as nossas identidades.

A questão toda é assim: “De onde é que essas experiências cíclicas brotam?” Todos os ensinamentos budistas convergem para esse ponto. Existe um CENTRO DE PRODUÇÃO da experiência cíclica, que é muito parecido com a central de produções da Globo, por exemplo. Vemos uma novela depois da outra, mas sabemos que existe alguma coisa por trás, que é a central de produção. As novelas têm início, meio e fim, e a central de produção está sempre lá.

Esse é o aspecto mais profundo da questão. No budismo se diz assim: “Você não chore porque a novela vai terminar; a central de produção está intacta!”

Então, esse vai ser o caminho todo. Vamos ter que encontrar a central de produção. Essa central é o aspecto mais profundo de nós mesmos. Quando olhamos isso profundamente, perguntamos: “Mas e a morte?” E dizemos: “A central de produção está intacta, não se preocupe!” Passamos a compreender isso tudo. Ou seja, existe um processo luminoso, incessante, que vamos chamar de PRESENÇA. Essa presença está incessantemente ativa. Ela produz a experiência dos bardos.

Então, quando dizemos que a morte é um bardo, isso é um bom sinal, porque a morte é uma “experiência de”, e enquanto existe uma experiência, tem alguém participando, tendo, essa experiência, experimentando essa experiência. Tem um observador aí!

Então, quando dizemos o bardo do morrer, o bardo do pós-morte, o bardo do renascer, o bardo do viver, implica ter alguém experimentando. Assim, descobrimos que tem uma central de produção incessantemente presente em cada uma dessas etapas, produzindo a aparência daquilo. Aquela aparência vem condicionada, mas tem essa central que a produz. Esse é o ponto.

Nós estamos no 11º Elo, sustentando alguma coisa. Mas, ainda que venha o 12º Elo, nós não somos nem o que morre, nem o que estava vivo; nós somos a central que produz as várias experiências. Vemos, especialmente nas experiências cíclicas menores, que surgimos como profissionais, como moradores numa casa, como inquilinos de algum lugar e em vários outros exemplos. Neles, terminamos nos caracterizando por eles e dizemos: “Eu sou isso.” Ainda assim, tudo o que dissermos “eu sou isso” é construído, é um bardo, é um processo criado. Quando aquilo cessa, vemos que permanecemos vivos, mesmo que nós pensemos que não estamos mais vivos. Dizemos: “Agora que fui demitido, a vida acabou para mim!” ou “Me descasei – acabou a vida!”. Mas vamos descobrindo que não! Nós ressurgimos! Essas são, pois, as mortes menores. Mas elas são excelentes experiências que nos mostram a artificialidade da vida, pois quando cessa, outra vida é criada.



12º ELO JANA-MARANA Envelhecimento e morte

TEXTO 1

DÉCIMO SEGUNDO ELO - JANA-MARANA

Em um certo ponto, vemos que não existe um retorno no processo de estreitamento de nossas habilidades. Nesse ponto, temos a sensação de que estamos começando a morrer. Mais tarde, ocorre a morte biológica. Com a morte biológica parece que tudo termina - mas não.

Nem precisamos considerar a morte biológica, basta pensar em um outro exemplo, como perda de emprego, separação, coisas assim. Podemos nos certificar que também ocorre da mesma maneira. Tudo aquilo vai se estreitando, estreitando e, de repente, não é mais possível ser sustentado, tudo termina.

Quando nos referimos à morte aqui, queremos dizer que morre o décimo elo inteiro. Morte significa dissolução de bava, ou seja, a identidade e o mundo correspondente. Isso pode ser um processo individual ou mútuo. Pode acontecer também com muitas empresas, quando estas abrem falência. Pode ainda afetar uma nação inteira ou culturas. Imaginem a situação dos índios aqui no Brasil, a situação das missões que foram destruídas. São universos que desapareceram. Observem os espanhóis chegando no México e construindo catedrais onde, antes, estavam os templos. A história humana é a da destruição sucessiva de bavas. Todas as construções passam por isso, as teorias científicas também passam por isso.

Quando o décimo segundo elo se encerra, o que surge dentro de nós? Já não temos mais possibilidades, mas nós temos ainda duas qualidades, que preservamos até o momento final. Essas duas qualidades cruzam conosco na morte.

Quando nos aproximamos da morte, sabemos muito bem o que não queremos que aconteça novamente. Nós temos raivas, dores, rancores, aversões. Dizemos: *“Tudo isso aconteceu por causa de...”*, poderíamos fazer uma lista. Ao mesmo tempo, dizemos: *“Eu perdi as seguintes coisas maravilhosas, eu não gostaria de ter-me privado de...”*. Nesse momento, surge na nossa mente todos os seres queridos, todas as situações favoráveis que naquele momento não temos mais.

No momento da morte, nós temos duas aspirações: uma de nunca reencontrar as condições negativas que tivemos de passar, e outra, que é a de nos fixarmos de uma maneira realmente lúcida, nítida, decidida, com os aspectos positivos. Assim, com essas duas aspirações, nós entramos no sonho do bardo. Nós estávamos no sonho da vida e agora entramos no sonho do bardo. A nossa mente vagueia, ela voltou a uma circunstância, onde a materialidade não estabiliza mais os estados mentais. Nós não podemos mais contar com a materialidade para estabilizar os nossos estados mentais. Esses estados mentais são como o sonho à noite, a nossa mente vagueia sem estabilidade. Mas nós temos duas aspirações, uma de rejeição e outra de aproximação. Com base nisso, nós vamos redefinir o próximo renascimento.

Após a morte, saltamos diretamente para nama-rupa, porque essas duas aspirações representam a estrutura de avidia, samskara e vijnana, que se preservam. Nós desejamos apenas estabilizar as estruturas que nos garantam a felicidade e o afastamento do sofrimento. Assim, nós saltamos para algum dos seis reinos, que é visto como a melhor solução. Dessa forma, nós reiniciamos a roda, tudo se repete, tudo recomeça.

O Bardo da Morte

Existem seis bardos. A palavra “bardo” foi usada por mim nesse momento como o bardo da morte - supressão da biologia, da materialidade. Como surgiu a materialidade? Nós queríamos estabilizar estados mentais a partir da materialidade. Sem essa estabilidade, a mente fica volátil novamente. Ela fica volátil como a mente de um sonho. Como a mente que sonha à noite, ela salta de um lugar para o outro e não precisa de lógica nesse processo, porque opera por luminosidade e não por causalidade. Ela, simplesmente, salta de um lugar para o outro.

Nós operamos com essa natureza luminosa. Se percebermos a natureza luminosa nesse momento, isso é a própria liberação. Uma experiência muito oportuna, se pudermos perceber isso. Podemos atingir a liberação completa nesse momento!

Se não percebermos, estaremos sob o efeito das duas emoções. Então vamos querer uma ação causal, precisamos de um objeto que estabilize as emoções positivas e precisaremos de uma garantia com relação às emoções negativas. Nesse momento, nós vamos olhar a nossa mãe como aquela que proporciona isso e o nosso pai como aquele que nos perturba, no caso dos meninos. No caso das meninas, justamente ao contrário, o pai seria visto como fonte de felicidade e a mãe, como fonte de perturbação.

Quando completa os doze elos, nós saltamos novamente para uma aspiração. Queremos, então, a concretude de nossa aspiração. Vejam vocês a grande lucidez do Dalai Lama, nós deveríamos fazer prostrações a ele, neste momento. Vejam a grande esperteza dele e do budismo em geral. O Dalai Lama enfatiza esse ponto incessantemente.

Todos os seres desejam a felicidade e desejam se afastar do sofrimento.

S.S. XIV Dalai Lama

Isto é a herança da nossa morte anterior! Todos os seres desejam a felicidade e desejam afastar-se do sofrimento! Não importa em qual dos reinos eles estejam, eles só querem isso! O Dalai Lama pega isso, que é o que nos conduz para baixo e inverte o processo. Ele diz: *“Ok, você quer felicidade e quer se afastar do sofrimento, então examine o processo que você está utilizando para obter a estabilidade da sua felicidade!”*. Ele começa, então, com um processo dialético que vai nos levar a subir, que nos empurra para cima. Ele pega a semente da desgraça e a transforma na semente da iluminação. Só um grande mestre consegue fazer isso!

A prisão em que nos encontramos é totalmente virtual, ela não é verdadeira. Entretanto, para quem está dentro dela, ela é totalmente verdadeira e fixa. Só um grande mestre pode chegar diante dos seres que estão livres, mas não experimentam a liberdade, e mostrar o caminho lento em direção à liberdade. A cada momento, os seres têm responsabilidades, por esse motivo, eles não conseguem experimentar a liberdade.

Quando nós compreendermos esse ponto, nós podemos voltar ao primeiro dos oito passos do Nobre Caminho, ou seja, o que nós temos feito? Qual é o nosso propósito de vida, o que andamos fazendo? Esta é a pergunta no primeiro passo. Nós só conseguimos compreender melhor isso, quando passamos pelos doze elos e vemos o que nós temos feito. Nesse momento, pode surgir um propósito, uma motivação mais elevada, o que é o objetivo disso.

Tendo chegado ao final do décimo segundo elo, ainda não examinamos como ultrapassar essa experiência. Vimos apenas como essa roda gira. Reconhecemos, também, que esse aspecto dos doze elos é o mais sofisticado dentro da Roda da Vida. Nós olhamos, no início, os três animais, depois, olhamos a impermanência que está ali, que é uma coisa aparentemente simples de entender.

Ainda que não compreendamos bem porque a impermanência surge, podemos reconhecer que ela está presente. Depois, nós olhamos os seis reinos, que pode se transformar em uma prática de meditação, ou seja, encontrarmos os nossos impulsos correspondentes aos seis reinos, incessantemente. Este é um ponto importante, o de contemplar o fato de nós estamos sempre agindo na possibilidade dos impulsos dos seis reinos, reconhecermos aquilo dentro de nós.

Então, nós olhamos os doze elos. Mas nós os olhamos da perspectiva da construção, como saímos do primeiro e chegamos ao décimo segundo elo. Nós saímos de um plano muito sutil e chegamos em alguma coisa muito concreta, que é a experiência de dissolução, morte, aflição. No meio disso, ficou claro que Nama-Rupa (4º Elo) desempenha um papel importante, na medida em que determina as motivações sutis que produzem a nossa identificação com a matéria, com a materialidade que nos sustenta os diversos estados mentais. Então, toda sensação de morte está ligada à dissolução do Shadayatana (5º Elo) e, portanto, a frustração daquele esforço, que é Nama-Rupa.

Na próxima etapa nós vamos olhar esse processo como o Buda explicou, que é a meditação sobre a dissolução da experiência. Essa dissolução se dá em dois níveis. Este é um tema realmente muito importante. Isso é a essência do processo de liberação. O processo de prisão são os doze elos, o processo de liberação é a liberação dos doze elos.

.....

TEXTO 2

DÉCIMO SEGUNDO ELO - JANA-MARANA

Quando formos tratar a nível causal, o que vamos dizer? “Não, você precisa entender, eu construí aquilo com o meu suor”. Desta forma, explicamos exatamente como estamos presos. Quando explicamos isso, o que fazemos? Quando dizemos que isso não dá, quando dizemos: “Você não está entendendo...”, vamos descrever o décimo primeiro elo, as circunstâncias da vida. Nós vamos descrever toda a luta que tivemos para conseguir aquilo que agora está desabando. Vamos descrever toda a construção do apego, todas as tentativas de equilíbrio que já fizemos e todos os sucessos parciais que já obtivemos e, finalmente, há quantos anos estamos fazendo tudo aquilo.

Quando descrevemos o porquê de não podermos aceitar aquilo, descrevemos o décimo primeiro elo. Esse é um processo causal, ou seja, nós atribuímos a nossa experiência de sofrimento a alguma coisa. Nós não explicamos o sofrimento como uma delusão, como um brilho, uma liberdade, mas mostramos causalmente. Observem que, através desse processo, nós vamos voltando até avidia.

O carma atua sempre a nível causal. Enquanto estamos examinando esses doze elos, estamos operando sempre com o calote cármico, a sabedoria de saber como não pagar, que é o caminho mais curto, ou seja, a luminosidade. Aparentemente, o carma é muito sólido. Naturalmente, se a pessoa investiu naquilo longamente, ela vai ter a frustração correspondente. Mas, se neste momento, retornarmos ao aspecto luminoso, diremos: “Eu investi longamente, por isso, tenho sofrimento – ou não!” Se entendermos qual é o significado de “ou não!”, estamos liberados, ou seja, “Investi longamente e agora aquilo desabou. Sendo assim, eu tenho sofrimento - ou não!”

Nós temos ou não liberdades? Temos! Após algum treinamento, percebemos que o sofrimento é apenas a experiência de sofrimento, que sofrimento é luminosidade, que estamos em uma paisagem e toda essa paisagem é sustentada pela delusão correspondente. A luminosidade se esforça para sustentar aquela visão, mas a visão em si não é permanente. Com o passar do tempo, ela vai desvanecendo. Isso é a evidência de que toda essa situação tem de ser sustentada para sobreviver.

Se a experiência é construída, ela é impermanente – tudo o que é construído é impermanente! Então nós usamos esse fato, usamos a impermanência dentro do reconhecimento do aspecto sutil da mente construindo e sustentando a experiência - nós já vimos isso acontecendo. Novamente estamos comparando o aspecto causal com o aspecto de luminosidade. Vemos que o aspecto causal é artificial, ele não precisa ser legitimado. Não precisamos ficar fixos naquilo, podemos liberar. Mais uma vez usamos a “fórmula mágica” que aprendemos, de como contemplar uma tragédia:

Dor - experiência de dor – experiência de dor é uma delusão – delusão é luminosidade – luminosidade é vacuidade, liberdade – liberdade é inseparável de luminosidade - luminosidade tem a característica da responsividade, manifesta um movimento - quando a liberdade se oferece, temos opções, temos a sensação de abertura.

Trata-se de uma característica de liberação por luminosidade, ou seja, nós reconhecemos sempre as liberdades, a capacidade de construir. Reconhecemos que tudo o que é construído, o é por luminosidade. Aquilo é uma manifestação de liberdade e nós a reexaminamos. Se compreendermos essa possibilidade, estamos liberados. Caso contrário, terminamos por argumentar.

Diremos, então: “Bom, mas isso é fácil falar. Eu vivi tais coisas e, para mim, é impossível abrir mão disso.” Ou seja, nós justificamos a impossibilidade de superar o sofrimento. Quando fazemos isso, olhamos, na verdade, para o décimo primeiro elo. Como podemos justificar a impossibilidade de superar o sofrimento? Alegamos: “Você diz isso, porque você não construiu isso tudo que eu construí. Eu levei anos para construir e não posso permitir que desmorone, não posso abrir mão disso!”. Nós justificamos isso pelo décimo primeiro elo. A própria justificativa já é a descrição do décimo primeiro elo, ou seja, circunstâncias da vida. Porque nós, muitas vezes, equilibramos e fizemos uma certa ação, se negarmos aquele sofrimento, estaremos negando toda uma vida, ou décadas que ficamos equilibrando ou sustentando aquilo. Aquela derrota não é a dor daquele instante somente, é a dor do tempo que investimos tentando equilibrar aquela situação.

A dor da pessoa está ligada àquele aspecto. Durante o tempo em que ela fez esforço, ela acumulou carma. Ela fez esforço esperando pelo resultado. Examinamos, também, aquelas frustrações que ocorrem, e a pessoa eventualmente abandona sua religião ou blasfema. Ela pode até dizer, por exemplo: *“Eu rezei durante 20 anos inutilmente. Porque o sujeito da frente, que é vendedor de cerveja, trapaceia com todo mundo, e os filhos dele estão ótimos, enquanto que os meus passaram por tais problemas? Então, eu fui à missa inutilmente!”*

Esse sofrimento está ligado diretamente ao investimento anterior, a pessoa o conecta com o investimento anterior. O Buda descreveu isso. A pessoa opera incessantemente de uma forma cármica, sustentando o insustentável, contando com alguma coisa que, em certo momento vai falhar, porque não há como sustentar indefinidamente. Então, nesse momento, a pessoa entra em sofrimento, rancor, raiva e passa por dificuldades.

.....

T E X T O 3

12º ELO – JANA-MARANA - Envelhecimento e morte

O 12º Elo trata, de um modo geral, de quando as pessoas sentem que estão precisando de ajuda. Ou seja, o 12º Elo trata de experiência de sofrimento, de decrepitude, de perda de capacidade, de dissolução das relações, e, por fim, de experiência de morte. De modo geral, quando encontramos essas dificuldades, nós nos sentimos incapazes de resolvê-las. Quando estamos no 12º Elo é porque nós confessamos a incapacidade de resolver o problema. Nós estamos mal, precisando de ajuda. Esse processo pode ser a dissolução em vários níveis. Mas, essencialmente, nós temos a sensação de que aquilo que estamos focando está se dissolvendo.

Mesmo num jogo de xadrez podemos chegar ao 12º Elo, que é quando não tem mais solução para o nosso rei. Não tem mais jeito. O rei vai cair – xeque mate! Enquanto temos a clareza de que o rei está derrotado, nós temos emoções, pois estamos ligados a esse rei. Na verdade, somos nós que estamos sendo derrotados. Nesse caso, temos uma noção de dissolução, de fim. Nos jogos olímpicos também vemos isso. Quando um jogador é derrotado, acabou a Olimpíada para ele. E a pessoa tem um pouco a sensação de morte.

Então, podemos ter essas mortes, que são mortes virtuais, pois não são mortes verdadeiras. São mortes no sentido de que essas coisas, essas situações, não têm mais como se recompor. E, naturalmente, na nossa vida temos muitas situações desse tipo, onde nos defrontamos com a dissolução. Nos textos, vocês encontrarão especialmente o 12º Elo ligado à nossa morte física. Então, o 12º Elo representa o tempo final, tempo esgotado. Todos nós vamos morrer. Esse não é um ponto muito simpático para começar a falar da psicologia budista, mas, pelo menos, ninguém é culpado mais do que o outro; estamos todos no mesmo barco.

Ainda assim, o ensinamento budista é um ensinamento de que esse 12º Elo não é verdadeiro. Ou seja, a própria morte não é verdadeira. Esse é um bom início, não é verdade? Na verdade, a morte é uma experiência. Por isso, vamos começar por esse ponto, reconhecendo que nós temos experiências.

Os tibetanos examinam isso com todo cuidado. Se vocês quiserem examinar os detalhes técnicos do processo de morte, tem um livro que se chama “Morte – estado intermediário e renascimento no Budismo Tibetano”, publicado pela Ed. Pensamento, cujo autor é Lati Rimpoché. Outro livro é do Sogyal Rimpoché, “O Livro Tibetano do Viver e do Morrer”. Outra referência é o “Livro Tibetano dos Mortos”, sobre os bardos da morte e pós-morte. Estou citando esses textos apenas como uma indicação periférica, mas não vou entrar nesse tema, nem vamos utilizar os métodos descritos nesses textos. Vamos aqui utilizar outros métodos. Estaremos utilizando um método que é mais profundo e mais rápido, que é o do reconhecimento da vacuidade da própria experiência da morte. Esse é o ponto.

Nos ensinamentos sobre os Doze Elos dizemos que o 12º Elo surge do 11º. Toda a dica está resolvida nessa conexão. Ou seja, como é que surge a morte? A morte surge como uma experiência. Como surge a experiência de morte? Ela surge porque temos a experiência da vida. Dito assim parece que não é grande coisa. Mas vocês vão entender isso.

.....

TEXTO 2

DISSOLUÇÃO DOS 12 ELOS PELO MÉTODO DA LUMINOSIDADE

O Buda, então, se dá conta de que, se nós tomarmos o décimo segundo elo e começarmos a dissolver progressivamente na direção inversa, vamos chegar outra vez a avidia, por onde poderemos escapar. Mas como podemos percorrer de forma inversa, do décimo segundo ao primeiro elo? Quando estamos no décimo segundo elo, estamos em pleno sofrimento por alguma razão. Se, no momento em que estamos imersos no sofrimento, examinarmos o que estivermos fazendo, veremos que estamos à procura de uma saída. Nós tomamos a experiência de dor como base e a nossa mente circula em todas as direções aflita, intensa, buscando uma saída. Às vezes, a encontramos, mas sempre vai surgir o momento em que não há saída. Se reconhecermos que a base de sofrimento está ligada ao fato de nós tomarmos o sofrimento como estrutura e querermos uma saída para isso, vamos perceber que algumas vezes já encontramos uma saída de forma natural.

No entanto, quando examinamos as tragédias periódicas em nossas vidas, vemos que elas eram completas. Olhando-as agora, elas não têm mais a cara de tragédia. Algumas vezes, podemos até mesmo afirmar o contrário. Depois que o ser terrível se foi, está tudo melhor. No momento em que ele se foi, porém, aquilo não parecia interessante, pareceu uma morte - e a morte efetivamente ocorreu. A morte corresponde à morte da décima etapa. Quando as situações mudam, nós morremos, porque aquele mundo não é mais possível. Aquele era o mundo onde nós existíamos. De repente, aquela nossa existência não é mais possível. Assim, nós morremos enquanto bebês, morremos enquanto crianças, enquanto adolescentes, enquanto adultos, jovens e assim por diante. Morremos em várias profissões que tivemos, em várias atividades. Morremos em tipos de mundos que criamos junto com seres que estavam próximos. Eventualmente, trocamos de cidade, de estado, de país e é como se mundos desaparecessem. Aqueles mundos não são mais possíveis e agora eles deram espaço para outros. Essas experiências são mortes!

Então, a pessoa morre. Após repetir inúmeras vezes várias mortes, ela percebe que existe alguém que está dizendo “*morri*”. Nesse momento, ela vê que ainda está viva! Em função disso, ela sente a necessidade de ver alguma coisa. De repente, ela se vê outra vez alegremente na décima etapa.

Assim são as mortes. Nós construímos a vida e, tomando-a por base, construímos a morte que, por sua vez, toma a experiência de vida por base. Quando estamos com a base da nossa mente em um tipo de vida, só por isso, pode brotar a experiência de morte como objeto. Quando, porém, extinguiamos aquela base daquela vida, percebemos que a natureza de brilho segue. E é ela que segue dizendo: “*Você está morto!*” Percebemos que tem uma natureza de brilho dizendo que tudo está escuro, que não tem mais saída - e está escuro realmente! Dentro daquela base em que aquela vida estava estruturada, realmente não há mais saída, tudo está escuro. Quando isso acontece, nós ressurgimos.

Quando ainda temos o corpo biológico, surgimos lá pelo sexto ou sétimo elo, ou seja, na experiência de contato ou de sensação. Descobrimos que sensações agradáveis e desagradáveis continuam acontecendo, contatos continuam acontecendo. Em vista disso, é melhor planejar contatos agradáveis. Logo, já estaremos manobrando tudo novamente, alegremente. Olhamos, então, para aquela vida passada e nos espantamos. Assim, nos enganamos novamente, tudo gira novamente.

No entanto, podemos perceber que a morte só surge quando nós tomamos a vida por base. Assim, surge a experiência de dissolução. Como surge a vida? A experiência de viver surge da experiência de prioridades no mundo. A experiência de prioridades surge da nossa inserção e da forma como nós olhamos o mundo. Vamos observando que, um por um, os elos são construídos desse mesmo jeito, que nós vamos trocando de refúgio, dos mais grosseiros aos mais sutis.

Os Três Kayas

Vamos, então, voltando do décimo primeiro ao décimo elo. Retornamos para o nono, voltamos até upadana, trishna, vedana. Então, temos as sensações, que vêm do contato; o contato vem do corpo; o corpo vem do planejamento; o planejamento vem da energia; a energia vem das estruturas, das marcas mentais, dos samskaras. As marcas mentais vêm de avidia. Avidia, por sua vez, vem da luminosidade da mente, fazemos surgir a esfera, a esfera está lá e nós estamos aqui. Assim começou o mundo, assim a separatividade começou a atuar. Podemos gostar ou não gostar, querer tirá-la, assim começa tudo. Isso é avidia. Avidia tem por essência essa luminosidade. Essa luminosidade é a natureza mais profunda, ela não é construída e opera incessantemente. Junto com a luminosidade, inseparável dela, essa espacialidade onde o próprio produto da luminosidade, a própria face que a luminosidade produz é acolhida, é recebida. Essa liberdade é darmakaya; a luminosidade, sambogakaya.

Quando olhamos mais uma vez toda a roda da vida, vemos que todos os aspectos se sustentam na luminosidade. Podemos reconhecer a luminosidade atuando em um por um dos elos. Logo, mantendo essa consciência da liberdade, podemos nos manifestar dentro de cada um dos doze elos. Então, é possível o nirmanakaya. Nirmanakaya significa o corpo causal livre. Podemos utilizar todo esse mecanismo, sempre reconhecendo a liberdade. Nirmanakaya é o terceiro corpo de manifestação de um buda. Sem esse corpo causal, ele não tem como criar as experiências causais nos seres. Ele gera um corpo causal para poder interagir no mundo causal, de forma causal. Essa é a razão pela qual o Buda Sakyamuni tem braços e pernas. Isso é escandaloso, o Buda tem a aparência humana! O Buda está além da natureza humana! O corpo do Buda na aparência humana se chama nirmanakaya. O Buda gera um corpo causal, um corpo de sonho para interagir com seres de sonho.

Essa é a expressão básica do prajnaparamita. Nós meditamos sobre cada um desses pontos. Olhamos que a ignorância é vacuidade, e a vacuidade produz a ignorância, que é avidia. Avidia se reduz à vacuidade e a vacuidade produz avidia. Quando falo de vacuidade aqui, é o mesmo que luminosidade e liberdade; são inseparáveis. Podemos dizer o mesmo sobre samskaras, sobre vijñanas, sobre todos os elos, um por um. Assim nós olhamos os doze elos.

Nós começamos no décimo segundo elo para voltar, para dissolver. Nesse ponto, quando iniciamos no décimo segundo elo, podemos examinar aquilo que está trazendo dor, o décimo segundo elo é sempre experiência de dor. Por definição, aquilo que não queremos que se mova, se move; aquilo que não queremos que aconteça, enfim, acontece; o inevitável acontece. Quando nós chegamos nesse ponto, temos vários níveis de experiência.

Vamos fazer um percurso dentro desses doze elos no sentido inverso, como se fosse uma meditação, propriamente. Sugiro a vocês que pensem sobre um problema que provoque algum tipo de sofrimento, não importa qual seja. Esse problema deveria ser bem complicado, um daqueles aparentemente sem solução. Esse problema deve ter uma conexão tanto física, quanto mental, quanto emocional, ou seja, que afete a mente, vire, estrague o coração e estrague a saúde. Deve ser um problema que realmente lhes cause mal. Começaremos estudando, analisando os dois métodos de dissolução que o Buda ensinou. Depois, nós vamos examinar o problema escolhido. Nós vamos fazer uma meditação dos doze elos na dissolução de dores.

Existem dois métodos de trabalhar esse problema, o causal e o direto, no qual a luminosidade, a natureza última é compreendida e reconhecida. Nós vamos desenvolver esses dois métodos, começando pelo método direto, de luminosidade.

1. Dissolução a Nível de Luminosidade

Voltando ao exemplo de Wittgenstein, quando vemos o cubo, podemos lucidamente dizer: “*Eu vejo o cubo*”. Sendo assim, podemos claramente dizer: “*Eu tenho a experiência de ver o cubo*”. O verbo ver é um verbo separativo. Quando dizemos, “*eu vejo*”, notamos que o verbo falseia completamente a realidade. Aparentemente, de uma forma neutra, parecemos constatar algo externo, como se o cubo fosse algo separado de nós. Temos a experiência de ver algo separado de nós. Nós já raciocinamos e vimos que não é assim. Por esse motivo, vamos substituir o verbo ver pela experiência de ver: “*Eu tenho a experiência de estar vendo*”. Examinando dentro da experiência de estar vendo, localizamos que existe a delusão, existe avidia.

No processo de delusão, existe uma luminosidade da mente atuando. Quando olhamos os objetos, deixamos de reconhecer o fator que vai nos trazer a responsividade. Quando olhamos um livro, por exemplo, de um modo geral, o olhamos tentando adivinhar seu conteúdo. Nos movimentamos com relação ao livro, movidos pela responsividade, como com todos os objetos. Nós olhamos e, automaticamente, pensamos: “*Oh, que interessante, um livro! Qual é o título? Ah, já ouvi falar dele... dizem que é muito bom! Não posso deixar de ler*”. Todas essas conclusões são responsabilidades. Passamos os olhos nos livros e podemos aferir e nos mover através da responsividade que brota.

A partir de agora não vamos mais agir assim. Vamos olhar o livro e reconhecer que existe esse brilho, reconhecer que existe essa natureza que faz brotar a experiência do livro. Vemos que ela movimenta uma energia. Não é o conteúdo do livro que nos interessa neste momento, mas o fato de que nós contemplamos o surgimento dessa energia, desse brilho. Contemplamos agora o surgimento do impulso, o surgimento da responsividade, esse é o nosso objeto de interesse. Reconhecemos que cada objeto nos traz um brilho, nos traz uma manifestação de resposta, de potencial que seja.

Reconhecemos que um livro não pode ser explicado pelo papel e pela tinta. Compreendemos isso através do reconhecimento de que nama-rupa faz surgir shadayatana, que é a base material. No estágio de nama-rupa, nós estamos buscando uma experiência de materialidade que estabilize o estado mental. O poder que atribuímos aos objetos está além da própria constituição do objeto. Quando olhamos para os objetos, olhamos com os olhos de nama-rupa. Assim, quando encontramos o que estávamos buscando, aquilo fica imantado pelo significado que colocamos. Quando olhamos um objeto, o fato de ele estar ou não magnetizado não é percebido pela sua aparência. É como se tivéssemos adicionado no objeto uma propriedade invisível, uma energia. Os objetos passam a gozar propriedades que não são aferíveis visualmente, que estão ocultas, mas que estão se manifestando.

Tivemos a oportunidade de ver os primeiros elos operando, até o surgimento de nama-rupa. Quando chega nama-rupa, vimos que, na situação anterior, a mente flutua e goza de uma propriedade, que é a de estabilizar-se pela experiência dos objetos. A mente busca uma materialidade. Essa aspiração de materialidade está sempre presente em nós quando os nossos olhos percorrem alguma coisa. É ela que nos faz dar diferentes significados às coisas. Vamos supor que precisamos de uma mesa e pegamos, então, duas pilhas de livros, colocamos uma tábua em cima, para fazer a mesa desejada. Neste caso, temos os olhos de nama-rupa buscando uma mesa. Olhamos as pilhas de livros e vemos mesas a partir disso. Sem aquela aspiração de nama-rupa, isso não seria possível. Quando olhamos pilhas de livros, normalmente não encontraremos nenhuma mesa lá. No entanto, magnetizamos a pilha de livros a ponto de ela virar uma mesa. Esse é o aspecto de delusão. É assim que a delusão opera, ela tem essa propriedade, a mente tem essa propriedade. Vamos chamar essa propriedade de “luminosidade da mente”. Nós fazemos surgir junto com nama-rupa - é muito importante que sempre lembremos disso. Podemos verificar que existe uma dimensão sutil nossa que cria, magnetiza, que dá significado. Essa dimensão sutil produz, na experiência de objeto, a propriedade de criar responsividade. Essa é a essência do magnetismo.

Agora, já podemos compreender e perceber que existe dentro da delusão essa propriedade que imanta os objetos. Existem meditações sobre isso. Uma delas é sobre o nosso corpo. Nós começamos percebendo os quatro elementos atuando no nosso corpo. Percebemos um elemento de solidez atuando dentro do corpo, que mantém a estrutura; percebemos um elemento de fluidez, que é responsável pela flexibilidade; percebemos o elemento de calor, que sustenta a temperatura e percebemos, ainda, o elemento de ar, os espaços vazios, os gases que operam dentro do corpo. Após essa contemplação, existem dois possíveis rumos. No primeiro, percebemos que a nossa natureza, ou seja, cada um desses elementos vai se dissolver. O elemento sólido está hoje presente, mas amanhã vai se dissolver; o elemento líquido, também, vai se dissolver; o elemento gasoso está presente agora, mas, cedo ou tarde, vai se dissolver; o elemento fogo, também, vai se dissolver. Esse é um tipo de meditação sobre o próprio corpo. Enquanto nós meditamos sobre isso, podemos perceber que os quatro elementos estão imantados e surgem com a nossa identidade, mas nós não podemos ser reduzidos aos quatro elementos. Ao mesmo tempo, percebemos a impermanência desses quatro elementos.

Existe uma outra forma de meditação sobre o corpo. Nesta meditação, nós podemos contemplar sobre o próprio corpo ou sobre o de uma outra pessoa. Quando imaginamos o corpo, nos damos conta de que ele nada mais é do que dentes, unhas, cabelos, sangue, nervos, fezes, urina, vermes, excrementos, etc. Neste ponto, podemos perceber que, quando estamos nos relacionando com alguém, não estamos nos relacionando com os ossos, pele, carne, etc. Podemos, então, perceber que nós temos uma percepção magnética. É muito importante percebermos isso. Deveríamos contemplar isso o tempo todo, nunca devemos esquecer disso!

Qual é a diferença entre uma foto e a pessoa real? Nenhuma, a delusão frente à imagem real e frente a uma foto é a mesma. O conteúdo efetivo dos objetos está no plano magnético, e não no plano físico. Quando uma pessoa folheia uma revista com muitas fotos, ela está apenas passeando por dentro da sua região que produz magnetismo, que provoca os significados correspondentes. Ela não está lidando com os objetos, mesmo assim, os significados estão aparecendo. A mesma coisa acontece em um filme, não importa qual o seu teor. Ali só tem tela e luz. Os significados, no entanto, estão todos lá.

É necessário perceber que nós nos movimentamos dentro de um mundo magnético, e não em um mundo de matéria. Isso precisa ser contemplado muitas e muitas vezes. Sabemos que o cinema não é real, que as fotos não são reais, mas a realidade é idêntica. Podemos nos assustar com uma foto ou com uma cena em um filme. Mas, essencialmente, o susto e o não-susto dependem de uma dimensão magnética que estamos atuando. O mesmo acontece com certas imagens que nos trazem sentimentos agradáveis. Por que a imagem da namorada ou namorado tem o poder de produzir um magnetismo?

O maior mérito das crises afetivas está ligado ao exame do magnetismo, e isso é maravilhoso! Contemplem tanto o surgimento, quanto o desaparecimento do magnetismo. Aquela pessoa teve durante um certo tempo aquele poder de magnetizar, depois muda, é uma outra conexão que surge. O magnetismo pode mudar aceleradamente, às vezes, até para a própria sobrevivência da pessoa.

Existem ainda situações híbridas, que são as piores. A pessoa não sabe ainda se o outro será incluído na categoria de monstro ou se ele vai voltar. Se voltar, será um anjo; se não... A pessoa ainda não sabe se o empurra para os infernos ou se o puxa para uma outra dimensão. Nesta etapa, o magnetismo toma uma forma muito estranha, pois a pessoa não sabe como imantá-lo. Neste momento, podemos melhor avaliar todo o processo. Nele podemos também incluir colegas, sócios, parentes, etc.

Vamos chamar de luminosidade a percepção desse magnetismo, a luminosidade é aquilo que provoca o magnetismo. Ela é uma dimensão construtiva, uma dimensão de operação. Ao mesmo tempo, quando nós contemplamos essa luminosidade, inseparável disso, contemplamos a vacuidade. Nós só temos o efeito magnético, porque as aparências não surgem por solidez, elas surgem por magnetismo. O fato de as coisas surgirem por magnetismo, isto mesmo é a vacuidade. A vacuidade não é um buraco. Porque a luminosidade atua, ela denuncia, indica, expressa, nesse atuar, a vacuidade. A mesma palavra pode ser usada para as duas.

Por que dizemos que a luminosidade é inseparável da vacuidade? Pelo próprio fato de que a experiência de realidade brota do magnetismo que estamos vendo. Isto significa que a experiência da realidade não brota de ossos, pedra, barro, papel ou paredes. Se compreendermos a luminosidade, compreenderemos a vacuidade, compreenderemos a liberdade, porque a vacuidade também significa liberdade – vacuidade é liberdade! Assim sendo, compreenderemos o carma, porque seu surgimento é uma experiência condicionada, sem que notemos a sua presença. Aquilo pode ser assim, mas desde que acessemos aquela região. Podemos usufruir a liberdade com relação ao carma, não precisamos mais responder carmicamente.

Quando percebemos a luminosidade, vemos que, porque ela existe, ela que traz a experiência de realidade. A experiência de realidade é tédia - isto significa vacuidade. Se a luminosidade é aferida experimentalmente pela responsividade que brota em nós, a vacuidade é aferida experimentalmente pela liberdade que passamos a reconhecer. Percebemos que a luminosidade opera porque ela nos provoca impulsos, movimento. Por outro lado, se a realidade surge através desse magnetismo, isso mesmo é a vacuidade. Como observamos de forma experimental a vacuidade? Porque olhamos para aquele fato e vemos que existem liberdades, não precisamos ficar presos à face que surge. Podem surgir outras faces. Só o fato de surgir uma face, ele mesmo já manifesta a liberdade.

Para atuar, o carma precisa da incidência de todo esse processo, – *“Estou vendo, tenho as experiências e digo que as coisas são sólidas. Não reconheço a luminosidade, não reconheço a vacuidade. Reconheço objetos externos como monstros aparecendo diante de mim e, como não sou trouxa, vou sair correndo.”* – Todo esse quadro está nítido. Quando isso está nítido, atuamos carmicamente, temos as respostas, validamos a responsividade, dizemos que está muito correta, escolhemos qual a responsividade que melhor se encaixa a cada situação e, assim, nos movimentamos dentro da roda da vida.

O processo cármico se dá quando não reconhecemos a luminosidade, não reconhecemos a liberdade, não reconhecemos nada. Assim, reagimos dentro do filme. A responsividade é criada pelo carma, ele ganha significado a partir dela. O que determina qual o tipo de experiência que vamos ter é o carma. Se tivermos lucidez, estaremos livres do carma, porque reconheceremos a beleza, a perfeição de todas as coisas. Se não temos a lucidez, o carma atua de forma oculta, e ainda podemos até pensar: *“Oh, como sou esperto, percebi isso, percebi aquilo!”*. Tudo isso são simplesmente manifestações do carma.

Agora vamos voltar ao nosso problema insuperável. Vamos analisá-lo com a mesma visão de estudo que estávamos examinando, ou seja, como os filmes são: uma experiência de tragédia. A tragédia do nosso problema na forma de um filme Podemos dizer isso em relação aos nossos problemas?

Quando olhamos agora a nossa tragédia como uma experiência de tragédia, é comum que, a princípio, alguém tenha um bloqueio nessa parte. Contudo, se olharmos de forma livre, podemos transformar e dizer: *“Tragédia é uma experiência de tragédia”*. Quando percebemos que uma tragédia nada mais é do que a experiência de uma tragédia, podemos, então, olhar o item seguinte. Neste momento, vamos reconhecer a delusão operando, a experiência de tragédia surge pela delusão, ela nada mais é do que uma delusão. Quando olhamos a delusão, percebemos que a experiência de delusão é uma experiência de luminosidade. Quando percebemos a experiência de luminosidade, vamos perceber que a luminosidade é uma liberdade; que manifestamos a liberdade de manifestar isto assim.

Se duvidarmos, podemos retornar ao cubo, retornar à noção de avidia. Estamos vendo uma coisa. Pelo poder da ocultação, não vemos a outra. Sabemos também que a própria ocultação está oculta. Quando a luminosidade se oferece, ela oferece uma visão, não conseguimos ver de outra forma por causa de avidia. Porque vemos de uma maneira, não podemos ver de outra. Não vemos as alternativas, porque estamos presos à avidia. Avidia é o processo que oculta as alternativas e cerra essa ocultação. Precisamos contemplar isso! Nós só teremos a capacidade de contemplar a tragédia desta forma, no momento de uma experiência de tragédia, se já tivermos treinado isso muitas e muitas vezes em outras situações. Só então fica mais fácil.

Contemplação de uma Tragédia

1. *Experiência de tragédia* - Começamos buscando a solidez da experiência, contemplando como a tragédia é sólida a nível de corpo, fala e mente.
2. *Substituição da solidez pela experiência de solidez* - Como já fizemos vários raciocínios em vários trechos, fica, então, mais fácil de imaginar o que seja substituir a solidez pelo reconhecimento de que é uma experiência da solidez.
3. *A experiência da tragédia é a delusão da tragédia* - Já vimos, também, que a delusão da tragédia nada mais é do que a luminosidade criando a delusão da tragédia.
4. *Luminosidade é liberdade* – O surgimento de uma aparência já é a expressão de uma liberdade.
5. *Contemplar a liberdade* - Nosso objetivo é tornar a liberdade prática, utilizá-la de forma prática, através da contemplação da mesma. O que significa utilizar a liberdade de forma prática? Significa que podemos seguir com a experiência de tragédia ou como uma experiência de liberdade.

Vocês vão ver mestres que choram - o Marpa chorou! Ele não disse: “*Eu vou evitar chorar. O que os meus alunos vão dizer, se me virem chorar?*”. Ele não vê nenhum tipo de prisão em manifestar a luminosidade. Ele a manifesta de uma forma totalmente livre. Ele não usa antídotos, não usa qualquer processo de desvio, que naturalmente poderia usar. Ele opta por cruzar por dentro, e cruza. Ele manifesta responsividade de forma livre, reconhecendo-a como liberdade. Ele manifesta o reconhecimento das paisagens mentais com liberdade e tem os efeitos normais daquilo. Ele manifesta tudo aquilo sem transformação. Existem liberdades, e ele sabe que pode optar. Reconhecendo que esse é um processo de delusão, ele pode optar pela forma de delusão que achar apropriada. Ele elege um critério e o usa livremente, pois tem aquilo nas mãos. Quando ele manifesta o sofrimento, ele o manifesta como liberdade. Se ele optar por não manifestar o sofrimento, ele manifestará a liberdade de não sofrer. Ele pode ainda manifestar outras liberdades.

Observem que, quando nós percebemos o aspecto de liberdade, podemos usufruir dela. Como pode ser? A circunstância de tragédia que nós estamos vivendo encerra aspectos de restrição, de dissolução. Caso contrário, não haveria a experiência de tragédia. Toda dissolução é dissolução de algo construído. Todos os aspectos construídos significam fixações. Toda fixação significa uma prisão. Quando o aspecto de dissolução surge, significa também a dissolução de uma prisão. Quando aquela prisão desaparece, existem outras liberdades que surgem no mesmo momento. Sendo assim, nós podemos olhar as liberdades que estão surgindo. Isso acontece nas experiências de separação, de demissão.

Podemos, então, pensar: “*Tudo bem, a demissão aconteceu. Mas pode ser que o próximo emprego será melhor, todas as circunstâncias serão melhores, tudo vai ser melhor*”. Podemos olhar desta forma, podemos construir isso assim. Temos o domínio da lucidez, da luminosidade e podemos exercer isso. Quando conseguimos o emprego, as paredes do novo local de trabalho pareciam douradas. Alguns meses depois, apesar de elas ainda continuarem as mesmas, mais parecem as paredes de uma prisão. Isso acontece frequentemente.

Nós temos esse poder e nós podemos usar essas liberdades do ponto de vista convencional. A liberdade se manifesta mesmo a nível convencional. Uma pessoa que estudou tem liberdades porque estudou, mas está presa, limitada ao que ela aprendeu. A pessoa que não estudou não tem a liberdade de ter o estudo, mas também não tem a prisão do que ela não aprendeu.

Nunca podemos dizer que algo é concretamente negativo ou positivo. Da mesma forma como não existe uma situação negativa que não podemos transportá-la de forma completa em aspectos positivos pelo poder da nossa luminosidade. Assim, o primeiro aspecto de dissolução do sofrimento que nós escolhemos da tragédia é esse.

Se seguirmos olhando, vamos perceber Maharaja, o agente da tragédia, no meio disso. No entanto, Maharaja só está rompendo o que pode ser rompido. Ele nunca vai romper o que não pode ser rompido. Tudo o que ele rompe está ligado a um aspecto construído, visões parciais, paisagens parciais. Se ele não rompesse, nós seguiríamos presos às nossas fixações. Todo sofrimento, inevitavelmente, aponta para fixações que nós tínhamos. Maharaja, a impermanência, a dissolução, é o nosso mestre sacudindo os grilhões que nós tínhamos.

Podemos usar liberdades até mesmo para sustentar a experiência de sofrimento. Ainda assim, a sustentamos, ainda temos a lucidez dessa sustentação. Podemos também ir até o outro extremo, onde nós vamos olhar a experiência de sofrimento e substituí-la por uma compreensão mais ampla, onde nós estamos vendo liberdades, estamos vendo características que nos permitem um ressurgimento de um outro mundo.

Maharaja é como se fosse a personificação do atropelamento pela desgraça. De um modo geral, quando estamos presos à experiência cíclica, nós não assumimos ter qualquer responsabilidade perante a desgraça. Nós reconhecemos um agente externo responsável por ela. A esse agente externo nós chamamos de Maharaja, o grande senhor. Nós o vemos como uma personificação do agente da desgraça. Mas nós podemos olhar Maharaja de muitas maneiras. No sentido convencional, ele é o agente da tragédia, ele é o nosso grande inimigo, destrói todas as nossas queridas construções. No outro extremo, vamos olhá-lo como o Buda incansável, que não esmorece até nos apontar todas as nossas áreas de fixação, porque a experiência de sofrimento está diretamente ligada à fixação. Não há sofrimento sem que o javali esteja atuando. O javali surge por delusão; delusão é liberdade, e liberdade é luminosidade. Olhando com uma visão muito ampla, vemos o sofrimento atuando somente sob condições específicas. A dimensão de nossa mente ultrapassa espaço e tempo. Então, a dimensão de sofrimento perde totalmente o poder da responsividade.

Nós pertencemos a uma cultura na qual temos a exigência de não sermos derrotados e nem sofrermos. De um modo geral, nós sofremos pelo fato de sofrer. Quando sofremos, temos de explicar, não só as circunstâncias todas em que estamos envolvidos, mas como é que nós falhamos e estamos agora sofrendo. Existe um sofrimento duplo nisto. Se formos demitidos, sofremos por não ter como pagar as contas no final do mês e sofremos porque as outras pessoas vão achar que fomos derrotados porque fomos demitidos.

Tendo sido demitidos, podemos pensar: *“Eu tenho qualidades que podem trazer benefício aos outros seres ou não?”* Nós vamos sorrir imediatamente. A resposta é sempre positiva. Todos nós podemos ser úteis, podemos trazer benefícios, podemos alegrar alguém. Nós temos a energia vital, temos o brilho, temos a lucidez. Se alguém não nos ama mais ou se o chefe não nos quer mais, talvez isso seja uma perda para ele. Nós temos essa capacidade. O que vamos fazer, então? Vamos olhar para os seres e ver como podemos ser úteis. Nós sempre podemos ser úteis de alguma forma. Com esse pensamento, nos reintroduzimos no mundo, de preferência com um voto de bodisatva. Se ainda não temos essa lucidez, iremos nos reintroduzir como pudermos, mas a melhor forma é com o voto de bodisatva.

Existem vários exemplos disso. Conheço, por exemplo, uma pessoa que teve câncer, que ficou mutilada, teve de cortar pedaços. Essa pessoa tem seqüelas graves, inconvenientes, em sua vida. Ainda assim, ela diz que isso foi a melhor coisa que passou em sua vida, por incrível que pareça. Maharaja foi lá e bateu forte, e a pessoa teve de parar. Se Maharaja não tivesse batido, ela nunca teria dado conta da fixação que iria acabar por liquidar com a sua vida. Ela acordou!

Nós realmente temos essa capacidade de lidar com Maharaja. Depois que a tragédia passa, tudo começa a tomar um outro rumo. Isso é extraordinário! Isso é verdadeiro e é emocionante porque nos mobiliza. Nos alegra e entristece ao mesmo tempo. Isso é irrevogável, a vida segue. As mesmas pedras das construções caídas serão utilizadas como o elemento principal das novas construções. Nós precisamos ter coragem para cruzar por isso. A vida é assim, tudo morre, mas nós não morremos - dos escombros nos levantamos. No dia seguinte, podemos até querer estar mortos, muitas pessoas realmente se suicidam. Mas, na realidade, nem mesmo aqueles que se suicidam morrem!

Quando nos encontramos ainda vivos no dia seguinte, precisamos usar a luminosidade e seguir. Quando pensamos “*desse sofrimento eu não me livro*”, cada vez que surgir essa descarga de dor de dentro de nós, iremos usá-la em outra direção. Se estamos marcados, se não podemos mais agir normalmente, sentar e ler um livro, ver televisão; se há uma voz de dor, de desespero dentro de nós, vamos então usar isso para avançar, para benefício dos seres. Qual é a melhor forma de usar essa dor? Assim, surgem as fundações, surgem as coisas maravilhosas, surge o brilho nos olhos! Surge aquela coisa que faz a pessoa se mover de outra forma, ela começa a fazer coisas incríveis. Ela está mobilizada por uma energia muito grande, ela não pára. Quando, eventualmente, essa pessoa olha para trás, ela percebe que estava morta, que só agora é que está viva.

Os deuses usam suas capacidades para evitar o sofrimento, eles têm esse poder. Eles são aqueles que usam ao extremo a liberdade para manter as coisas como estão. Em um certo momento, porém, tudo desaba mesmo, não tem mais jeito. Suas vidas são muito longas. Mesmo assim, Maharaja não desiste. Ele fica de plantão, espetando os deuses, sabendo que um dia eles não vão ter mais esse poder de se defender. Maharaja conhece a impermanência. Um dia tudo aquilo termina e só então os deuses se dão conta de que perderam muito tempo, de que não utilizaram seus poderes para a lucidez e de que agora irão renascer em reinos inferiores, porque estão marcados por aspectos mentais de dor e rancor. Eles se dão conta do que estão sentindo, mas não têm mais como evitar. Sabem que por isso vão nascer em reinos inferiores. Então, eles sofrem porque sabem para onde vão.

Antídotos na Contemplação de uma Tragédia

1. As dificuldades podem se manifestar como dificuldades ou como dissolução.
2. A dissolução pode ser vista como fonte de dor ou de liberdade adicionais. Quando uma nova situação surge, ela não é necessariamente positiva ou negativa. Por ser uma nova situação, ela encerra outras restrições e outras liberdades.
3. Havendo a dimensão de luminosidade, inevitavelmente, nós temos a dimensão criativa novamente se exercendo: novas criações, novas identidades, novo universo surgindo, nova paisagem.
4. Vimos que, quando a crise é tão grande que não permite isso ser reconhecido, podemos olhar o passado, situações que já aconteceram conosco, que pareciam insuperáveis, mas que, com o passar do tempo, tudo foi mudando. Então, vemos que não é o tempo passando, é uma transformação de paisagem. Para essa transformação de paisagem, não precisa ter um tempo passando, ela pode, simplesmente, se oferecer. Podemos, então, reconhecer uma liberdade. Desta forma, recuperamos aquela dimensão a partir da lembrança de uma situação passada que se resolveu. Sabemos que não é uma questão do tempo.
5. Quando isso também não é possível, podemos ainda examinar situações de outros seres, de outras culturas. Através dessa experiência vimos como, muitas vezes, as tragédias são o início de outras coisas. Descobrimos que, ao longo da cultura humana, existem camadas de tragédias que servem como base para reconstruções de outras formas.

.....

TEXTO 3

BREVE GIRO PELOS 12 ELOS

Exame dos Doze Elos no Sentido Inverso, do 1º ao 12º Elo

Vamos ver agora que, como nós não percebemos o processo de avidia, então surge o objeto e o observador como se fossem separados. Quando surgem os objetos separados, surge a resposta, o impulso de energia correspondente ao próprio objeto, que está dentro dele. Essas diferentes formas de discriminação terminam surgindo como marcas, que vamos chamar de samskaras, que são o 2º Elo.

Operando com o 1º e o 2º Elos, lá pelas tantas, podemos perceber que, quando certas marcas estão presentes, nos manifestamos de forma mais viva. Nesse momento, nos tornamos objeto de observação de nós mesmos. Esse objeto de observação se dá através dessa energia. Então, nós vemos essa energia surgindo. Quando localizamos essa energia dizemos: “Eu sou isso!”. Estamos com o 3º Elo operando.

Quando os três primeiros Elos estão operando, pode surgir a aspiração de nós estabilizarmos a energia que corresponde a nós mesmos. Aspiramos reduzir a flutuação, aspiramos a energia onde nós estamos presentes de forma mais viva. Com essa aspiração, nós terminamos desenvolvendo órgãos dos sentidos capazes de localizar fora, de forma mais estável, os objetos, de tal maneira que o conjunto de alaia-vijnanas (nossas impressões) termina vendo-o como um mundo externo. Então, aspiramos os órgãos dos sentidos para poder estabilizar essa experiência de energia.

Aí surgem os órgãos dos sentidos. Eles não precisam ser totalmente abrangentes, capazes de pegar todos os sons, todas as radiações. Eles devem apenas nos oferecer objetos que estabilizem nossa energia. Eles são, portanto, naturalmente limitados.

A partir desses órgãos dos sentidos surge a possibilidade de contato. Quando surge o contato, nós classificamos isso como bom, mau ou indiferente. Então, presos a essa noção de “bom, mau e indiferente” nós dizemos novamente: “eu sou alguma coisa, sou aquele que gosta disso ou aquele que não gosta daquilo”. Escolhemos, então, ficar com o que é bom e rejeitar o que é mau.

Essa escolha, essa decisão, corresponde ao apego. Nós aprendemos a olhar os objetos dessa forma e nos antecipamos, escolhendo uns e não outros. Esse apego introduz um tipo de inteligência que nos faz filtrar as experiências e conduzi-las numa determinada direção. Nós muitas vezes fazemos isso e aquilo funciona. Esse é o 9º Elo.

Justo porque aquilo funciona, então olhamos para nós novamente e dizemos: “Você é esse ser inteligente, que é capaz de filtrar isso tudo e agir desse modo!” Aí nós surgimos de novo, agora, de forma complexa. Antes, surgíamos como forma de energia, agora surgimos no mundo, na relação com os objetos (pessoas e coisas). Somos o 10º Elo – Bava. Porque surgimos, nós já não temos as escolhas do que queremos e não queremos, pois já somos aquele que sabe filtrar.

Estamos agora no mundo, o tempo todo procurando o que queremos e nos afastando, evitando o que não queremos. Esse período onde fazemos isso é o período que chamamos de “nossa vida”. Em nossa vida cotidiana, estamos empurrando os objetos que não queremos e puxando os objetos que queremos. Os que nós queremos nos escapam e os que não queremos chegam. Aí, empurramos alguns e puxamos outros objetos de novo. O tempo todo nós estamos fazendo isso. Até o momento em que não é mais possível. Há um desgaste e nós terminamos por encontrar o que nós não queremos e perder aquilo que queremos. Mesmo o aspecto mais simples da sustentação de nosso corpo entra em colapso. Então, nesse momento, nós temos a sensação de decrepitude, sofrimento, dissolução e morte.

No entanto, antes desse corpo, havia uma consciência e assim isso não cessa. Por isso, o Guru Rimpoché vai dizer que há SEIS BARDOS. Tem o bardo do morrer, mas há o bardo do pós-morte. Ou seja, a consciência segue viva nos três primeiros Elos. Só não temos o suporte físico, mas o processo abstrato continua a operar.

Depois da morte do corpo físico, seguimos tendo muitas experiências, o que faz brotar de novo a nossa aspiração de estabilizar as experiências de energia favoráveis e descartar as desfavoráveis. É como se, dentro desse universo, nós vamos nos localizando, memorizando e nos fixando em um grupo de experiências. Essas experiências vão conduzir a nossa aspiração para a vida seguinte. Então, de novo, olhamos e nos vinculamos novamente ao mundo material, através de um embrião.

Os tibetanos dizem que isso começa quando nós visualizamos a mãe e o pai juntos. Aí, se nós temos atração pela mãe e raiva do pai, nós nascemos como homens. Se temos atração pelo pai e raiva da mãe, nascemos como mulheres. A adolescência está toda explicada! (Risos) Se não tiver repulsa ou aversão pelo pai ou pela mãe, nascemos como bodisatvas! (Risos)

Outro Giro pelos Doze Elos

Então, nós fazemos a volta e olhamos de novo. Vamos ver, dentro do nosso ambiente, essas Doze Etapas como visões heréticas particulares. Por exemplo, ainda de trás para adiante, dentre as visões heréticas particulares, que conduzem a muito sofrimento, está o fato de que a dissolução é uma boa razão para explicar porque estamos sofrendo. Vemos as coisas se dissolvendo e dizemos: “Oh! Sofrimento da dissolução!” Nós temos o sofrimento porque vamos morrer, porque as pessoas queridas morrem. Se nós quisermos ajudar alguém na proximidade da morte, nós não deveríamos olhar de uma forma herética, mas sim de uma forma lúcida.

Por exemplo, Hui Neng, olhando a sua própria morte, nos diz: “Se algum dos meus alunos aceitar condolências, ele não é meu aluno; se alguém vestir luto, não é meu aluno.” Por que ele diz isso? Porque Hui Neng compreende a natureza que está além da vida e da morte. Ele deixa claro que a sua natureza está além de vida e morte e que ele não é outra coisa que não essa natureza. Ele não é o aspecto mortal. Por isso ele diz que, se alguém aceitar condolências não será seu aluno, porque não haverá um instante em que ele estará afastado do mundo. Por que? Porque a visão dele, seus ensinamentos, sua lucidez, está presente, ela não morre. E ele é isso, ele não é outra coisa. Ele vai viver nos seres e, neste sentido, ele está vivo até hoje. É como Guru Rimpoché segue vivo.

Depois, nós olhamos o 11º Elo. Até mesmo nós, como pais, estimulamos nossos filhos a se engajar num processo de inserção comum no mundo, onde eles são uma identidade, ocupados em fazer certas coisas. E nós vamos considerar que os filhos estão encaminhados na vida quando, enfim, têm filhos e prestações a pagar, etc. Aí os pais ficam tranquilos: “Meu filho está encaminhado!” Ou seja, estão mais ou menos encaixotados!

Nós olhamos o mundo dessa maneira e existe uma realidade dentro disso. Quem quiser escapar disso, nós todos nos juntamos e apertamos aquele ser até que ele desista dessas ‘liberdades’. Então, ele tem que se encaixar, tem que fazer a coisa funcionar daquele jeito. Se, porventura, ainda assim, ele tiver sonhos, é melhor procurar um psicólogo para ver que sonhos enlouquecidos são esses, que perturbação é essa. Porque aquilo obviamente está equivocado!

Então, nós não pensamos que todos os seres que vieram antes de nós estavam equivocados e que todos os seres do futuro vão estar equivocados, sempre. E que o certo é uma coisa que nós nunca atingimos. Ou seja, nós não nos adaptamos nisso. Além do mais, fazer tudo perfeito não adianta. Somos atropelados, acontecem problemas, as coisas se dissolvem, e, lá pelas tantas, temos que recriar tudo. A pessoa diz: “Mas eu fiz tudo direito. O que é que eu fiz para merecer isso?”

Nós vamos ver que o 11º Elo tem uma ideologia por trás, tem toda uma justificativa. Essa justificativa não nos permite andar no mundo direito. Nós perdemos a liberdade inutilmente, porque nós não obtemos o resultado esperado. Então esse é o 11º Elo. Existe uma visão, uma ideologia herética. No meio dessa ideologia herética, nós vamos ver os SEIS REINOS. Essa única ideologia herética se divide em seis formas de manifestação.

Existem os seres que, no meio disso, são orgulhosos, vitoriosos, hábeis, sedutores (reino dos deuses). Outros seres são competitivos, invejosos, não-compassivos, mas eventualmente, são capazes de arregimentar grupos para competir, para lutar contra, como se isso fosse fonte de felicidade. No entanto, eles não encontram felicidade estável (reino dos semi-deuses). Depois, tem os seres humanos propriamente ditos, que vão se organizar para obter, aos poucos, a partir de sua força limitada, o que eles consideram bom. Mas, ao mesmo tempo em que eles vão obtendo umas coisas, eles vão perdendo outras coisas e nunca chegam no ponto. Quando eles se aproximam do 12º Elo, devolvem tudo o que já conseguiram e vêem que perderam tempo (reino dos humanos).

Rui Neng diz: “Se você tiver muita habilidade, no final da sua vida você dirá ‘tudo o que eu vejo ao redor é meu’, mas é perda de tempo, porque quando você se aproximar da morte, você vai fechar os olhos, e quando você fechar os olhos, não adianta, você perdeu tudo.”

E, então, vem o quarto reino, que é o reino de uma certa obtusidade mental. Nós não queremos entender muito as coisas. Isso não importa, nós vamos andando e pronto (reino dos animais). Depois, existem os seres carentes, aqueles que, não tendo feito as coisas como a mamãe queria, estão com poucos méritos. E assim eles estão sempre demandando coisas que nem mais as mães, com a maior boa vontade, estão dispostas a fazer. O mérito se foi. Tendo o filho passado do limite, a mãe compassiva decide não fazer mais nada por esse ‘malandro’ para ver se, assim, ele acorda e faz alguma coisa da vida (reino dos fantasmas famintos).

Mas aí o malandro opta por se tornar um contraventor. É a pior opção. Ele começa a agir de forma agressiva, fora de qualquer propósito e o mundo inteiro se volta contra ele. Então ele diz: “Está vendo! O mundo é horrível!” Para quem olha o mundo como horrível, ele sabe muito bem como arrancar do mundo ou se vingar do mundo (reino dos infernos).

Então essa passa a ser a sua sabedoria (herética). Para quem é carente, ele pensa que sabe como obter aquilo de que precisa. Se é um malandro, desinteressado, ele sabe muito bem como evitar ser engajado em qualquer trabalho, sabe muito bem como escapar da conexão com o mundo. Se ele é um ser humano positivo, ele sabe muito bem como poupar um pouquinho, como evitar certos gastos, como acumular certas coisas e a vida vai se organizando. Se ele for competitivo, ele sabe muito bem como aumentar a concentração da mente, como reunir poder, como articular com outros para obter os resultados que ele deseja. E se ele é um ser sedutor, encantador, ele sabe perfeitamente como manipular a mente dos outros para obter vantagens dessa maneira.

Dessa forma, nós temos as seis sabedorias heréticas. Heréticas porque nenhuma delas vai oferecer felicidade estável e todas elas estão submetidas aos seres, ou seja, por mais que nós sejamos hábeis em qualquer uma delas, a impermanência sempre nos pega.

Vocês vão encontrar livros e livros que explicam como fazer cada uma dessas coisas, que vão ensinar como a gente convence, seduz, compete, tem resultados. Como a gente se desinteressa, como a gente lida enquanto um ser faminto e como a gente pode guerrear, matar. Está tudo explicado. É só entrar na internet que veremos explicações sobre todos esses reinos. Também nas locadoras de vídeos e nas livrarias.

A sabedoria herética de cada um desses ambientes parece perfeita, parece completa, parece conter toda a verdade que explica o mundo inteiro. Aqui nós temos o 9º Elo. Nós vamos encontrar muitos livros que vão nos ajudar a desenvolver habilidades em todos os reinos. Nós aprendemos a fazer qualquer coisa pela internet. Então, tem uma sabedoria herética clara sobre como obter resultados.

Com respeito ao apego - a felicidade na dependência das experiências sensoriais - vocês encontrarão uma variedade enorme de livros, revistas, filmes voltados a isso, que são os 6º, 7º e 8º Elos. No Budismo, isso significa “felicidade baseada nos sentidos”, simbolizada pela palavra KAMA. É próprio do Kamasutra. Então, vocês vão aprender qualquer coisa relacionada aos sentidos como fonte de felicidade. Vocês vão aprender todas as minúcias do contato, todas as minúcias das sensações, todas as minúcias de como reproduzir isso de novo, de novo e de novo. Seja isso com olhos, ouvidos, nariz, língua, tato e mente. Está tudo completamente explicado.

Só que, também, não há possibilidade de nós sustentarmos todas essas experiências. Então, nós ficamos presos dentro disso e a frustração cíclica é completamente garantida. Tudo isso está submetido a esse Ser (Maharaja – que segura a roda da vida), o qual representa a impermanência. Mas nós temos essa sabedoria herética.

Aí, nós olhamos os outros Elos e vamos entendendo. Por exemplo, no 5º Elo nós somos o corpo físico. Vamos encontrar essa noção, essa identidade. Nós vamos nos sentir muitas vezes como sendo o corpo físico.

Depois, nós vamos olhar o 4º Elo, ou seja, parece completamente justo nós encontrarmos ou buscarmos os objetos que estabilizam a sensação de brilho. Isso é completamente justificado. Por exemplo, se nós vemos uma criança com o “olhar comprido” para alguma coisa, nós imediatamente temos vontade de pegar aquilo e dar para ela. Passeamos no shopping filtrando as experiências desse modo: “Onde tem brilho? Ah! Ali tem brilho!!!” Não precisamos nem querer comprar. Se aquilo brota brilhando dentro de mim é uma experiência que nós buscamos.

Nós achamos que podemos defender isso. Nós defendemos essa conexão com os objetos dessa forma e defendemos essa experiência como sendo nós mesmos. Nós também defendemos nossas estruturas de respostas, nossas marcas mentais. Nós as defendemos como a coisa mais íntima dentro de nós. Então, há muitas formas, muitas justificativas filosóficas, psicológicas, para nós defendermos o que brota dentro de nós, como sendo nós mesmos.

E há outras estruturas psicológicas e principalmente filosóficas, que vão defender claramente a noção de que o mundo é externo, de que ele surge independente de nós, de que podemos até mesmo investigar o mundo externo, procurarmos logicamente, de forma objetiva, trabalhar com ele, transformá-lo como um caminho de melhoria da vida. Isso é uma visão filosófica.

Os Doze Elos, na verdade, são Doze Visões Filosóficas que sustentam a base herética e nos mantêm dentro do processo ilusório. Nenhuma dessas estruturas produz felicidade, nem qualquer coisa que seja permanente. Todas elas estão ligadas a processos frustrantes. Toda essa construção se dá a partir da responsividade, que vai dando estrutura de solidez para isso, a ponto de nós acharmos que tudo isso seja completamente sólido.

Se nós acharmos que tudo isso é completamente sólido, nós vamos precisar de antídotos. Dentre os antídotos, está o pensamento sobre a impermanência. Podemos ver que nesses vários níveis não há nada sólido, porque a impermanência pega tudo. Essa é a benção desse Ser (Maharaja – que segura a Roda da Vida). Ainda que esse ser, de fato, não exista, a ação dele, ou seja, a impermanência existe.

E assim nós observamos esse aspecto, que é o que nós nos defrontamos o tempo todo. A linguagem do mundo é uma linguagem herética. A comunicação entre as pessoas e a base do raciocínio são heréticas. Portanto, torna-se difícil nós argumentarmos dentro do mundo, raciocinarmos dentro do mundo, nos movimentarmos dentro de uma base herética e, ao mesmo tempo, guardarmos liberdade. Só aqui e ali, em eventos extraordinários, nós terminamos “furando” esse processo herético, mas terminamos caindo novamente nele, no processo convencional.

Conclusão

Com isso, nós concluímos essa passagem rápida pelos Doze Elos. Nós vimos não só o surgimento das várias experiências, como vimos também que há uma justificativa para cada uma dessas experiências. Elas surgem como um mundo específico, com a sua visão filosófica defendida.

Nós podemos estender essa análise, que surgiu como um processo de exame de nossa experiência particular (olhando para nós mesmos, nós vimos os Doze Elos) para a nossa relação com as outras pessoas.

Por exemplo, no 1º Elo, quando nós estamos tratando com uma outra pessoa, nós vamos ver que avidia vai se manifestar como a sensação de que o outro é totalmente independente de nós. Que o que nós vemos no outro é dele mesmo. Nós não percebemos que há uma inseparatividade nesse processo. Não percebendo essa inseparatividade, eventualmente nós colocamos nele as estruturas que temos. Então nós vamos ter dificuldades recorrentes porque colocamos as nossas estruturas sobre os outros sucessivamente. Aí nós olhamos o mundo povoado de seres, mas todos esses seres têm marcas. E nós não nos damos conta disso.

O 2º Elo, que são as nossas marcas mentais, terminam surgindo sobre os outros seres. Mas dizemos: “Isso são eles!” Então surge o 3º Elo, que é quando surgimos com a energia, mas essa energia está na dependência de certos seres que eu vejo. Quando surgem outros seres, brota outra energia. Aí nós preferimos olhar, contatar seres de um certo tipo.

Assim, ao invés de levarmos um quadro, levamos agora um ser para dentro de casa, esperando que aquela energia se mantenha. E vamos aferir se essa energia se mantém através dos nossos sentidos físicos (olhos, nariz, ouvido, tato, paladar e mente). Olhamos, mas parece que estamos olhando um ser externo a nós, da mesma forma que, quando eu bato a mão aqui neste assento de madeira, o som produzido parece que é só do assento. Não nos damos conta que interagimos no evento. Não nos damos conta de que essa inseparatividade vai se manifestar como um evento, mas vamos dizer que esse evento é o outro ser.

Em seguida, vamos dizer se gostamos ou não do som ou se gostamos ou não do ser. Esse é o contato, quando nós vemos se gostamos ou não gostamos. Gostando, nós geramos apego. Gerando apego, nós muitas e muitas vezes olhamos daquele jeito e cada vez nós experimentamos aquela sensação boa. Então, em todas essas experiências nós dizemos: “Eu sou o(a) namorado(a) dela(e)”. Surgimos, então, no 11º Elo, tentando equilibrar aquilo, fazendo aquilo acontecer de novo, de novo e de novo. Mas, no meio disso há um desgaste. Lá pelas tantas, a impermanência se manifesta. É o surgimento do 12º Elo. E chegamos a conclusão que esse ser não tem mais essa capacidade de nos deixar felizes. Achamos que nos enganamos, pois antes não era assim. Na relação com os seres, nós temos todo esse processo dos Doze Elos.

Nós podemos olhar essas etapas em relação a cada experiência nossa. Podemos olhar também com relação à experiência da comunidade, ou seja, com os seres sem rosto, os seres da coletividade. Vemos, então, em cada um desses casos, as nossas marcas sem nos darmos conta disso. Vamos aspirar coisas e lá pelas tantas nós também temos uma crise no meio disso.

E nós vamos olhar nossa conexão com o ambiente ao nosso redor. Vamos descobrir que nós temos doze opiniões heréticas na relação com o ambiente natural. Esse processo se perpetua em tudo o que nós fizermos, olharmos, tocarmos; os Doze Elos sempre estão dentro.

Essa noção de que o mundo natural ao nosso redor é separado de nós já está na ciência e está na base do fato de nós não nos importarmos com os seres ao nosso redor. De nós termos dificuldade de entender – ter que estudar longamente – para perceber a inseparatividade de toda a vida.

E nós vamos perpetuando isso, porque nós vamos ensinando, passando isso adiante. É muito difícil nós termos uma visão crítica frente a isso. Quando pensamos na melhoria do sistema educacional, pensamos somente em melhorar o ensino de todo o processo herético. Porque a nossa educação é o processo herético. E vocês vão perceber que nós não temos a solução para isso. Nós queremos melhorar o processo de educação, mas, mesmo aqueles que, como eu, passaram por dentro desse processo, que trabalham no meio acadêmico, percebemos que não temos as soluções, que não sabemos como fazer.

Estamos cheios de contradições, ou seja, a visão externa do mundo é cheia de contradições para nós mesmos. Nós não encontramos felicidades, nós estamos ruídos por todos esses processos e tentamos ultrapassar isso dizendo: “Se as pessoas fizerem de forma mais perfeita o que nós fizemos mais ou menos, quem sabe elas possam ir mais longe.” Nós não nos damos conta das várias contradições desse processo e também não temos mecanismos críticos para isso.

Até então nós trabalhamos o aspecto de visão. Nós diagnosticamos, entendemos isso. Agora, quando nós olhamos todos esses itens, nos perguntamos: Qual é o antídoto que vamos usar? Como é que podemos ultrapassar esse problema?

Vamos localizar em avidia o problema básico, onde o observador surge separado do objeto. Vamos tentar ultrapassar avidia. Para vocês terem uma idéia da importância disso até a expressão verbal é importante. Os tibetanos chamam avidia de MA-RIGPA. MA-RIGPA é a negação de RIGPA. Eles acreditam que só o fato de nós podermos ouvir a palavra RIGPA, nós deveríamos fazer muitas e muitas prostrações. É como se fosse uma palavra secreta, como se fosse uma coisa extraordinária ouvir essa palavra, pois ela representa a possibilidade de lucidez, lucidez que liberta.

É que em muitas e muitas e muitas vidas nós não temos a lembrança de que estamos presos. E em muitas e muitas e muitas vidas nós vamos nos dar conta de que estamos presos. Mas muito raramente vai brotar a palavra RIGPA, que significa a oportunidade de sair disso.

Então, segundo a visão budista, quando na nossa mente dissermos assim: “RIGPA”, é certo que numa vida futura nós atingiremos a liberação. Vejam como é que funciona isso. Vocês, tendo, ouvido RIGPA, mesmo sem ter entendido, ela passa a fazer parte do conjunto de impressões (samskaras) que vocês carregam. Então, num tempo tão longo quanto tiver de ser, vocês vão tropeçar de novo com essa palavra, porque vocês já a estarão levando dentro de sua bagagem mesmo sem compreendê-la.

Num tempo tão longo quanto for, vocês vão terminar tropeçando nela de novo e de novo, fazendo surgir uma condição favorável onde vai vir uma compreensão disso. Essa compreensão vai, em seguida, desaparecer, mas a sua marca fica dentro do conjunto dos samskaras. Aí, num tempo tão longo quanto for (eu estou aqui falando de vidas!) vocês vão topar com essa compreensão de novo. Então essa compreensão vai crescer, mas novamente vai desaparecer. Aí, de novo, vocês vão topar com uma condição favorável e vão compreendê-la completamente e, então, vir a praticá-la, e, vindo a praticá-la, vocês irão atingir a liberação.

Então RIGPA é a palavra que nos conduz, é o barco que nos conduz para o outro lado. Na compreensão disso é que nós recitamos mantras também. Nós recitamos uma vez, duas vezes e aquilo vai povoando. Se nessa vida não funcionar, na próxima poderemos nascer e olhar para a mamãe e dizer: “OM GATE GATE PARAGATE PARAMSANGATE BODHI SVAHA”. Esse processo acontece. MA-RIGPA é o nome da desgraça, da ignorância e RIGPA é o nome da lucidez.

.....

TEXTO 3

FOCANDO A NATUREZA ÚLTIMA ATRAVÉS DA GURU IOGA: Pensar, Contemplar, Repousar.

Nós olhamos essa questão toda de forma rápida e é completamente natural que tenhamos muitas dúvidas. Essa compreensão é elaborada e nós precisaríamos avançar nisso passo a passo, devagar. Existem métodos para isso. Esses métodos começam com o PENSAR, CONTEMPLAR, REPOUSAR sobre cada um desses itens. Essa é uma parte que nos leva a questionar. E como o próprio Dalai Lama sugere, podemos começar com uma visão crítica. Pegamos item por item desses ensinamentos todos e vamos criticando. Vamos examinando para ver se aquilo tem lógica, tem razão, é inteligível, faz sentido.

Aí, na medida que percebemos que o que está sendo examinado faz sentido, passamos para o contemplar. Quando nós contemplamos, nós vamos examinar exemplos, vamos ver se conseguimos encontrar exemplos daquilo na nossa própria vida. Com esse passo, vamos nos capacitar a examinar isso, a encontrar esses exemplos. Depois, nós repousamos a mente.

Com esses três processos, se os fizermos de forma sistemática e de forma clara e aplicada, nós estaremos praticando a GURU IOGA. GURU IOGA é semelhante à palavra RIGPA, é extremamente importante. Só muito raramente vamos ouvir a palavra GURU IOGA. A primeira impressão que temos é de colocar o Guru num altar e tratar de cuidar dele o tempo todo. Mas esse não é processo de GURU IOGA. GURU IOGA é o processo de focar a natureza última. O GURU não é o Guru. Se o GURU não é o Guru, ele não é sua aparência, ele é a natureza última.

O próprio Buda dizia: “Se vocês me olharem e virem um Buda na aparência da minha figura e fizerem prostrações, vocês são uns hereges, porque um Buda não pode ser reconhecido assim.” Não há na imagem um Buda. Então, o primeiro obstáculo da GURU IOGA é achar que o Guru é o fenômeno daquilo. Na verdade, o GURU é a natureza ilimitada. A GURU IOGA é o nosso foco na natureza ilimitada.

Mas, por que é que nós pensando, contemplando e repousando estamos fazendo a GURU IOGA? Nós devemos entender que o próprio Buda se manifesta enquanto Dharma. Ou seja, Dharma é o seu ensinamento. Se nós tomamos a luz do Buda, no caso, o Dharma (a luz que ele emite), olhamos o ensinamento criticamente, vemos se é correto, e só então o aceitamos, é como se, dentro de nós, tivéssemos comparado aquela luz do ensinamento do Buda com a luz que brota da nossa própria compreensão. Nós começamos a ajustar a nossa compreensão com a compreensão da forma do Buda. Então, surge uma luzinha – tipo um vagalume, comparado com a luz do sol, que é o Dharma. Quando nós contemplamos, nós olhamos em volta e vamos encontrar exemplos segundo aquela forma de compreensão. É como se nós estivéssemos fazendo surgir a própria luz do Dharma, ou seja, a compreensão das coisas aos olhos daquela compreensão, que é a compreensão do Buda.

Estamos treinando fazer esse processo. É como empurrar um automóvel que não está querendo pegar; vamos empurrando, fazendo ele andar artificialmente, porque a força não é do próprio veículo. Tomamos a força do texto e vamos “empurrando”, até que, de repente, aquilo começa a funcionar! Quando começa a funcionar, dizemos: “A natureza do GURU interno surgiu.”

O GURU externo – no caso, o Buda – fez surgir dentro de nós aquilo que estava coberto por pó, por muitas complicações, que é o GURU interno. Então, o GURU interno e o Buda são o mesmo. Aí nós podemos entender o significado do que S.S. o Dalai Lama diz: “Nós temos a mesma natureza de Buda”. Ou, quando o Buda, ao atingir a iluminação, diz: “Como é que os seres que a mesma natureza que eu, estão nessa complicação?”.

Então, todos os seres têm a mesma natureza. Não é necessário encontrarmos fora a natureza ilimitada. Quando nós começamos a estudar os textos dessa maneira, passamos a não perceber mais quem falou, se foi o Buda ou o Dalai Lama ou mesmo outro mestre, pois aquilo se torna uma única compreensão. Na verdade, não é o Buda nem o Dalai Lama que falam, mas a clareza das coisas como são! Não podemos dizer: “O Buda inventou uma coisa e agora nós vamos copiar!” O Buda falou a coisa como qualquer ser pode ver. Aí, na medida em que nós testamos e examinamos isso, aos poucos vão desaparecendo os obstáculos da nossa mente. E, aos poucos, nós vamos, dessa maneira, copiando a própria mente do Buda.

Então, PENSAR–CONTEMPLAR–REPOUSAR é a primeira prática que nós fazemos. É uma prática tida como preliminar, mas de grande profundidade. Por outro lado, vocês vão encontrar, eventualmente, alguma coisa que vocês acharão que não estará correto. Vocês vão tropeçar em alguma coisa, imaginando até que tem um problema de tradução. Alguma coisa que vocês vão achar que não pode ser daquele jeito.

Ao lerem um texto pela primeira vez, vocês perceberão que determinada parte não condiz com o resto. Isso significa que, dentro de vocês está surgindo a própria mente que gerou aquilo. Mas não é que essa mente seja algo construído. Essa mente é a mente lúcida olhando a realidade. A mente lúcida não tem pressupostos; ela é a mente que chamamos de “vazia”. Se ela tiver pressupostos, ou conhecimentos, ou predisposições, ela não é mente lúcida, ela é uma mente operando sob condições. Então, essa mente é uma mente misteriosa, livre.

O caminho de prática pode se dar dessa maneira, examinando todos os ensinamentos. Isso vai produzindo o que nós vamos chamar de visão. Uma vez que a visão é estabelecida, nos passamos a praticar a meditação.

Existe meditação com esforço e meditação sem esforço. Ainda que, às vezes, nos pareça muito penoso ficarmos em silêncio, essa é uma meditação sem esforço. A meditação com esforço é uma meditação que é usada para ultrapassar determinado obstáculo enfrentado na nossa vida. Um exemplo dessa meditação é a meditação dos canais, onde vamos praticar “tumo”, que é a meditação do calor interno. A pessoa senta na rua, coberta de neve e gelo, sem usar praticamente qualquer roupa. A cada 100 praticantes, 99 morrem, mas pelo menos um vai aprender a gerar o calor interno para se aquecer (ou não! - risos).

Depois, partimos para a ação no mundo. Ainda assim é necessário entendermos que alguns mestres, nos ensinamentos mais elevados, dizem que a meditação não é necessária, porque se nós efetivamente compreendemos, acabou, ou seja, uma vez verdadeiramente compreendido, passamos a usar aquilo. A meditação é uma forma de tornar a compreensão mais sólida, mais prática. Se atingirmos a compreensão total, a meditação passa a ser desnecessária.

Então, a meditação não é uma religião que nos imponha termos de praticá-la. A meditação é uma etapa do processo. Agora, mesmo que andemos nesse caminho, mesmo que passemos por todas essas etapas, nós vamos observar que ficam resíduos. Esses resíduos vão nos fazer tropeçar e, eventualmente, ainda que apliquemos o método de novo e de novo, é como se nós tivéssemos que trocar, pois parecem não estar sendo mais eficientes. Chega um ponto em que não conseguimos ultrapassar determinado obstáculo.

.....

TEXTO 3

REINSTALANDO A LIBERDADE:

Percebendo o “Ou Não” das Circunstâncias da Vida.

Essa etapa do treinamento, que é muito importante, vai nos levar à compreensão da LIBERDADE. Por exemplo, com relação aos Doze Elos, nós deveríamos pensar-contemplar-repousar, examinando como cada Elo manifesta a liberdade. Como por exemplo: “A morte é assim, inevitável (12º Elo).” Mas nós temos que chegar até o ponto de dizer “ou não” e isso venha a fazer sentido. Porque, enquanto nós permanecermos na visão do 12º Elo (de que a morte é inevitável) nós ainda não percebemos a liberdade. Como todos os Doze Elos são artificiais, são construídos, são sustentados por uma luminosidade, por uma construção, então, ao chegarmos a uma noção de “morte” nós também podemos dizer “ou não”!

Assim, nós olhamos o nosso atarefado cotidiano, todas as regras e horários que temos que obedecer (11º Elo), até podermos chegar ao ponto de dizer “ou não”. Isso significa nós começarmos a perceber a possibilidade de liberação.

A seguir, nós chegamos à nossa identidade (10º Elo): “Eu sou isso, isso e isso. O cartão está aqui; o anúncio de jornal está aqui.” Podemos dizer “eu sou isso” ou não! Então olhamos todas as experiências que tivemos anteriormente. Essas experiências indicam que a realidade é de um certo jeito (9º Elo). Aí, se refletirmos um pouco, podemos dizer “ou não”!

E vamos aplicando o “ou não” para todos os elos subseqüentes. Dizemos (8º Elo): “eu sou o ser que tem tais definições, tais apegos”. Aí, paramos um tempinho, e dizemos “ou não”. Dizemos (7º Elo): “eu gosto disso, isso sou eu; eu prefiro tal coisa em relação àquela; tais coisas eu amo, tais coisas eu rejeito”. Aí, damos um tempinho, e dizemos “ou não”.

Então, vamos vendo que em cada um dos Doze Elos nós podemos dizer “ou não”. Vamos percebendo que há uma liberdade interna em cada um desses aspectos. Essa liberdade interna é o que resulta ao final de toda essa prática. Se vocês puderem pular direto para essa liberdade, vocês evitam essa análise toda. Se vocês puderem dizer “ou não” para cada um desses Elos, de forma clara, séria, vocês não precisarão fazer essa análise toda, porque essa análise serve apenas para chegarmos ao ponto de dizermos “ou não”. Quando nós não podemos dizer “ou não”, estamos com o script garantido, nós estamos completamente limitados, estamos numa espécie de prisão.

Esse ponto da liberdade é crucial. É de grande importância filosófica, porque tem uma visão filosófica herética em cada um desses Elos. Só em nós podermos dizer “ou não”, o chão chega a tremer! Nós vamos dizer: “Não, mas eu tenho o meu emprego. Eu fiz concurso, foi difícil, estudei, e agora que estou aqui, como é que eu vou sair disso?” Aí a pessoa diz: “Não, não dá.” No entanto, na semana seguinte a pessoa é demitida. Então, ela muda e diz: “Sim, claro! Agora dá!”

Se a pessoa tiver dificuldade de dizer “ou não” significa que a pessoa pensa que aquilo é tão sólido que a impermanência não pega, não é verdade? Então, nós nos damos conta de que, se nós não dissermos “ou não”, a impermanência – Maharaja – vai se encarregar de nos dizer.

Vemos, então, que as nossas identidades e todos os demais fatores são passíveis de outras experiências. Assim, olhando dessa maneira, vemos que essa noção de “ou não”, que é uma noção de liberdade frente aos vários condicionamentos, é a essência da noção de VACUIDADE. Vocês podem pular por cima de toda a análise da vacuidade, se vocês chegarem à noção do “ou não”. Porque o “ou não” é a noção de liberdade. Por que, então, nós vamos estudar penosamente a vacuidade em vários níveis? Estudar penosamente a ilusão? Estudar as difíceis obras de Nagarjuna?

Nós pulamos por cima disso porque o único objetivo dessa análise toda é ter a garantia de que o que está diante de nós é inseparável de nós. Portanto, não é fixo. Não há natureza inerente. Portanto, é liberdade. Há efetivamente essa possibilidade.

Então, desse modo, quando nós percebemos que as várias experiências podem ser traduzidas de outro modo, ou seja, há um “ou não”, sempre, em cada coisa, nós temos esse mecanismo rápido de vacuidade. Então se, por exemplo, alguém nos agride, nós temos um impulso de reagir, mas podemos dizer “ou não”. Nesse momento, a liberdade se reinstala. Nós propiciamos um espaço, um lugar, para jogar a lucidez de novo. A própria afirmação “ou não” (com a real visão dessa possibilidade) já é a base da lucidez.

A base da lucidez é nos darmos conta de que nós não somos obrigados a obedecer ao impulso, ao script, como ele está escrito. A responsividade é comandada pelo script. O script são os samskaras, as marcas, que também são impermanentes. As marcas estão sempre em evolução. Num certo momento nós temos atração, daqui a pouco nós temos aversão frente à mesma situação, à mesma pessoa, comida, música, sons, objetos, lugares. Num certo momento podemos ter atração, mas depois cansamos daquilo.

Por exemplo, depois de escutarmos 108 vezes a mesma música, aquilo já fica meio estranho!!! É como acontece com a comida. Se nos perguntam se gostamos de bolacha, dizemos ótimo! Aí são-nos oferecidas três, as comemos e dizemos “gostoso!”. Se nos são oferecidas trinta, e comemos, vamos já perder um pouco da graça. Mas se tivermos de comer trezentas, passaremos a não agüentar ver mais aquela bolacha na nossa frente! Desse modo, nós mudamos. O carma é o script, com marcas mentais (samskaras) e emoções. Nós começamos a ver a liberdade desse modo. Nós vamos poder ver também, paradoxalmente, o próprio surgimento dos Doze Elos como uma expressão da liberdade - liberdade de criar a prisão.

Para escaparmos da situação filosófica, que pode tornar-se progressivamente mais complexa quando chegarmos a diferentes escolas, itens e subitens, vocês olhem a vacuidade como liberdade. Vejam essa culminância, que é a liberdade. Até mesmo porque o corpo do Buda é o Dharmakaya, que significa “corpo de liberdade”. Então, quando nós olhamos os aspectos de liberdade, nós já estamos chegando aos aspectos finais. Estamos fazendo um atalho nesse processo.

Buda significa “o liberto”. O liberto desse processo todo. Mas, paradoxalmente, ser liberto não significa estar fora, nem estar insensível, nem não ver, nem não ter esse corpo. Liberto significa, pelo contrário, poder também surgir, se manifestar, e, até mesmo não conseguir colocar culpa nisso. Isso, enfim, é uma beleza. Tem um aspecto de beleza no mundo. O surgimento do mundo expressa a beleza da natureza última de um outro modo. Essa natureza de liberdade básica permite o surgimento da separatividade.

Nós podemos imaginar que dessa natureza última surgem outras coisas também, outros processos de criação de mundos. O nosso processo de criação de mundo é aquele que surge de avidia, ou seja, a nossa mente se divide em duas (observador e objeto). Nesse momento, nós não conseguimos conceber outras formas de surgimento de mundos que não a forma de avidia. Mas, por que não? Pode ser que surjam outros tipos de avidia que dão origem a outros tipos de mundos. Desse modo, nós não temos nem como ver/reconhecer isso, porque nós operamos dentro desse processo de avidia.

Então, a palavra central é LIBERDADE. Aí, vamos supor que sobraram resíduos. Nós, ainda que tenhamos estudado, “trememos” em certos lugares, não conseguimos enfrentar certas situações. Temos pesadelos de um certo tipo. Então, nós podemos fazer um processo de PURIFICAÇÃO, pois, uma vez que esses resíduos seguem, passam a ser um problema de psicologia budista. Ou seja, precisaríamos entender esses problemas residuais e tentar superá-los. Nós precisaríamos entender, por exemplo, que, sob o ponto de vista convencional, o nosso surgimento no mundo se dá através de processos de relação. Essa é uma coisa básica dentro da compreensão budista.

.....

TEXTO 3

PROCESSO DE PURIFICAÇÃO Quadro dos 240 Itens

Vamos, então, fazer um foco específico nos problemas residuais para tentar superá-los. Nesse caso, nós precisaríamos compreender como é que essa identidade surge e se estrutura. Agora, ao invés de pensar que essa identidade não existe e que ela é liberdade, nós vamos ver como é que ela se estrutura na sua aparente solidez. Vamos ver, por exemplo, que todas as identidades são um processo de relação, ou seja, a mente é livre e cada um de nós é um processo de escolha automatizado. Mas escolhas do quê em processos de relação? Devemos, pois, examinar como é que isso está acontecendo dentro do mundo, no processo ilusório, que é onde os problemas acontecem.

Então, nós vamos perceber que a nossa identidade surge como o javali, com as respostas previamente fixadas. Só que essas respostas não dizem respeito ao observador. Elas dizem respeito à relação entre o objeto e o observador, relação entre o mundo e aquilo que é visto como sujeito. Então, o sujeito se define na relação com o mundo. É desse modo que nós vamos olhar os nossos problemas.

Por exemplo, vamos fazer um mapeamento das nossas dificuldades. Nós fazemos uma lista das pessoas que não gostamos de encontrar ou com as quais temos obstáculos; dos lugares que temos dificuldade de chegar; das situações que gostaríamos de evitar. Listamos isso com cuidado. Eventualmente, podemos listar também seres sedutores, porque, aparentemente, os nossos problemas só acontecem quando nós olhamos o que não gostamos. Mas dentro da compreensão budista, nós podemos nos ver atraídos por coisas aparentemente positivas, mas que, na realidade, representam um obstáculo para nós, que nos dominam. Podemos listar vícios, tais como, cigarros, chocolate, bem como coisas e situações que nos atraem, que nós sabemos que são problemáticas. Então, computamos/listamos essas coisas também.

A seguir, começamos a examinar esses processos dentro da perspectiva dos SEIS REINOS, ou seja, nós tentamos dividir isso por categorias, tais como: se uma coisa nos é atraente, isso se dá porque produz felicidade; porque nos potencializa na luta; porque está dentro dos nossos planos; porque podemos relaxar e deixar de ficar preocupados com alguma coisa. Ou nos é atraente porque nós temos grande carência e é muito difícil obter aquilo; ou porque, através daquilo, superamos medos ou criamos medo nos outros; porque nós conseguimos atingir/violentar os outros; ou porque conseguimos escapar no meio de lutas. Então, nós vamos ver, a partir dos Seis Reinos, por que as coisas nos são atraentes. Aí nós, imediatamente, localizamos o obstáculo.

Por exemplo, vamos supor que aquilo é atraente porque eu tenho uma arma com a qual eu me defendo ou ataco o outro. Vejo, então, que essa é uma fixação no Reino dos Infernos. Mas como eu já analisei o Reino dos Infernos enquanto liberdade, enquanto a minha possibilidade de dizer “ou não”, eu consigo converter uma situação que era recorrente em mim e a entendo sob o ponto de vista da possibilidade de liberação do Reino dos Infernos. Assim, eu posso dizer mais facilmente “ou não” para aquilo. É desse modo que podemos ver se podemos dizer de fato “ou não”, analisando a paisagem, mente, energia e corpo envolvidas nas situações.

Se eu disser apenas “ou não” com o corpo, eu não daria o tiro. Mas dentro de mim pode existir a energia da agressão de dar o tiro, apesar de eu saber que não vá atirar. Agora, pode ser que a energia não esteja presente, mas esteja presente o raciocínio (mente, pensamentos), ou seja, eu saberia direitinho como atingir e obter aquilo, apesar de eu saber que não atiraria. Pode ser, ainda, que, apesar de o raciocínio não estar presente, haja uma aspiração (paisagem) para que o tiro atingisse determinado alvo.

Por exemplo, nós não matamos a barata, mas sentimos que seria muito bom que alguém a matasse e a jogasse pela janela. Ou seja, a paisagem está intacta ainda, a aspiração do Reino dos Infernos continua lá. Como somos budistas, nós não vamos matar a barata. Não temos sequer a energia para fazer isso e não vamos nem admitir pensar em realizar essa ação, mas.... se alguém matar, nos alegramos (por isso é sempre bom ter um não-budista em casa!!! – risos). Isso significaria que, em nível de paisagem, nós ainda temos aquela atitude. Nós precisaríamos, então, desenraizar os quatros aspectos – corpo, energia, mente e paisagem.

Porque nós já temos claro esse processo da liberdade, nós podemos pegar um por um os nossos problemas ou dificuldades, os classificamos, vamos até o ponto que nos prende e vemos se conseguimos dizer “ou não”. E aí começa a funcionar. Se esse processo for artificial, nós vamos dizer “ou não” só com o corpo. A energia, a mente e a paisagem continuam presas ao problema.

O ponto é que, para nós, a situação continuará armada se não conseguirmos ver a liberdade nos quatro níveis (corpo, energia, mente e paisagem). Vocês podem utilizar o Quadro dos 240 Itens para fazer uma varredura, podendo ser utilizado como diagnóstico ou como método de decomposição dos problemas que estejam surgindo. Quando vocês começarem a olhar isso, no início vai parecer que não se tem conexão. Mas, logo em seguida, começamos a perceber que temos. Começamos a ver que estamos presos em praticamente algum nível de todos os quadrinhos. Esse é, então, o processo de PURIFICAÇÃO.

.....

TEXTO 3

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO **Quadro dos 200 Itens**

Agora, melhor ainda do que o processo de purificação, é o processo de CONSTRUÇÃO. Por quê? Porque o que acontece é que nós temos liberdades. Se temos liberdade, podemos construir. Ao invés de construirmos seres de Samsara, nós podemos construir seres a partir das qualidades ilimitadas. Então, nós vamos construir a partir das qualidades de acolhimento, de generosidade (ou sustentação), de oferecimento de referenciais (ou estruturas), de oposição à negatividade e de oferecimento da natureza ilimitada (da liberação). Vamos, então, oferecendo benefício aos seres. Vamos surgindo com essa liberdade de fazer isso em vários níveis. E testamos para ver se paisagem, mente, energia e corpo estão operando com esse referencial.

São, pois, **três fases**. Primeiro, o processo de análise da liberdade. Depois, nós purificamos as dificuldades, as nossas prisões. Por fim, nós construímos positivamente nossas ações.

No treinamento, o começo já se deu muito antes do exame do processo de liberdade. Ele começa com a noção de responsabilidade universal ou de um bom coração. Essa noção é que é o verdadeiro início, que sustenta a motivação durante todo o processo e que, ao final, faz com que retornemos para ela, na construção positiva da ação, que é a manifestação da responsabilidade universal no mundo. O Bodisatva não sai do mundo, ele retorna ao mundo dentro da perspectiva de ajudar os seres. Então, começamos com essa percepção da responsabilidade universal, como diz S. S. o Dalai Lama. Vocês vejam que a maior parte das pessoas está focada estritamente nas suas coisas, nos seus interesses.

Existem quatro ações positivas da mente, mas a maioria das pessoas só operam com a primeira, chamada de “**resolver**”. A primeira forma de ação da mente é algo assim: “*Se está frio, eu me cubro; se está quente, eu tiro a roupa*” ou “*se tenho fome, eu como; se estou cansado, eu durmo*”. Essa ação também é uma forma lúcida, não existe, a princípio, algum problema nisso. No entanto, nós vamos ver que essa não é a única maneira de nós agirmos, porque em algumas circunstâncias, por exemplo, de frio, nós podemos não ter a roupa para vestir; quando estiver quente, nós vamos estar impedidos de tirar a roupa; quando tivermos fome, poderemos não ter comida para saciá-la.

Então, naturalmente, vem uma segunda forma de ação da mente que é a **disciplina** ou **controle**. Nós conseguimos agüentar, em alguma medida, a situação aflitiva. Em alguma medida, todos nós somos capazes de fazer isso. Vejam que isso é adquirido, nós não nascemos com essa capacidade, mas, com o tempo, nós vamos aprendendo.

Depois, tem a terceira forma de ação da mente, que são os **meios hábeis**. Se está frio ou quente, aprendemos um jeito de lidar com a situação que se apresenta. Aprendemos a aproveitar a situação de uma forma muito útil.

Por fim, vem a quarta forma de ação da mente, que é **liberar**. É o processo mais sofisticado. Quando nós vivermos qualquer experiência que seja, nós podemos reconhecer a natureza última na experiência. Nós não precisamos nos fixar na forma da experiência, nem negá-la. Nós percebemos a natureza última dentro da própria experiência.

Nas três primeiras formas estamos movidos pelo medo. Nós não aceitamos a experiência. Nós a maquiemos, a evitamos ou a modificamos, buscando ultrapassá-la. Mas nós não conseguimos vivê-la tal como ela se apresenta. No entanto, na quarta forma de ação da mente nós a vivemos tal como ela se apresenta. A primeira forma é, aparentemente, a mais fácil e todos nós a buscamos. Mas, no sentido budista, quando nós realizamos a primeira forma (resolver), nós o fazemos com lucidez e não por condicionamento.

Então, dizer “ou não” não seria uma exclusão, mas uma alternativa lúcida. Quando estamos condicionados, presos ao Samsara, à responsividade, ao script definido, nós não temos alternativas. Aqui nós estamos recuperando a liberdade.

Na primeira forma, podemos manipular algumas coisas, ou seja, procuramos “dar um jeito” para resolver a situação (nos cobrimos, tiramos a roupa, comemos, etc.). De um modo geral, essa primeira forma trás a ideologia de Samsara. A ideologia de Samsara também inclui a segunda forma, que é quando nos tornamos civilizados. Quando nós estamos muito civilizados ou refinados, nós passamos para a terceira forma de ação da mente. Ou seja, nós começamos a manipular tudo, sem nem parecer que estamos manipulando.

Mas, essencialmente, em qualquer uma das três formas, nós estamos tentando evitar certas coisas e colher outras. Ao final, nós não conseguimos, porque há coisas na nossa experiência que não temos como lidar através da manipulação. Nós vamos ter que passar por dentro delas.

Então, a quarta forma de ação da mente (liberar) é absolutamente necessária. Ela é a forma que o Buda vai ensinar. Especialmente o Budismo tibetano, através dos ensinamentos de Guru Rimpoche, está centralizado nesta quarta forma.

Algumas outras correntes do Budismo vão usar a disciplina. Outras, os meios hábeis, e vão treinar isso. Para algumas, parece que tudo se resume a cortar o cabelo, colocar o manto e viver uma vida regrada. Outras, vão ensinar, dentro dessa vida regrada, truques (meios hábeis) para viver melhor a vida regrada, sem grandes problemas. Mas há outras formas, especialmente o Budismo Mahayana, onde se procura viver os ensinamentos no cotidiano, não através da disciplina, mas com liberdade, com lucidez, onde a quarta forma vai ser muito usada. Ela vai poder nos dar uma segurança que nenhuma outra forma poderia nos dar.

Na verdade, quando usamos a quarta forma, nós usamos as três outras também. Quem usa a primeira, só usa a primeira. Quem usa a segunda, usa também a primeira. Quem usa a terceira, usa a primeira e a segunda também. Ou seja, quando você vai atravessar a rua e percebe que vem um carro, não deve pensar: *“Bom, vou atravessar de qualquer jeito, pois, se o carro me pegar, eu morro, mas eu libero isso”*. Não é esse o ponto.

O próprio Buda dizia: *“Vocês evitem cobras venenosas, elefantes furiosos, animais agressivos. Ainda que nós entendamos a vacuidade de tudo, nós devemos evitar os perigos.”* Isso significa usar os métodos mais simples. Mas, ainda assim, num certo momento, nós enfrentaremos uma situação limite, como a morte. Aí, neste momento, nós usamos essa outra visão, nós guardamos isso como uma lucidez, disponível incessantemente, incessantemente presente, sem, no entanto, nos fixarmos nisso como uma necessidade. Nós usamos os vários métodos (primeira, segunda, terceira e quarta formas de ação da mente).

No entanto, a maior parte das pessoas tem a visão estreita, operam no mundo somente com a primeira forma de ação da mente, que é “resolver” ou “jogar o jogo do Samsara”. Elas vão levando a sua vida tentando se cobrir quando têm frio, comer quando têm fome, etc. E, melhorar na vida para essas pessoas, significa apenas ter mais controle sobre isso. E assim vão vivendo.

Então, nesse sentido é que consideramos as palavras do Dalai Lama sobre a responsabilidade universal, ou seja, é tentando tocar/chegar nessas pessoas. Vocês observem que, mesmo que nós tentemos nos cobrir com uma manta, ou tirar a roupa, ou comer quanto temos fome, a manta, a roupa ou a comida não fomos nós quem, sozinhos, as produzimos. Nós não somos autônomos. Estamos dentro de um processo mais amplo.

Assim, esse é o primeiro ponto (da responsabilidade universal) que nós vamos trabalhar. Acho que esse é um ponto que poderia ser trabalhado como um ponto geral de educação. Esse é o tema da inseparabilidade de toda a vida. Nós somos inseparáveis. Às vezes nossos adolescentes não se dão conta de que estão numa comunidade, com o pai, mãe e irmãos dentro; que eles não são independentes, nem o pai, nem a mãe também são independentes, não podem tudo. Nós inter-somos, como diz Thich Nhat Hanh.

Esse ponto vai-nos ampliando e nos levando dentro dessa perspectiva de responsabilidade universal, para compreender a vida como um todo, a natureza e todos os seres vivos integrados dentro de um sistema onde cada um precisa dos demais. Aqui estão incluídos os sistemas que não são vivos, o planeta, enquanto uma entidade não viva, um substrato. Vamos olhando o aspecto da inseparabilidade que há entre nosso planeta e os outros astros, sol, lua, etc.

Os cientistas, nos dias de hoje, têm visto coisas extraordinárias. Nós recebemos uma quantidade de matéria inter-estelar. Recebemos fragmentos de outros planetas e moléculas complexas que vêm de outros lugares. Então, uma das visões correntes é de que a vida pode ter chegado desse modo ao Planeta Terra. Há uma comunicação inter-material entre os diversos corpos celestes. Essa é uma descoberta bem recente e nós nem nos dávamos conta disso, pois pensávamos que a única coisa que atravessava o espaço era luz ou calor. Mas agora estamos percebendo que não. Recentemente, os cientistas encontraram uma rocha (tipo meteorito), na qual constataram estruturas semelhantes às que foram encontradas em Marte.

Então, nós estamos apenas ampliando nossa visão. Nós vemos como nossa vida se torna completamente diferente – estávamos fechados e, de repente, abrimos os olhos e passamos a enxergar essa complexidade toda. Esta complexidade está dentro da Roda da Vida, está dentro dessa noção, ilusória ainda, mas é onde surge a noção da nossa identidade, as nossas emoções, nossa operação toda. Desse modo, nós começamos a entender isso.

O ensinamento Budista não vai começar lá adiante, examinando a Roda da Vida. Ele começa primeiro nos inserindo como seres com visão mais ampla. Isso tem uma grande consequência, pois cria uma cultura, uma consciência de base, onde os próprios ensinamentos depois podem vir como um processo mais refinado. Mas nós precisamos dessa cultura de base.

A nossa cultura de base hoje parece uma devastação, ou seja, nós somos convidados a nos fechar, a nos tornarmos autônomos e não entender as ligações de todos os fenômenos. Nós vamos entender apenas que a única coisa necessária é ter dinheiro no bolso, com o qual compramos tudo o que precisamos e pronto. Nós não entendemos os processos de interligação. É como se fôssemos convidados a nos fecharmos.

A consciência ecológica vai se tornando natural e clara na medida em que vamos percebendo, compreendendo, a inseparabilidade. Nisso, tem uma outra conexão muito importante, que está ligada à compreensão do carma, que é assim: “Se eu entendo isso, eu entendo como o carma está operando, como que as consequências cármicas surgem de acordo com o meu comportamento. Se eu não entendo isso, isso não quer dizer que as consequências cármicas não vêm”.

Essa noção é de extraordinária importância porque, quando nós estamos fazendo uma disputa filosófica, parece que é um outro. Mas aqui não é assim. Por exemplo, nós podemos ter uma disputa filosófica nesse ponto, mas independente de quem vencer, o resultado das nossas ações segue igual. É como se tivesse alguma coisa andando independente das nossas idéias. E, às vezes, pensamos que, por termos algum tipo de poder (político, econômico, intelectual, etc.), nós podemos fazer assim ou assado e pronto! A pessoa pode até fazer, mas a consequência correspondente surge.

Nós, então, substituímos a noção de filosofia propriamente pela noção de “**ver a realidade como é**”. Então, o Dalai Lama vai usar essa noção e vai dizer: “*O nosso problema é que nós não vemos a realidade como é*”. Nós deveríamos ter muito cuidado, pois se tivermos uma noção filosófica preponderante, dominante, implantada, se ela não for uma visão lúcida, nós vamos ter graves problemas.

OS DOIS ASPECTOS DO CO-SURGIMENTO INTERDEPENDENTE

Elo	Quando condicionado pela mente deludida	Quando condicionado pela mente verdadeira
1	Ignorância (<i>avydia</i>)	Entendimento Claro (<i>vydia</i>)
2	Ações Volicionais (<i>samskara</i>)	Grande Aspiração (<i>mahapranidhana</i>)
3	Consciência (<i>viijnana</i>) <ul style="list-style-type: none"> • Cinco Primeiras Consciências • <i>Manovijjnana</i> • <i>Manas</i> • <i>Alayavijjnana</i> 	Quatro Sabedorias <ul style="list-style-type: none"> • Sabedoria da Realização Maravilhosa • Sabedoria da Observação Maravilhosa • Sabedoria da Igualdade • Sabedoria do Grande Espelho
4	Mente/Corpo (<i>namarupa</i>)	Corpo de Transformação (<i>nirmanakaya</i>)
5	Seis Órgãos dos Sentidos e seus Objetos (<i>ayatana</i>)	Corpo do Resultado (<i>Sambhogakaya</i>)
6	Contato (<i>sparsha</i>)	Atenção do Contato
7	Sentimento (<i>vedana</i>)	Atenção do Sentimento
8	Desejo (<i>trishna</i>)	Quatro Mentes Imensuráveis (<i>brahmaviharas</i>)
9	Apego (<i>upadana</i>)	Liberdade (<i>apranihita</i>)
10	Vir a Ser (<i>bhava</i>)	Ser Maravilhoso
11	Nascimento (<i>jetī</i>)	Sabedoria do Não-nascimento
12	Velhice e Morte (<i>jana-marana</i>)	Sabedoria da Não-morte